

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE

TUNIKO

Discutindo a questão da legalização do Aborto

Autor: André René Barboni

FEIRA DE SANTANA-BA

2013

André René Barboni

TUNIKO

Discutindo a questão da legalização do Aborto

Tese apresentada ao Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana para progressão na carreira de Professor Titular B para Pleno.

Área de Concentração: Informática em Saúde

FEIRA DE SANTANA-BA

2013

Se imaginais que matando homens evitareis que alguém vos repreenda a má vida, estais enganados; esta não é uma forma de libertação, nem eficaz, nem honrosa. Ao invés de tapar a boca dos outros, deveis preparar-vos para ser o melhor possível. Com este vaticínio despeço-me de vós que me condenastes à morte.

Sócrates

Há momentos de tomada de decisão em que vem a covardia e pergunta: É segura? Vem o oportunismo e pergunta: É política? Vem a vaidade e pergunta: É popular? Mas, vem a consciência e pergunta: É correta?

Martin Luther King Jr.

Eu sinto que o grande destruidor da Paz é o aborto. Porque é uma guerra contra as crianças; uma matança de crianças inocentes assassinadas pela própria mãe. E se nós aceitarmos que uma mãe pode matar seu filho, como é que nós podemos pedir às outras pessoas que não se matem?

Madre Teresa de Calcutá

DEDICATÓRIA

Ao meu netinho, ANTÔNIO MATEUS VALENTE BRAZ BARBONI, por tudo o que representa para mim e para a sua família, pelo que pode fazer para o Brasil ser um país melhor para se viver. É com muita emoção e carinho que eu lhe dedico este trabalho.

A MINHA FAMÍLIA, AMIGOS e todos aqueles que torcem pelo meu sucesso.

AGRADECIMENTOS

A RAFA, VIVI e NATI, por tudo o que vocês representam para mim.

Aos amigos do Curso de Filosofia da UEFS, por nossas discussões e debates.

Aos amigos e funcionários da UEFS.

OBRIGADO!...

RESUMO

Barboni AR. **TUNIKO - discutindo a questão da legalização do Aborto**. Feira de Santana; 2013. [Tese de progressão de carreira de Titular para Professor Pleno - Departamento de Saúde - UEFS].

No Brasil, estima-se que anualmente ocorram mais de um milhão de abortos provocados a cada ano. A grande maioria se dá de forma clandestina e em condições higiênico-sanitárias que põe em risco a vida da mulher. Reconhecidamente, este é um grave problema de saúde pública cuja solução requer uma ampla discussão da nossa sociedade. Neste trabalho, procuramos uma forma mais leve de discutir um assunto polêmico que envolve questões religiosas, científicas, culturais e filosóficas. Desta forma o tema da legalização ou não do aborto é tratado na forma de um diálogo entre o espírito de um avô e o seu neto quando estes estão dormindo. De convicção espírita e formação filosófica o avô aproveita a indagação do seu neto sobre “quem somos nós?” para demonstrar que existem dois tipos de visão de mundo: uma espiritualista que parte da noção de que somos dotados de uma essência, um princípio inteligente, que é a nossa alma imortal que sobrevive à morte do corpo físico e; a outra materialista que afirma que este princípio inteligente nada mais é do que o resultado das próprias leis que regem a matéria e que uma vez que o corpo físico morre este princípio também se finda com ele. Estas duas visões de mundo representam dois referenciais onde o conhecimento, mesmo produzido de forma fragmentada, tem neles a sua unidade. Somente um destes referenciais pode estar certo. Não há como os dois serem verdadeiros ou falsos ao mesmo tempo. Embora tenhamos a impressão de que no passado o referencial espiritualista estivesse mais presente e que agora o referencial materialista assume ares de estar com a verdade, em todos os tempos eles sempre se mostraram presentes. Durante a conversa com o seu neto, o avô procura mostrar que existem três tipos de personalidades em toda a humanidade: duas delas são egoístas e agem pela força ou pela astúcia; a outra é altruísta e procura fazer sempre o que é certo e justo, mesmo quando isso lhe traz grandes prejuízos. Uma questão, então, se apresenta - qual referencial está com a verdade: o materialista ou o espiritualista? Não é objetivo do avô provar qual deles é o correto, mas ele aponta o estudo sério e aprofundado das obras de Allan Kardec como um caminho seguro para se constatar que se temos uma alma imortal que sobrevive à morte do corpo físico, se esta alma imaterial se reveste de um perispírito semi-material e que juntos eles formam o espírito, que pode estar ligado, ou não ao corpo físico. E se o espírito das pessoas que aqui viveram e já passaram pelo fenômeno da morte podem se comunicar com quem vive aqui na Terra por meio de pessoas conhecidas como médiuns (intermediários). Então, esta comunicação é a prova viva de que o referencial correto é o referencial espiritualista. Para Kardec, Espiritismo não é religião, pois não tem templos, dogmas nem sacerdotes e é totalmente baseado em leis naturais, é uma ciência positiva e uma doutrina com implicações éticas, morais e filosóficas. Com base neste arcabouço de conhecimento o avô analisa com o neto a questão do aborto induzido. Utilizando-se de dados da literatura científica e do DATASUS ele mostra que os argumentos em defesa da legalização do aborto são frágeis pois se pautam num referencial materialista e num discurso falacioso que tenta nos convencer de que um Estado laico é um Estado ateu e que sendo assim, Ele deve ignorar as questões relativas à alma, pois isso é assunto de religião, e deve permitir e financiar as condições para que as mulheres possam fazer abortos sempre que desejarem, pois esse é o seu direito e a decisão pertence a ela pois é questão de foro íntimo. O avô, junto com o neto, desconstrói esta ideia e mostram que a vida começa antes do nascimento e, dado o fato de termos uma alma imortal que sente antes mesmo da criança nascer, isso não pode ser desprezado. Portanto, um Estado laico tem o dever de garantir o direito deste futuro cidadão estar no mundo. Este direito está acima da vontade da mulher. Uma política pública que se diz em defesa da vida deveria focar na melhoria dos sistemas de planejamento familiar e na valorização dos laços de família, pois sem gravidez indesejada não existe aborto provocado.

Descritores: Saúde Pública. Aborto provocado. Legalização do Aborto. Espiritualismo. Materialismo.

ABSTRACT

Barboni AR. **TUNIKO - discussing the issue of the legalization of Abortion.** Feira de Santana; 2013. [Thesis for career progression for Titular to Full Professor - Departament of Health - UEFS].

In Brazil, it is estimated that annually occur over a million abortions each year. The vast majority occurs clandestinely and sanitary conditions which endanger the woman's life. Admittedly, this is a serious public health problem which solution requires a comprehensive discussion of our society. In this work, we seek a milder form of discussing a controversial issue involving religious issues, scientific, cultural and philosophical. Thus the issue of legalization or not abortion is treated in the form of a dialogue between spirit of a grandfather and his grandson when they are sleeping. Spirit of conviction and philosophical training the grandfather takes the question of his grandson about "who we are?" to demonstrate that there are two types of worldview: a spiritualist who share the notion that we are endowed with an essence, an intelligent principle, which is the our immortal soul that survives the death of the physical body; the other materialist who says that this intelligent principle is nothing more than the result of the very laws that govern matter and that once the physical body dies this principle also ends with it. These two worldviews represent two frames where knowledge even produced a fragmented way, your unit has them. Only one of these references may be right. There is no way both be true or false at the same time. Although we have the impression that in the past this was more spiritualist referential and referential materialist who now assumes the airs of being with the truth at all times they have always been present. During the conversation with his grandson, the grandfather tries to show that there are three types personalities in all of humanity: two of them are selfish and act by force or astuteness, the other is selfless and always tries to do what is right and just, even when it brings great harm. A question then presents itself - which referential is with to the truth: the materialist or spiritualist? It is not the purpose grandfather prove which one is correct, but he points out the serious and thorough study of the works of Allan Kardec as a safe way to see that if we have an immortal soul that survives the death of the physical body, if this soul is immaterial coats of a semi-material perispirit and that together, they form the spirit that can be connected or not to the physical body. And if the spirit of the people who lived here and been through the phenomenon of death can communicate with those who live here on earth through people known as mediums (intermediate). Then, this communication is living proof that the correct reference is the reference spiritualist. To Kardec, Spiritualism is not religion, it has no temples, priests and dogmas, it is completely based on natural laws, is a positive science and doctrine with ethical, moral and philosophical. Based on this framework of knowledge grandfather with grandson examines the issue of abortion. Using data from the scientific literature and DATASUS it shows that the arguments in defense of legalized abortion are fragile because they are guided in a reference material and a misleading speech that tries to convince us that a laic State is a State that being an atheist and thus, It should ignore the issues of soul, as this is a matter of religion, and must allow and fund the conditions for women to have abortions whenever they want, because that is their right and the decision belongs to her because it is concerned of an intimate nature. The grandfather, along with his grandson, deconstruct this idea and show that life begins before birth, and given the fact that we have an immortal soul that feels even before the child is born, it can not be neglected. So, a laic State has the duty to guarantee the right of this future citizen being in the world. This right is above the will of the woman. A public policy that says in defense of life should focus on improving systems for family planning and in the valuation of family ties, because without unwanted pregnancy the abortion not exists.

Keywords: Public Health. Abortion. Legalization of Abortion. Spiritualism. Materialism.

LISTA DAS FIGURAS

- 1 – Figura obtida da internet que apresenta o espectro de frequências conhecido.....3
- 2 – Matriz de fragmentação do conhecimento (Weil, D'Ambrosio e Crema, 1993) modificada por Barboni em 2013.....5
- 3 – Número de nascidos vivos em função do tipo de parto, Brasil – 1994-2010.....59

LISTA DAS TABELAS

- 1 – Internações por aborto e estimativas de aborto induzido, Brasil, 1998-2012.....44
- 2 – Óbitos por gravidez, parto e puerpério, para cada 100.000 nascidos vivos, segundo raça/cor da mulher em idade fértil, Brasil, 1996-2010.....64
- 3 – Óbitos por Diabetes Mellitus, para cada 100.000 nascidos vivos, segundo raça/cor da mulher em idade fértil, Brasil, 1996-2010.....64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------------------|--|
| AE | Aborto espontâneo |
| AGI | Alan Guttmacher Institute |
| Anis | Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero |
| ARM | Aborto por Razões Médicas |
| CFFC | Catholics for a Free Choice |
| Cytotec | Nome comercial do Misoprostol - um medicamento para prevenção de úlceras gástricas e que também é abortivo |
| DATASUS | Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde |
| EAGI-3 | Estimativa de aborto induzido calculada pelo Instituto Alan Guttmacher utilizando o fator de correção 3 ($TIA \times 0,84 \times 3$) |
| EAGI-5 | Estimativa de aborto induzido calculada pelo Instituto Alan Guttmacher utilizando o fator de correção 5 ($TIA \times 0,84 \times 5$) |
| EMA | Estimativa de aborto induzido calculada por Monteiro e Adesse ($TIA \times 5 \times 1,125 \times 0,75$) |
| EMAM | Estimativa de aborto induzido baseada em Monteiro e Adesse e modificada por Barboni ($OGRA \times 5 \times 1,125$) |
| EUA | Estados Unidos da América |
| OGRA | Outras gravidezes que terminam em aborto |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| SIH | Sistema de Informações Hospitalares |
| SIM | Sistema de Informação sobre Mortalidade |
| SINASC | Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos |
| Sistema COEX | Sistema de Experiência Condensada |
| SUS | Sistema Único de Saúde |
| TIA | Total de internações no SUS por aborto |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 2 | DESENVOLVIMENTO..... | 2 |
| 2.1 | Quem somos nós?..... | 2 |
| 2.2 | A Reencarnação do ponto de vista filosófico..... | 9 |
| 2.3 | O forte, o astuto e o justo..... | 19 |
| 2.4 | Os referenciais materialista e espiritualista..... | 25 |
| 2.5 | A questão da legalização do Aborto..... | 33 |
| 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 78 |
| | REFERÊNCIAS..... | 83 |

1 INTRODUÇÃO

Em 2011 tivemos presentes a duas palestras onde os oradores, um filósofo e um importante pesquisador da área de Políticas de Saúde, deram a entender que a legalização do aborto era uma necessidade e que a religião e a Igreja Católica, mais especificamente, era o grande opositor a esta “necessidade”. Isto aconteceu num curto espaço de tempo e eu tive a oportunidade de trocar ideias com outras pessoas que pareciam compartilhar da mesma opinião. O que mais me chamou a atenção, com relação a este assunto, não era o fato de algumas pessoas, de uma classe privilegiada e intelectual da sociedade, defenderem a legalização do aborto e culparem a Igreja/Religião por barrar o “progresso” do Brasil, mas o fato delas argumentarem que estavam lutando em defesa da vida. Como fazer um aborto pode ser uma luta em defesa da vida? Eis a questão que provocou este trabalho.

O que se pretende aqui é fornecer subsídios para uma discussão mais aprofundada e menos preconceituosa sobre a necessidade ou não da legalização do aborto, levando-se em consideração a valorização da vida, os aspectos científicos, filosóficos, religiosos e culturais que a questão envolve. E, desta forma, tentar achar um foco mais consistente e coerente com o discurso em defesa da vida. É em homenagem a Platão, Santo Agostinho e à própria Filosofia que esta modesta contribuição foi escrita na forma de um “diálogo ilustrado” entre mim e o meu neto Antônio Mateus. Seu objetivo geral consiste em discutir a questão da legalização do aborto, fazendo uma pequena revisão bibliográfica com a finalidade de dar subsídios técnicos à reflexão, esboçando a atual situação, com base em dados secundários disponibilizados pelo DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), e compreender as necessidades do país com o fim de desenvolver soluções estratégicas para o problema do aborto provocado que, de fato, estejam em conformidade com a proposta em defesa da vida.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Quem somos nós?...

Antônio Mateus

Vô, quem somos nós?

André Barboni

Tuniko, esta é uma pergunta que muita gente importante já se fez e que a ciência e a filosofia se ocuparam desde os seus primórdios.

Antônio Mateus

Filosofia? O que é Filosofia?

André Barboni

Por incrível que pareça, esta também é uma questão filosófica. De onde viemos? Para onde vamos? Qual a origem de tudo? O que é a alma? Ela de fato existe? Se existe, ela é eterna? O que acontece depois que morremos? O que é Deus? São todas elas, questões filosóficas, mas que, de certa forma, a ciência também, ou pelo menos, os grandes cientistas sempre se ocuparam.

Antônio Mateus

Como assim?

André Barboni

A palavra filosofia vem do grego *φιλοσοφία* que, literalmente, quer dizer “amor à sabedoria”. Este talvez seja o melhor caminho para a gente chegar ao verdadeiro espírito da filosofia.

Antônio Mateus

Verdadeiro espírito da filosofia?

André Barboni

Pode-se dizer, pelo menos para nós que vivemos no mundo ocidental, que a filosofia começou na Grécia Antiga com alguns pensadores originais como: Tales de Mileto, Pitágoras, Heráclito, Parmênides, Protágoras, entre outros. Note que o ato de pensar está tão intimamente ligado à Filosofia que ela é constantemente representada pela estátua “O pensador” de Auguste Rodin, ou então, por uma coruja, ave ligada à deusa Atena e a ideia de sabedoria, o que nos faz retomar o nosso caminho inicial e também voltar à sua questão filosófica: quem somos nós?

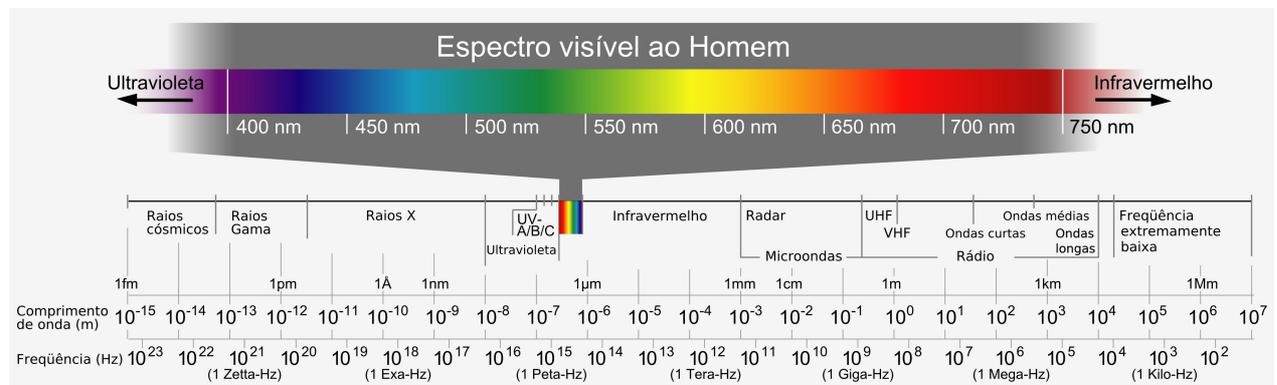
Antônio Mateus

Explique melhor isso, meu avô.

André Barboni

Como dissemos anteriormente, a Filosofia, inegavelmente, remonta à Grécia Antiga, onde as primeiras pessoas dignas de serem consideradas filósofos já sabiam que os nossos sentidos são limitados e enganadores. Com efeito, a visão, um dos sentidos mais usados pelo homem no processo de aprendizado, só consegue captar uma pequena faixa de frequências de todo o espectro conhecido (Figura 1). E o mesmo se dá com os demais sentidos do homem. Que nem mesmo são os mais apurados entre todos os animais do globo terrestre.

Figura 1 – Figura obtida da Internet que apresenta o espectro de frequências conhecido.



Mas, evidentemente, o homem tem uma extraordinária capacidade criativa e uma habilidade quase ilimitada de construir instrumentos e, isso lhe permitiu criar artefatos capazes de sondar tanto as profundezas do Universo quanto o microcosmo. Toda esta capacidade criativa e o aparato instrumental e teórico que o desenvolvimento da ciência e da filosofia lhe proporcionou, ao longo dos séculos de sua história, o conduziram a construir aparelhos cada vez mais sofisticados, como aceleradores de partículas, telescópios e sondas espaciais para tentar desvendar os segredos do Universo, ou pelo menos, produzir teorias capazes de dar algum sentido aos fenômenos que observamos e uma explicação lógica e racional para “tudo”.

Para os mais incautos, essa extraordinária capacidade criativa do homem, os fazem pensar que somos, de fato, criaturas privilegiadas, que tudo podemos e, que não há limites para a nossa ação. Os mais sábios, porém, são mais prudentes e conseguem perceber que quanto mais sabemos mais nos damos conta de quão é grande a nossa ignorância.

Note que tudo o que falamos até agora está ligado à busca pelo verdadeiro conhecimento e do bom uso que dele podemos fazer que, de certa forma, pode ser traduzido em sabedoria. As universidades são hoje os grandes centros em que se concentram as pessoas que buscam o conhecimento e o próprio lema da UEFS, *Stientibus*, representa esta “sede de saber”.

Antônio Mateus

Que interessante.

André Barboni

Um amigo meu chegou a propor a seguinte analogia: “o conhecimento é como o ar e a gente é como um balão de festas, quanto mais conhecimento adquirimos, mais cheio fica o balão e maior é a sua área em contato com o ar exterior daí, quanto mais se sabe mais se percebe o quão é grande a nossa ignorância”. Esta analogia é perfeita para se entender, entre outras coisas, porque Sócrates, um grande filósofo ateniense, era considerado o homem mais sábio do seu tempo, pois a sua forma de conduzir as suas investigações o levava a ter uma noção do conhecimento que ele ainda não possuía e, reconhecer isto era o primeiro passo rumo ao verdadeiro conhecimento.

Como chegar à verdade? Esta é uma pergunta que Sócrates certamente se fazia e que sempre foi objeto de preocupação do homem inteligente. Se os nossos sentidos são enganadores, como já o afirmavam os filósofos da antiga Grécia, a que recorrer para se chegar à verdade?

Antônio Mateus

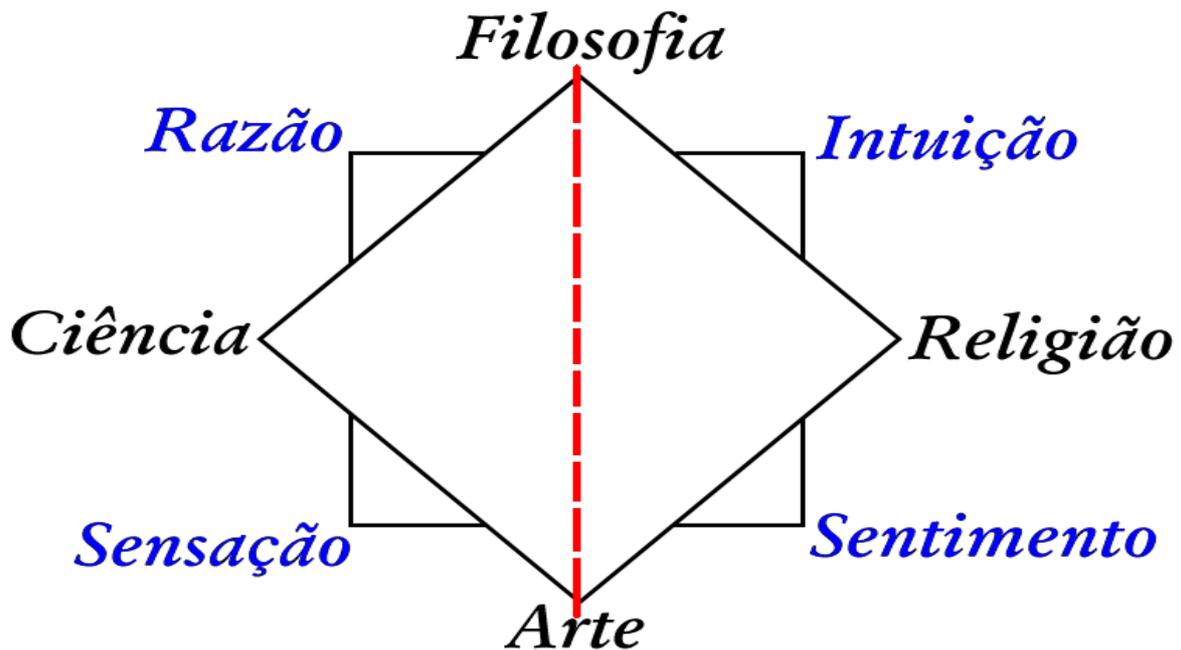
Esta era a pergunta que eu estava me fazendo.

André Barboni

Weil, D’Ambrosio e Crema (1993) construíram uma figura que nos ajudou a pensar o assunto. Segundo esta figura, o conhecimento se fragmenta em quatro grandes áreas: Ciência, Filosofia, Religião e Arte, representadas nos vértices de um quadrado rotacionado 45° em relação à horizontal. Subposto a este estaria outro quadrado paralelo à horizontal de forma que nos seus vértices: entre a Ciência e a Filosofia estaria a Razão, entre a Filosofia e a Religião a Intuição, entre a Religião e a Arte o sentimento e entre a Arte e a Ciência a sensação. À esta representação (Figura 2) eu acrescentei à figura original uma linha divisória tracejada em vermelho que nos será útil em nossas futuras análises.

Para mim esta é uma importante “chave de entendimento” pois, na antiga Grécia, Arte, Ciência, Filosofia e Religião não estavam separadas como hoje. Elas, muitas vezes, se confundiam e faziam parte dos processos de compreensão de mundo do homem grego. Durante certo tempo o grande oráculo do conhecimento humano se deu pela mão dos artistas e dos sacerdotes. A filosofia ajudou o homem a compreender a realidade através de explicações mais racionais que os mitos, mas muitas vezes recorrendo a eles para dar as suas explicações. Se vamos falar em filosofia, precisamos aproximar minimamente nosso pensamento do pensamento do homem grego e dos filósofos que vamos tratar.

Figura 2 – Matriz de fragmentação do conhecimento (Weil, D'Ambrosio e Crema, 1993) modificada por Barboni em 2013.



Antônio Mateus

Concordo, mas acontece que o mundo em que vivemos é muito diferente daquele em que eles viviam. O conhecimento e a tecnologia não são mais os mesmos.

André Barboni

Sim, e por isso devemos ter todo o cuidado quando lemos um texto escrito por um autor de outra época, e/ou outra cultura. As palavras mudam de sentido com o tempo e a cultura, ou até mesmo de pessoa para pessoa e precisamos estar atentos a isso. Hoje em dia, o mundo reconhece a valiosa contribuição dada por filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, que influenciaram e ainda continuam influenciando gerações de pensadores que se admiram como, por exemplo, Demócrito, outro filósofo da Antiguidade, conseguiu chegar, naquele tempo, à ideia do átomo. Mas, parece que a admiração de uns é bastante seletiva. É claro que ao estudar textos de autores que viveram em outras épocas, numa sociedade com outros valores e costumes, fica difícil para o homem da atualidade, compreender o pensamento daqueles autores sem nenhuma distorção.

Note que segundo uma das teorias mais aceitas, hoje em dia, o Universo, como o conhecemos, surgiu a cerca de treze bilhões de anos atrás a partir de uma singularidade que explodiu (Teoria do Big Bang). A partir daí, tudo teria se formado, espaço e tempo. O que, de certa forma, é coerente com diversas narrativas religiosas muito antigas sobre a origem do

mundo. O que nos faz pensar que: a intuição, as visões, as inspirações e as revelações também têm algo útil a acrescentar no processo de desenvolvimento do conhecimento humano e que, em hipótese alguma, pode ser desprezado. Essa é uma das razões pelas quais eu admiro tanto a matriz de fragmentação do conhecimento da Figura 2. Ela é simples, mas tem elementos suficientes para conduzir uma boa análise dos meios que utilizamos para adquirir conhecimento e como você verá, ela também nos permitirá colocar as coisas em foco.

Antônio Mateus

Eu estou curioso. Fale mais.

André Barboni

Ao longo deste espaço de tempo muita coisa aconteceu: novas descobertas foram feitas; novas ideias e pontos de vista se apresentaram; as condições sociais e econômicas mudaram; o aparato tecnológico é outro e é evidente que: certas ideias não fazem mais sentido; certos questionamentos perderam a sua força ou mesmo, já encontraram uma solução definitiva, mas outros ainda permanecem atuais. E, “quem somos nós?” certamente é um deles.

Nas horas que antecederam a sua morte, Sócrates, que havia sido condenado a esta pena por corromper a juventude da época, discutia esta questão com seus amigos. A ideia de que todos nós somos formados por um corpo corruptível e por uma alma imortal que sobrevive à morte do corpo, não foi inventada por Sócrates, mas era defendida por ele e não era estranha aos seus amigos. Mais ainda, tanto Sócrates como Platão, defendiam que esta alma imortal habitaria vários corpos ao longo da sua jornada rumo ao conhecimento verdadeiro. A noção de reencarnação é bastante clara no mito da caverna.

Antônio Mateus

Condenação à morte? Corromper a juventude? Mito da caverna?...

André Barboni

Sócrates era bastante curioso, tinha um espírito investigativo bastante aguçado, assim como você, vivia fazendo perguntas e, como se achava o mais ignorante dos homens se aproximava com suas perguntas de todo aquele que dizia saber alguma coisa, em qualquer lugar e oportunidade que se apresentava, em público e em particular, e, de pergunta em pergunta, logo ficava evidente que o que estas pessoas diziam que sabiam não era, propriamente, um conhecimento verdadeiro. Estes pseudo-sábios, logo desconversavam e saiam contrariados com aquele que os fizeram encarar a sua ignorância, deixando-os em uma situação embaraçosa perante aos demais.

Antônio Mateus

Agora eu entendi porque eles quiseram matá-lo. Eu suponho que a juventude da época devia se divertir com o embaraço destas pessoas, e como eles não tinham televisão, computador ou vídeo game, não tinham muito o que fazer para se divertir. Estar perto de Sócrates deveria ser uma forma de dar boas risadas. Mas, ainda não entendi esta tal história de “mito da caverna”.

André Barboni

Você está certo, Sócrates foi um filósofo genial, que de fato atraiu grandes admiradores e amigos, mas que também fez grandes inimigos, pelo simples fato de ser um homem íntegro e buscar insistentemente a verdade. A sua forma de pensar e agir o levou a conceitos e ideias muito além do seu tempo. Ele nada escreveu e basicamente o que chegou até nós das suas ideias se deu por intermédio de Platão, um dos seus discípulos.

Antônio Mateus

A tal juventude corrompida?

André Barboni

Exato. O mito da caverna, ou alegoria da caverna, surge com a tentativa de Sócrates consolar seus amigos e fazê-los entender a sua tranquilidade diante da morte iminente. Sócrates, assim como Platão, eram reencarnacionistas. Acreditavam que a alma dos homens podia habitar, ao longo dos séculos, vários corpos diferentes. Esta transmigração se dava num processo que visava fazer com que a alma deste homem atingisse um estado de perfeição. O mundo sensível, tal como nós o conhecemos, se assemelha a uma estranha caverna onde os homens estão aprisionados por correntes que os imobilizam de tal forma que a única visão que eles conseguem ter é de uma das paredes da caverna. Acontece que atrás destes homens existe um muro e por trás deste muro uma grande fogueira, situada de tal forma que ilumina a parede que os prisioneiros conseguem ver. Todos os dias pessoas passam atrás deste muro carregando objetos na cabeça, cuja sombra é projetada na parede da caverna. Para os prisioneiros, estas sombras são a realidade e os sons que eles escutam, provém destas imagens.

Antônio Mateus

Que estranho...

André Barboni

Pois é, o filósofo seria aquele prisioneiro que a muito custo conseguiu sair da caverna, conseguiu suportar a dor de ver a luz do sol depois de ter passado tanto tempo na escuridão. Que após ter conseguido adaptar os seus sentidos para perceber o mundo real tem a consciência de

que as sombras da caverna não passavam de mera ilusão e percebe que tem o compromisso moral de libertar os seus companheiros de infortúnio e fazê-los compreender a realidade. Assim, imbuído destes sentimentos ele retorna à caverna e com todas as suas forças tenta convencer os prisioneiros da verdade. Eles não acreditam nele, acham que ele está louco e o agridem. Ele age de forma altruísta, com risco da própria vida, tenta libertar seus companheiros da ignorância. Este é o verdadeiro papel do filósofo. O próprio Sócrates é um exemplo vivo disto.

Antônio Mateus

Que legal. Mas me parece que aí tem bem mais do que uma simples história.

André Barboni

De fato, embora a noção de imortalidade da alma encontre amparo na mente da grande maioria das pessoas, que aceitam isso como verdade, por fé ou por convicção, não se pode dizer que o entendimento que elas têm da “alma” seja o mesmo. Para uns, a alma, princípio inteligente e essência do ser humano, é criada no momento da concepção, forma junto com o corpo aquilo que chamamos homem, e após a morte do corpo, dele se desprende e seu destino depende das ações que praticou neste mundo material. Esta ideia é comum a várias religiões. Outros, porém, também admitem a existência de uma alma imortal, mas tal como Sócrates e Platão, admitem que a alma, enquanto presa à “roda das encarnações” habita diversos corpos que não passam de vestimentas necessárias ao seu progresso. Esta noção também é comum a várias religiões. Há também, aqueles que acreditam num princípio inteligente existente em cada pessoa, mas que uma vez morto o corpo, este princípio também se finda.

Antônio Mateus

Como eles podem pensar isso?

André Barboni

De fato, a ciência e a filosofia não conseguiram provar até hoje, para estas pessoas, que Deus existe e que temos uma alma imortal que mantém a sua individualidade após a morte do corpo. Mas por outro lado, também não conseguiu provar que não existe. Tudo parece ser uma questão de fé na existência ou na inexistência de Deus e da alma imortal. Basicamente, podemos dividir a humanidade em três grandes grupos: G1– os que acreditam na imortalidade da alma e são reencarnacionistas; G2 – os que acreditam na imortalidade da alma e não admitem a reencarnação e G3 – os que não admitem uma alma imortal que sobreviva à morte do corpo. Para efeitos práticos, podemos considerar também que G1 e G2 acreditam em Deus e que G3 não admite essa possibilidade.

2.2 A Reencarnação do ponto de vista filosófico...

Antônio Mateus

Para mim esta divisão parece razoável.

André Barboni

O conceito de reencarnação remonta a Sócrates e Platão, mas não está circunscrito a eles nem se origina a partir deles. No entanto, para a cultura ocidental, estes dois filósofos se constituem pedras fundamentais do pensamento humano e resumidamente pode-se dizer que para eles: o homem é constituído de um corpo mortal e uma alma imortal; a alma sobrevive à morte do corpo e pode vir a habitar um novo corpo; antes de retornar a um novo corpo a alma bebe das águas do *Lethé* (rio do esquecimento); o filósofo é um ser especial que tem o pensamento voltado ao “mundo das ideias” e às coisas do espírito, conseqüentemente, sente pouca sede diante do “rio do esquecimento” e ao beber pouco desta água consegue ter algumas reminiscências do “mundo das ideias”. Esse era um ponto fundamental para a sua teoria do conhecimento. Pode-se dizer ainda que toda a filosofia de Sócrates e Platão se baseia no fato de que para eles, o mundo material em que nós vivemos se constitui numa cópia imperfeita do “mundo das ideias”, que é para onde se dirige as almas daqueles que conseguiram obter sucesso na sua jornada no mundo sensível.

Antônio Mateus

Isto até me faz lembrar do espiritismo.

André Barboni

A gente vai chegar lá, mas primeiro precisamos entender como as coisas se deram até que Kardec pudesse trazer de volta ao mundo ocidental, e à discussão filosófica, a noção de reencarnação.

Antônio Mateus

Mas ela alguma vez deixou de existir?

André Barboni

De fato não, mas pelo menos no ocidente, durante um longo período ela se restringiu a apenas alguns poucos eruditos e iniciados.

Antônio Mateus

Como assim?

André Barboni

Mais do que em Sócrates e Platão, a noção de reencarnação também fica evidente não só na história e cultura oriental, mas também, na cultura de diversos povos da América pré-colonial e algumas nações africanas. Na bíblia, e mais especificamente no Novo Testamento, duas passagens chamam a atenção, uma de Nicodemos com Jesus:

1-2 Havia uma autoridade religiosa entre os judeus cujo nome era Nicodemos. Ele veio a Jesus à noite e disse: “Mestre, todos nós sabemos que Deus enviou o Senhor para nos ensinar. Os seus milagres são uma prova suficiente disto”. 3 Jesus respondeu: “Verdadeiramente, digo-lhe isto: Se alguém não nascer de novo, nunca poderá ver o Reino de Deus”. 4 “Nascer de novo!”, exclamou Nicodemos. “O que o Senhor quer dizer? Como pode um homem velho voltar para o ventre da sua mãe e nascer outra vez? 5-7 Jesus respondeu: “O que eu lhe estou dizendo é verdade: Se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito. Portanto, não se admire da minha declaração de que é preciso nascer de novo! 8 Assim como você pode ouvir o vento, mas não pode dizer de onde vem ou para onde vai; assim acontece com todos os nascidos do Espírito”. 9 “Como pode ser isso?”, perguntou Nicodemos. 10-12 Jesus respondeu: “Você é mestre em Israel e ainda assim não entende estas coisas? Eu afirmo a você que isto é verdade: Nós falamos daquilo que sabemos, e testemunhamos do que vimos, e mesmo assim vocês não querem crer em mim. Se vocês não creem em mim em quando falo sobre coisas como estas que acontecem aqui entre os homens, como crerão se eu falar de coisas celestes? (João 3:1-12)¹.

Outra no episódio do Monte da Transfiguração:

1 Seis dias depois, Jesus levou consigo Pedro, Tiago, e seu irmão João, para o topo de um monte alto e solitário, 2 Enquanto observavam, o seu aspecto mudou de tal maneira que o seu rosto brilhava como o sol, e as suas roupas tornaram-se brancas como a luz. 3 De repente Moisés e Elias apareceram diante deles, conversando com Jesus. 4 Então Pedro, disse a Jesus: “Senhor, é maravilhoso podermos estar aqui! Se o Senhor quiser, farei três abrigos: um para o Senhor, outro para Moisés, e outro para Elias. 5 Mas assim que ele disse isso, uma nuvem brilhante veio sobre eles, e uma voz disse: “Este é o meu Filho amado, em quem tenho muita alegria. Ouçam-no”. 6 Com isso os discípulos caíram ao chão com o rosto em terra, tremendamente assustados. 7 Jesus veio e os tocou. “Levantem-se”, disse ele, “não tenham medo”. 8 E quando eles levantaram os olhos, não viram mais ninguém a não ser Jesus. 9 Enquanto desciam o monte, Jesus ordenou: “Não contem a ninguém o que vocês viram, até que o Filho do Homem seja ressuscitado”. 10 Seus discípulos perguntaram: “Por que os mestres da lei insistem que Elias deve voltar antes que o Messias venha?” 11 Jesus respondeu: “Eles têm razão. Elias deve vir e por tudo em ordem. 12 Mas eu lhes digo: Elias já veio, mas não foi reconhecido, e foi maltratado por muita gente. Da mesma forma o Filho do Homem também sofrerá na mão deles”. 13 Então os discípulos entenderam que ele estava falando de João o Batista (Mateus 17:1-13)².

Segundo relatos do Evangelho, durante a sua vida aqui na Terra, Jesus pregou o amor, curou doentes, consolou as pessoas, viveu entre os pobres e os necessitados e a sua mensagem ensina: a amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo; fazer aos outros aquilo que gostaria que lhe fizessem; amar uns aos outros assim como Ele nos amou; amar aos nossos inimigos e não perdoar apenas sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes. Em momento algum, se vê palavras de ódio, discriminação ou incitação a qualquer tipo de violência contra

¹ Nova Bíblia Viva – São Paulo: Mundo Cristão, 2010. Utilizamos esta versão da Bíblia, por ter uma linguagem mais próxima e acessível aos jovens do nosso tempo.

² Vide Nota 1.

quem quer que seja e os primeiros cristãos, parece que estavam imbuídos destes sentimentos, acreditavam nas palavras de Jesus e procuravam seguir seus passos, bendizendo seus inimigos, mesmo quando eram sacrificados aos leões, crucificados, queimados e torturados.

O trabalho dos primeiros cristãos consistia em divulgar a mensagem do Cristo, seguir o seu exemplo de amor e viver o Evangelho. Buscavam ganhar o paraíso, mesmo quando isso significava morrer na arena, pois acreditavam que a verdadeira vida era a vida espiritual, que o corpo é mortal, mas a alma imortal. A força que tinham para suportar tais martírios vinha de uma fé verdadeira nestes princípios. Foi justamente esta fé e os exemplos dos primeiros cristãos que pouco a pouco foi conquistando mais e mais adeptos da mensagem do Cristo e com o tempo este movimento conquistou multidões que abalaram a força do império romano decadente.

A elite do império romano, para não perder de vez o poder, absorve a nova Igreja, instituição humana, que vai se formando, ganhando corpo, se instituindo. Os templos pagãos se transformam e as imagens dos deuses e datas festivas são convertidas em santos e datas sagradas do maior sincretismo religioso até então. A organização da Igreja vai contando com contribuições importantes de diversos teólogos como Santo Agostinho, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino e diversos outros doutores que vão interpretando as escrituras e, na medida do possível, conciliando as questões de fé (escrituras) e razão (filosofia).

Antônio Mateus

Sim, mas como fica a questão de reencarnação?

André Barboni

Calma, chegaremos lá no seu devido tempo. Neste período a Igreja, uma instituição humana, se firma como o centro de poder na terra e canal de ligação entre o mundo material e o mundo espiritual. O papa é considerado o representante legítimo de Deus na Terra. A Igreja consegue amearhar um enorme patrimônio físico que, em boa parte, provém dos recursos do antigo império romano. Boa parte do mundo pagão se converte mais por conveniência do que necessariamente por fé. Já não se pode mais dizer que os sacerdotes creem no que pregam. Neste processo, a noção de reencarnação cai, convenientemente, no esquecimento, mais ainda, ações nada evangélicas são cometidas por altas autoridades da Igreja.

Antônio Mateus

Como a inquisição e todo o tipo de prática condenável perpetrada em nome do Cristo, para defender a fé e os interesses da “Igreja” sob o pretexto de “salvar a alma” dos condenados da danação eterna?

André Barboni

Isto mesmo, mas as mentes mais aguçadas e honestas se perguntavam – que Igreja é esta: que vende indulgências; que se diz cristã, mas que busca o poder e a riqueza na Terra; que em vez de difundir o amor, espalha o medo e o terror; que persegue outras religiões e; cujo clero não pratica o Evangelho de Jesus e deixa o povo na ignorância?

A reação a isto tudo é inevitável, porém lenta, pois é muito forte o poder da Igreja. Na tentativa de impor limites aos abusos à esta ação dominadora e dogmática da Igreja, vai-se criando a linha divisória tracejada em vermelho da Figura 2, separando ciência de religião. Com o Renascimento, o homem é novamente valorizado e ocorre uma explosão artística e cultural onde se nota ainda uma forte influência da Igreja, mas com uma ruptura com estruturas medievais que entram em declínio frente às novas e grandes transformações econômicas, sociais, políticas, filosóficas e religiosas. Pode-se considerar este período como um período de transição entre o feudalismo e o capitalismo e que traz no seu bojo uma revalorização e uma redescoberta das referências culturais da antiguidade.

Antônio Mateus

Mas tudo isso levou muitos anos!

André Barboni

Séculos, na verdade. Com as grandes navegações, o mundo e as ideias se expandem, a reforma protestante abala o poder da Igreja do Ocidente que se divide entre os católicos romanos e os reformados (protestantes). Além das razões religiosas, a Reforma também é impulsionada por razões políticas e sociais, caracterizada por: uma maior liberdade para a prática da usura e redução do poder papal. Descartes, um importante filósofo francês, com o seu “método”, provoca uma verdadeira revolução científica e inaugura a Modernidade. Começa o império da razão e grandes descobertas são feitas. O homem começa a acreditar que consegue dominar a natureza. O Iluminismo, a independência americana, a revolução francesa e a ascensão de Napoleão ajudam a difundir as novas ideias, as novas descobertas no campo científico e filosófico ajudam o homem a se libertar da dependência da Igreja e a questionar se Deus de fato existe. Para uns o homem é o centro do Universo.

Antônio Mateus

Parece que vamos cair no outro extremo.

André Barboni

De fato, o lado esquerdo da linha divisória da figura 2 começa a se hipertrofiar.

Antônio Mateus

E como isso fica?

André Barboni

Com o avanço das novas conquistas e descobertas, o mundo vai se tornando cada vez menor, com o advento da imprensa e pela melhoria dos meios de locomoção, as ideias se difundem cada vez mais rápido, as pessoas se deslocam mais facilmente e o conjunto de mudanças tecnológicas tem um profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social. Isto torna mais difícil o controle, por parte da Igreja, sobre a difusão de novas ideias. Com o liberalismo econômico e a acumulação de capital, o capitalismo se torna o sistema econômico predominante e isto também reduz, pelo menos para uns, o controle da Igreja Romana sobre as riquezas e comportamento das pessoas. Com o surgimento da Teoria da Evolução de Charles Darwin, a força da igreja sofre novo abalo.

Ao criacionismo, para uns – uma interpretação ao pé da letra da bíblia, em que tudo teria sido criado por Deus em seis dias de vinte e quatro horas, se antepõe à noção de que a vida, tal como ela se nos apresenta, hoje em dia, é fruto de um processo de seleção natural e sexual que levou milhões de anos e que não tem fim. Isto, com certeza, ajudou a destruir a imagem de um Deus, tal como ele nos era até então apresentado pelas autoridades da Igreja e colabora com a ideia de que acreditar em Deus e nas “verdades” da Igreja é prova de ignorância. Daí a ideia falaciosa de que o bom cientista e o livre pensador precisam se livrar destas amarras, pois as evidências científicas “comprovam” o erro que incorrem aqueles que cegamente aceitam as palavras das escrituras como verdade. Além disso, o histórico posicionamento da Igreja junto às classes dominantes e opressoras vai ser questionado pelos ideais libertários.

Antônio Mateus

Classe dominante?

André Barboni

Este é um conceito que vai ser trabalhado por pensadores como Marx, Engels, Lênin, entre outros, que procuram estabelecer os ideais de uma sociedade igualitária, sem classes e apátrida, baseada na propriedade comum, livre de opressão, onde o controle dos meios de produção e da propriedade em geral se dá de forma democrática e com a participação popular. São estes os principais ideais comunistas que com sua força vão conquistar nações e milhões de adeptos em todo o mundo e se contrapor ao capitalismo. Ironicamente, a sua implantação se dará em países onde as liberdades de expressão e o direito de ir e vir, entre outros, serão suprimidos pelas “ditaduras do proletariado”.

É justamente, na segunda metade do século XIX, no período que Marx estava em plena atividade, que se populariza nos Estados Unidos e na Europa o fenômeno das *mesas girantes*³. Na realidade um conjunto de fenômenos ostensivos, de origem até então desconhecida e, tratados por muitos com zombaria e curiosidade, mas que despertou a atenção do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail que neles viu algo que merecia sua atenção e uma investigação seria e criteriosa dentro dos mais rigorosos padrões da ciência positivista.

Antônio Mateus

Há, finalmente vamos falar de espiritismo.

André Barboni

Sim mas note que não estamos falando de religião.

Antônio Mateus

Como assim, Espiritismo não é religião?

André Barboni

Na concepção de Kardec não.

Antônio Mateus

Agora estou confuso.

André Barboni

Para Kardec, “Espiritismo”, palavra criada por ele, é uma ciência positiva, uma filosofia e uma doutrina moral que tem a finalidade de melhoria da humanidade. Diferentemente de outras pessoas do seu tempo, o professor Rivail, conhecido mais tarde sob o pseudônimo de Allan Kardec, resolve estudar cientificamente os estranhos fenômenos que algumas pessoas sérias lhe haviam reportado. Ao estudá-los, encontra neles explicações para questionamentos que até então não possuíam uma explicação que satisfizesse sua razão. Funda uma sociedade de estudos espíritas e publica o resultado dos seus trabalhos através de livros, como: “O Livro dos Espíritos” (1857)⁴; “O que é o Espiritismo” (1859)⁵; “O Livro dos Médiuns” (1861)⁶; “O Evangelho segundo o Espiritismo” (1864)⁷; “O Céu e o Inferno” (1865)⁸; “A Gênese” (1868)⁹ e,

³ Fenômeno amplamente difundido na Europa e nos Estados Unidos, que consistia de movimento, sem causa física aparente, de mesas e outros objetos pesados, em torno dos quais pessoas de todas classes sociais se reuniam nos salões, muitas vezes, movidas pela curiosidade.

⁴ KARDEC, 1985a.

⁵ KARDEC, 1983.

⁶ KARDEC, 1985b.

⁷ KARDEC, 2002.

⁸ KARDEC, 1984a.

⁹ KARDEC, 1984b.

ainda mantém, a muito custo e esforço pessoal, um periódico: “Revista Espírita” (1858-1869)¹⁰. Posteriormente à sua morte em 1869, seus amigos reuniram algumas de suas anotações e publicaram o livro: “Obras Póstumas” (1890)¹¹.

Durante toda a sua vida Kardec afirmou que o espiritismo não é religião, pois se baseia em leis naturais: a existência de Deus; a imortalidade da alma; a reencarnação; a comunicação entre os espíritos encarnados e desencarnados; e a lei de causa e efeito. Não tem dogmas, sacerdotes e nenhum dos ritualismos que caracterizam as religiões. Para o espiritismo, Deus é a Suprema Inteligência, causa primária de todas as coisas. A ciência dos homens não provou que Deus existe, mas também não provou o contrário, portanto o ateísmo também é uma questão de fé. Fé em que não existe um ente como Deus¹². Para Kardec, “fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão em todas as épocas da humanidade”. Portanto, a fé espírita na existência de Deus se baseia na informação dos espíritos (almas das pessoas que morreram e se comunicaram através de médiuns) e no bom uso da razão e do raciocínio lógico.

Antônio Mateus

Agora estou curioso. Fale mais sobre o pensamento de Kardec.

André Barboni

Para Kardec, “todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito”. Este pensamento era tão fundamental para ele que constava da folha de rosto da Revista Espírita que ele dirigiu desde a sua fundação em 1858 até o seu desencarne em 1869.

Antônio Mateus

Legal, fale mais.

André Barboni

Todo ateu pode acreditar que alma não existe, que não existe vida após a morte do corpo e que Deus é só uma invenção humana para consolar uns e enganar a maioria, mas **para os mais incautos**, se não existe Deus e não temos alma, se nada existe após a morte, então tudo o que importa é desfrutarmos dos bens materiais e gozar os prazeres que a vida pode nos proporcionar, então, todo crime seria justificável desde que o criminoso não fosse apanhado.

¹⁰ Publicado pela Federação Espírita Brasileira (REVISTA ESPÍRITA, 2004a-2004h, 2005a, 2005b, 2007, 2010).

¹¹ KARDEC, 1984c.

¹² Algumas pessoas poderiam questionar: a quem cabe o ônus da prova? Aos céticos ou aos crentes? Este embate pode não ter fim, pois ambos os lados tem ótimos argumentos para delegar ao outro este ônus, mas em questões onde uma crença “A” é utilizada como argumento para autorizar uma ação que do ponto de vista da crença contrária “B” não pode se dar, então, neste caso, o ônus da prova deve recair sobre os defensores da crença “A” para que os defensores da crença “B” se sintam à vontade para acatar tal decisão.

Antônio Mateus

Isto parece lógico. Mas não acho que seja muito certo, pois se cada um fizer o que quer sem medir as consequências dos seus atos, o mundo seria um verdadeiro caos. Uma terra sem lei, onde a maioria das pessoas seriam desrespeitadas.

André Barboni

Concordo, por isso existem leis. Na visão espírita, porém: se Deus existe; se nós temos uma alma que é imortal; se toda causa tem um efeito; se Deus é justo; e se existe reencarnação. Então, não há como fugir dos nossos crimes ou das consequências das nossas ações (boas ou más) e seremos chamados a corrigir cada uma de nossas faltas, por menor que elas sejam.

Antônio Mateus

Isto também parece lógico e certamente é uma implicação em se considerar o princípio da reencarnação como algo real e não só uma teoria formulada para sustentar um sistema filosófico qualquer. Mais ainda, mesmo que a lei dos homens falhe não existe impunidade ou injustiça.

André Barboni

Pois é. Mas, se Deus não existe e nada sobrevive à morte do corpo, então “tudo é permitido”. Mas o que acontece se quem pensa assim estiver errado e agir de forma equivocada?

Antônio Mateus

Ele vai se dar mal.

André Barboni

É evidente que aquele que se conduz praticando boas ações nada tem a temer, pois será recompensado de acordo com o que fez por merecer, mas aquele que agiu de forma egoísta obtendo vantagens à custa do sofrimento dos outros, terá que arcar com as consequências dos seus atos. Note que não se trata apenas de uma questão de castigo e recompensas que virão depois da morte, mas é algo que podemos observar aqui mesmo no nosso dia a dia.

Antônio Mateus

Como assim?

André Barboni

Na escola, por exemplo, se um aluno é aplicado e estuda o conteúdo trabalhado em sala de aula, ele acaba aprendendo e geralmente se sai bem nas provas, mas aquele aluno que não se esforça, a tendência é que ele não aprenda e não tenha o mesmo desempenho daquele que se esforçou. Não é lógico?

Antônio Mateus

Tenho que reconhecer que sim e que isso se aplica também em tudo o mais na nossa vida. Se um bebê coloca o dedinho na tomada ele logo aprende que ela dá choque, o que não é lá muito agradável, mas com o tempo ele aprende o modo certo de utilizá-la a seu favor.

André Barboni

A questão que se apresenta então é a seguinte: vale a pena bancar esta aposta materialista?

Antônio Mateus

Parece que não.

André Barboni

Para fazer o mal basta nada fazer. Fazer o bem implica em gastar energia, pois o bem é ordem e o mal desordem. Fazer o bem exige uma atitude pró-ativa, portanto, não prejudicar os outros, embora seja desejável, não é suficiente. A felicidade depende de uma ação efetiva em prol do nosso próximo, significa agir como aquele sujeito que conseguiu sair da caverna e depois voltou para libertar seus companheiros, mesmo que isso signifique não ser compreendido e ser atacado por quem se está tentando ajudar. Daí o lema maior do Espiritismo ser amor e caridade. Pois fora da caridade não há salvação e sem amor nada tem sentido.

Antônio Mateus

Felicidade? O que a felicidade tem a ver com este assunto?

André Barboni

Como alguém pode ser verdadeiramente feliz sabendo que um filho seu, ou alguém muito querido não é feliz?

Antônio Mateus

É, pensando bem, eu não consigo imaginar como.

André Barboni

Quem é melhor? Alguém que fica feliz com a felicidade de outra pessoa e se entristece com a sua infelicidade ou alguém que é indiferente a isto?

Antônio Mateus

Aquele que é solidário. Aquele que se importa com o outro.

André Barboni

Se Deus existe e é Todo Poderoso, então não há como um único átomo de sua criação se perder ou ser condenado à infelicidade eterna. Você concorda?

Antônio Mateus

Certamente.

André Barboni

A única forma de resolver este dilema é através da reencarnação, pois sem ela, bilhões de almas estariam condenadas à infelicidade eterna e certamente Deus, sendo Bom, não ficaria feliz com isto. Como é que, então, Deus sendo Todo Poderoso, poderia permitir isto?

Antônio Mateus

Se permitir, não pode ser Todo Poderoso. E se não ficar triste com isso, não é Bom.

André Barboni

Com a reencarnação, temos assegurado o nosso livre-arbítrio para escolhermos o nosso caminho, mas a lei de causa e efeito nos obriga a sofrer as consequências dos nossos atos e isto trás a irmã dor, como assim a chamava Francisco de Assis, ela permanece conosco até que mudemos a nossa postura e corramos atrás da felicidade. Desta forma, a sabedoria divina se faz presente. O seu amor nos garante a nossa liberdade de escolha, mas, mais cedo ou mais tarde, todos chegam ao paraíso. Nada mais consolador, não é mesmo?

Antônio Mateus

Claro, agora eu entendi porque você falou de felicidade. Mas por que, então, as igrejas católica, evangélicas, entre outras, não admitem a reencarnação se este conceito era aceito pelos filósofos socráticos, pode ser encontrado em diversas passagens da Bíblia e resolve de forma definitiva tantas questões? Simplesmente não faz sentido.

André Barboni

Quem nos dá a chave de entendimento para isso é Pietro Ubaldi.

Antônio Mateus

Pietro, o quê?

André Barboni

Pietro de Alleori Ubaldi, mais conhecido como Pietro Ubaldi. Um pensador italiano nascido em dezoito de agosto de 1886, em Foligno, e falecido no Brasil em vinte e nove de fevereiro de 1972. Em quase toda a sua obra, publicada em vinte e quatro livros, fruto de um trabalho de quarenta anos de profunda reflexão filosófica, a gente encontra a chave para entender o comportamento humano. E certamente a igreja é uma instituição humana que traz em seu bojo uma enorme quantidade de erros humanos.

Antônio Mateus

Nunca pensei muito nisto.

André Barboni

Você e a grande maioria das pessoas. Mas continuando, para Ubaldi existem basicamente três tipos de pessoas: o forte; o astuto e; o justo.

Antônio Mateus

Só três?

André Barboni

Na realidade, estes três tipos de personalidades/comportamento estão presentes em cada um de nós. Às vezes nos valem da força, outras utilizamo-nos da astúcia para lidar com as diversas situações do nosso dia a dia, mas o ideal é quando agimos segundo os princípios de justiça, não esta justiça dos homens, mas justiça no sentido de fazer a coisa certa, mesmo quando isto nos trás algum tipo de prejuízo. Você me entende?

Antônio Mateus

Mais ou menos.

André Barboni

Ora, as coisas vão ficando mais claras à medida que a gente vai absorvendo os conceitos.

Antônio Mateus

Eu espero que sim, pois está ficando meio confuso.

André Barboni

Confie em mim. Tudo bem?

Antônio Mateus

Tudo bem.

2.3 O forte, o astuto e o justo...

André Barboni

O forte e o astuto são personalidades egoístas enquanto que o justo é altruísta. Ser egoísta não é necessariamente uma coisa ruim, a gente precisa ter certa dose de egoísmo para conseguir realizar alguma coisa. O problema surge quando todos querem impor a sua vontade e a vontade de um não consegue respeitar os direitos e as vontades dos demais. Quando isto acontece,

invariavelmente, temos uma situação de conflito e nem sempre esta situação acaba bem. Fazer a coisa certa implica em saber distinguir o momento de ceder do momento de fazer valer a nossa vontade e isto não pode se basear naquilo que nos é mais vantajoso, mas deve se basear numa visão mais abrangente, numa visão que se aproxime mais da verdade e cujo conhecimento implica em responsabilidade e em certo comportamento ético-moral. Algo como a verdadeira sabedoria que a Filosofia tanto busca.

Antônio Mateus

Como é o caso do filósofo que conseguiu sair da caverna, viu a luz e conheceu a realidade do mundo exterior e depois voltou para livrar os seus companheiros insistindo para que eles conhecessem a verdade mesmo quando eles o trataram como louco e o agrediram?

André Barboni

Precisamente.

Antônio Mateus

Mas por que o filósofo sofre tanto?

André Barboni

Porque ele está quebrando paradigmas.

Antônio Mateus

Paradigmas?

André Barboni

Paradigma, literalmente, quer dizer modelo. Quando se fala em paradigma, as pessoas logo associam esta palavra a Thomas Kuhn, um físico americano que deu grandes contribuições à história e filosofia da ciência, mas basicamente se refere ao fato de que cada pessoa tem uma visão de mundo que tenta preservar e manter a todo custo, pois de certa forma, isto lhe confere certa tranquilidade e conforto, uma espécie de equilíbrio entre o seu eu interior e o cabedal de conhecimento em que ele se insere. Quando alguém apresenta uma nova ideia que, de alguma forma, contradiz este modelo, a tendência é de uma reação forte, e às vezes violenta, à quebra do paradigma. Note que Kuhn se utiliza do termo paradigma para se referir à ciência e para ele o “cientista normal” é aquele que trabalha dentro do paradigma sem questioná-lo. Isso é fundamental para que este cientista possa de fato produzir toda a ciência que o paradigma é capaz de dar conta. Note que este termo tem sido utilizado indiscriminadamente para outras áreas que não só no campo da ciência. A fim de se evitar confusão, utilizaremos o termo “referencial” para tratar de uma visão de mundo que transcende o campo filosófico-científico.

Antônio Mateus

Certo, entendi, mas fale um pouco mais deste tal de “referencial”.

André Barboni

Se falarmos de paradigma as pessoas logo vão raciocinar em termos do conceito proposto por Kuhn. Mas, acontece que as pessoas tem todo um arcabouço de ideias, conceitos e preconceitos que compõe a sua maneira de pensar e ver o mundo. Assim, utilizaremos o termo “referencial” para representar tudo isso e assim, conseguimos evitar uma série de confusões e má interpretações.

Antônio Mateus

Se eu entendi bem, “paradigma” se refere apenas à ciência. É um conceito que Kuhn formulou e que lhe permite distinguir o que é científico do que não é científico. Mas, “referencial” é um conceito que extrapola o campo da ciência e que me permite distinguir duas visões de mundo que, pelo rumo da nossa discussão, envolveriam também os campos da filosofia, da religião e da arte.

André Barboni

E qualquer outro que você quisesse analisar.

Antônio Mateus

Legal!

André Barboni

Agora, posso explicar o papel do gênio na visão ubaldiana. Para Ubaldi, o gênio que também pode ser traduzido como: o avatar, o profeta, o filósofo, o grande cientista, etc., nada mais é do que aquele que após acumular uma bagagem considerável de conhecimento num determinado campo, ao longo de diversas encarnações, vem a este mundo em missão para fazer com que a humanidade avance neste campo do conhecimento. Note que de acordo com a figura 2, o conhecimento está fragmentado e que a ciência liga-se com a filosofia pela razão, mas também se liga com a arte pela sensação. Ciência e religião, assim como filosofia e arte, estão representadas em extremidades opostas. Poderíamos passar horas discutindo sobre isto e sobre a felicidade e sabedoria contidas na construção desta figura, mas o fato destas áreas do conhecimento estar assim representadas não implica que elas sejam inconciliáveis. Lembre-se de que nem sempre foi assim, os antigos gregos não separavam as coisas como nós a separamos.

Antônio Mateus

Certo!

André Barboni

Pois bem! Vejamos, então, a razão, a intuição, a sensação e o sentimento como instrumentos e asas para nos fazer ascender ao verdadeiro conhecimento.

Antônio Mateus

Como asas?

André Barboni

Sim, esta é uma boa analogia, pois alguns cientistas/filósofos defendem a ideia de que para se fazer boa ciência/filosofia tem-se que cultivar a razão, eles não deixam de estar certos, mas a ciência não pode deixar de desenvolver a asa da sensação, que é a asa da experimentação, da fenomenologia que é também uma das asas da arte, que poucos conseguem perceber, mas que Weil, D'Ambrosio e Crema (1993) tiveram a felicidade de registrar. Assim, é comum a gente encontrar pessoas que enxergam estas áreas do conhecimento com apenas uma de suas asas, ou pelo menos uma hipertrofiada e a outra atrofiada. De forma que temos: a ciência com a sensação; a arte com o sentimento; a religião com a intuição e a filosofia com a razão. Esta é a visão mais comum e quando vemos um pensador como Ubaldi desenvolver sua filosofia apoiado na asa da intuição é fácil entender porque ele é tachado por muitos como místico e não como filósofo. Como se Ubaldi não utilizasse a razão e como se outros filósofos consagrados, não se utilizassem da intuição. Há até mesmo, pessoas consideradas grandes filósofos que privilegiam as asas da sensação, mas que ninguém ousa atribuir-lhes o papel de cientista ou artista. Portanto, a figura 2, é importante, na medida em que, ela nos conduz a perceber que só podemos atingir o verdadeiro conhecimento pelo desenvolvimento das quatro asas e pela conciliação das quatro áreas do conhecimento. Ao dividirmos estas áreas podemos até facilitar o processo de análise, mas a síntese só vem com a sua união.

Antônio Mateus

Sim, mas e o gênio?

André Barboni

O verdadeiro gênio se destaca das demais pessoas não só pelo fato de se desviar muito da média, mas principalmente, pelo fato de estar muito a frente do seu tempo. O problema é que as pessoas se sentem incomodadas por aquelas que se desviam muito da média e é comum estas serem excluídas, socialmente falando. Por estar à frente do seu tempo, o gênio também se sente deslocado e isto contribui para o seu isolamento. Portanto, o trabalho do gênio é um trabalho sofrido e solitário. Quebrar paradigmas/referenciais tem um alto custo pessoal que nem todos conseguem suportar, muitos têm um fim trágico, o que, por sua vez, dificulta a aceitação das

novas ideias pelos demais. Muitas só são aceitas, anos depois da morte do gênio. Meu pai costumava dizer que “todo aquele que se adianta cinquenta anos no seu tempo, precisa esperar cinquenta anos para ser compreendido”. Eu diria mais, só o será por uns, pois para outros, mil anos ainda serão insuficientes para que possam compreendê-lo.

Antônio Mateus

Concordo, mas acho que isto se deve mais aos preconceitos que as pessoas têm do que propriamente à sua capacidade de compreensão limitada. Não é verdade?

André Barboni

Exato. Por exemplo, muita gente ao ouvir a nossa conversa pode achar que o assunto de que estamos tratando até agora cabe à Teologia. No entanto, René Descartes (2010, p. 125) escreveu uma carta aos senhores Deão e doutores da Sagrada Faculdade de Teologia de Paris onde ele afirma que sempre estimou que

estas duas questões, de Deus e da alma, eram as principais entre as que devem ser demonstradas mais pelas razões da Filosofia que da Teologia: pois, embora nos seja suficiente, a nós outros que somos fiéis, acreditar pela fé que há um Deus e que a alma humana não morre com o corpo, certamente não parece possível poder jamais persuadir os infiéis de religião alguma, nem quase mesmo de qualquer virtude moral, se primeiramente não se lhes provarem essas duas coisas pela razão natural.

Antônio Mateus

E este é só um exemplo.

André Barboni

Sim, e tem mais, por exemplo, a existência de um corpo semi-material (o perispírito) que possibilita, entre outras coisas, a comunicação com os espíritos das pessoas que morreram. Um dos princípios básicos do espiritismo. Muitas pessoas até conseguem aceitar a ideia de perispírito, isto até resolve muitas questões filosóficas como é o caso de como uma alma imaterial pode agir sobre um corpo que é material, mas nos perguntam: por que motivo alguém ia querer se comunicar com os “mortos” se o próprio Moisés proibiu o seu povo de fazer isto? Como ter certeza de que não estamos sendo enganados? Não seria melhor deixar que os mortos descansassem em paz ao invés de perturbá-los? Quais os benefícios deste tipo de comunicação? Se isso é possível, então existe vida após a morte?

Antônio Mateus

Certamente que a resposta para esta última pergunta é sim. E com certeza, a possibilidade de ouvir de forma inequívoca o relato de alguém que já morreu sobre o que nos espera depois da morte, resolve alguns daqueles grandes questionamentos filosóficos que estávamos falando no início da nossa conversa, não é mesmo?

André Barboni

Exato, mas as pessoas relutam em aceitar a possibilidade de pensar neste assunto, pois ele vai colocar em cheque os dogmas e os valores que as deixam confortáveis com suas consciências, com o seu eu interior. Pelo menos, esta é a ilusão que elas têm. E note que eu não estou falando apenas das pessoas que se dizem religiosas e, cuja religião nega a comunicação com os “mortos”, mas também das pessoas que se dizem sem religião e que simplesmente se negam a ver ou discutir qualquer tema religioso, pois permanecer com o seu “referencial” não é uma questão lógico-racional, mas também uma questão de comodismo, de não querer mudar o seu estilo de vida.

Antônio Mateus

Mas existe lógica na comunicação com os “mortos”? Será que este tema pode ser tratado racionalmente?

André Barboni

Kardec, partindo do princípio da existência e sobrevivência da alma, um princípio comum a todas as religiões, desafiou alguém a provar:

1º- que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte; 2º- que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou; 3º- que, se pensa neles, não cogita de se comunicar com eles; 4º- que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado; 5º- que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco; 6º- que, não pode, por meio do seu envoltório fluidico, atuar sobre a matéria inerte; 7º- que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado; 8º- que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever; 9º- que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir seus pensamentos. Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão patentes quais as que Galileu demonstrou que o Sol não é que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas (KARDEC, 1985b, p. 22-23).

Antônio Mateus

Inegavelmente, Kardec, era um homem com um bom raciocínio lógico. Não se pode dizer, depois destes argumentos, que a comunicação com os mortos é meramente uma questão de fé. Se temos uma alma imortal que sobrevive a morte do corpo é lógico que ela queira se comunicar com seus entes queridos, que aqui ficaram, e se ela o faz está provado que ela existe.

André Barboni

Pois é, mas não há como discutir um assunto com quem se nega a discuti-lo. Se olharmos agora novamente para a figura 2 e considerarmos que cada um de nós é dotado de razão, sensação, sentimentos e intuição, veremos que este quadro também pode ser interpretado como um modelo do nosso referencial. E, logicamente, só existiriam dois, e somente dois, tipos de referenciais: o materialista e o espiritualista. Esta é uma das possíveis análises a serem feitas.

Antônio Mateus

Referencial materialista e espiritualista?

2.4 Os referenciais materialista e espiritualista...

André Barboni

Sim. O referencial materialista se aplica a todas as pessoas que não acreditam que nós temos uma alma imortal que sobrevive à morte do corpo. Já o referencial espiritualista se refere às pessoas que admitem por fé ou convicção que temos uma alma imortal que sobrevive à morte do corpo físico. Esta divisão é fundamental para que possamos entender, finalmente, porque é tão importante considerarmos estes dois referenciais, estas duas visões de mundo, quando tencionamos fazer qualquer análise do comportamento humano. Mais ainda, quando olhamos para a figura 2 e percebemos que para o referencial materialista ela tem um significado e para o referencial espiritualista, outro, a gente consegue entender melhor tudo.

Antônio Mateus

Como assim?

André Barboni

Você verá. Se a pessoa tiver a mente aberta e disposta a buscar o verdadeiro conhecimento, verá que não se pode fazer filosofia, ciência, arte ou religião, com seriedade, sem levar em conta, pelo menos, as obras de Kardec, que escreve de forma não dogmática. Que tratou os fenômenos que ele investigou com os melhores instrumentos da ciência/razão de sua época.

Antônio Mateus

Você não está forçando um pouco a barra?

André Barboni

De fato não. O que Kardec fez foi investigar um fenômeno com as melhores armas da ciência positiva podia lhe proporcionar. Ele notou que o fenômeno era provocado pelos espíritos daqueles que haviam vivido entre nós em outras épocas. Se o que ele observou e concluiu é verdadeiro, então, o referencial materialista é falso e o espiritualista verdadeiro. E se isso é assim, está resolvida uma das mais antigas questões filosóficas. Mais ainda, tudo o que foi produzido sob o referencial materialista precisa ser revisado. Todos os seus conceitos, resultados e conclusões. Tudo, enfim, precisa ser reexaminado, mas o exame, não se restringe ao referencial materialista, mas estende-se também ao referencial espiritualista. É preciso identificar todo tipo

de erro e distorção criado por uma visão de mundo que não levou em consideração as leis naturais que o Espiritismo elucidou.

Antônio Mateus

Mas quem não é religioso, mesmo que esteja no referencial espiritualista, vai começar por perguntar: Deus, de fato, existe?

André Barboni

Certo, esta era uma das principais preocupações de Descartes e tantos outros filósofos e cientistas de renome. Navegando na internet, me deparei com uma site¹³ que dizia que Einstein, quando perguntado se acreditava em Deus, respondeu: “acredito no Deus de Spinoza, que se revela por si mesmo na harmonia de tudo o que existe, e não no Deus que se interessa pela sorte e pelas ações dos homens”. Embora esta não seja uma fonte que se possa chamar de cientificamente apropriada, o seu conteúdo atende aos nossos propósitos e não há razão para duvidar que Einstein não tenha de fato dito isto.

Antônio Mateus

Sim, mas que Deus é este de Spinoza? E quem é Spinoza?

André Barboni

Baruch Spinoza foi um dos grandes filósofos racionalistas do século XVII, nascido em 1632, em Amsterdã, é considerado o fundador do criticismo bíblico moderno. Desencarnou em 1677 em Haia. Segundo o site a que nos referimos há pouco, o Deus de Spinoza fala:

Para de ficar rezando e batendo o peito! O que eu quero que faças é que saias pelo mundo e desfrutes de tua vida. Eu quero que gozes, cantes, te divirtas e que desfrutes de tudo o que Eu fiz para ti.

Para de ir a esses templos lúgubres, obscuros e frios que tu mesmo construístes e que acreditas ser a minha casa. Minha casa está nas montanhas, nos bosques, nos rios, nos lagos, nas praias. Aí é onde Eu vivo e aí expresso meu amor por ti.

Para de me culpar da tua vida miserável: Eu nunca te disse que há algo mau em ti ou que eras um pecador, ou que tua sexualidade fosse algo mau. O sexo é um presente que Eu te dei e com o qual podes expressar teu amor, teu êxtase, tua alegria. Assim, não me culpes por tudo o que te fizeram crer.

Para de ficar lendo supostas escrituras sagradas que nada têm a ver comigo. Se não podes me ler num amanhecer, numa paisagem, no olhar de teus amigos, nos olhos de teu filhinho... Não me encontrarás em nenhum livro! Confia em mim e deixa de me pedir. Tu vais me dizer como fazer meu trabalho?

Para de ter tanto medo de mim. Eu não te julgo, nem te critico, nem me irrita, nem te incomoda, nem te castigo. Eu sou puro amor.

Para de me pedir perdão. Não há nada a perdoar. Se Eu te fiz... Eu te enchi de paixões, de limitações, de prazeres, de sentimentos, de necessidades, de incoerências, de livre-arbítrio. Como posso te culpar se respondes a algo que eu pus em ti? Como posso te castigar por seres como és, se Eu sou quem te fez? Crês que eu poderia criar um lugar para queimar a todos meus filhos que não se comportem bem, pelo resto da eternidade? Que tipo de Deus pode fazer isso?

¹³ <http://www.lucioneto.com.br/2012/02/acredito-no-deus-de-spinoza-e-de-que.html>.

Esquece qualquer tipo de mandamento, qualquer tipo de lei; essas são artimanhas para te manipular, para te controlar, que só geram culpa em ti. Respeita teu próximo e não faças o que não queiras para ti. A única coisa que te peço é que prestes atenção a tua vida, que teu estado de alerta seja teu guia.

Esta vida não é uma prova, nem um degrau, nem um passo no caminho, nem um ensaio, nem um prelúdio para o paraíso. Esta vida é a única que há aqui e agora, e a única que precisas. Eu te fiz absolutamente livre. Não há prêmios nem castigos. Não há pecados nem virtudes. Ninguém leva um placar. Ninguém leva um registro. Tu és absolutamente livre para fazer da tua vida um céu ou um inferno.

Não te poderia dizer se há algo depois desta vida, mas posso te dar um conselho. Vive como se não o houvesse. Como se esta fosse tua única oportunidade de aproveitar, de amar, de existir. Assim, se não há nada, terás aproveitado da oportunidade que te dei. E se houver, tem certeza que Eu não vou te perguntar se foste comportado ou não. Eu vou te perguntar se tu gostaste, se te divertiste... Do que mais gostaste? O que aprendeste?

Para de crer em mim - crer é supor, adivinhar, imaginar. Eu não quero que acredites em mim. Quero que me sintas em ti. Quero que me sintas em ti quando beijas tua amada, quando agasalhas tua filhinha, quando acaricias teu cachorro, quando tomas banho no mar.

Para de louvar-me! Que tipo de Deus ególatra tu acreditas que Eu seja? Me aborrece que me louvem. Me cansa que agradeçam. Tu te sentes grato? Demonstra-o cuidando de ti, de tua saúde, de tuas relações, do mundo. Te sentes olhado, surpreendido?... Expressa tua alegria! Esse é o jeito de me louvar.

Para de complicar as coisas e de repetir como papagaio o que te ensinaram sobre mim. A única certeza é que tu estás aqui, que estás vivo, e que este mundo está cheio de maravilhas. Para que precisas de mais milagres? Para que tantas explicações? Não me procures fora! Não me acharás. Procura-me dentro... aí é que estou, batendo em ti.

Antônio Mateus

Que lindo! Como fala bem este tal de Spinosa! Salvo pequenos detalhes eu diria que é o mesmo Deus do Espiritismo.

André Barboni

De fato. Para o espiritismo, tal como se pode observar nas obras de Kardec, Deus existe e é o melhor dos pais, todo amor e bondade é soberanamente justo e misericordioso. Basicamente, o homem é constituído de um corpo material e mortal e de uma alma imortal que se liga ao corpo através do perispírito (um corpo semi-material e também imortal que evolui com a evolução da alma). Estamos numa trajetória evolutiva rumo à perfeição que é Deus e para isso nossa alma pode vir a ocupar tantos corpos quanto se fizer necessário.

Cada um tem o seu livre-arbítrio, lei divina, que não pode ser desrespeitada, mas como Deus é justo e bom, também somos responsáveis por todas as consequências dos nossos atos, pois “a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória”, como constantemente dizia o meu pai. Assim, quando fazemos um mau uso da nossa liberdade somos forçados pela lei do amor a corrigir as consequências das nossas ações em condições por nós mesmos programadas, mas que a maioria das vezes não lembramos, para que tenhamos uma justa oportunidade de reconciliação com as pessoas que prejudicamos ou que nos prejudicaram. Note que, na medida em que evoluímos e passamos a viver em mundos felizes, mais um conhecimento trazido pelo

espiritismo, a pluralidade dos mundos habitados, passamos a viver em corpos que não nos impõe mais esta limitação. Como não temos mais dívidas a resgatar, com o nosso próximo, não faz mais sentido esquecer temporariamente o passado. Sem carma, podemos ter plena consciência do nosso passado, sem termos do que nos envergonhar e sem causar danos ao nosso perispírito.

A reencarnação e a comunicação com os espíritos desencarnados (almas das pessoas que viveram), portanto, são leis naturais e como tal devem ser seriamente estudadas. O espiritismo se ocupa disto e das consequências morais que isto trás para o avanço e o progresso da humanidade. O Cristo, que não é Deus, é o governador espiritual do planeta e nos legou através do Evangelho, por ele vivido, o caminho e a chave do nosso progresso e evolução espiritual.

Antônio Mateus

Sim, mas evolução e criação não se contradizem? Não são coisas inconciliáveis? Não existe uma luta entre criacionistas e evolucionistas?

André Barboni

Para o espiritismo não, e para quem estuda a bíblia a fundo também não. Fé e razão não são inconciliáveis, desde que você tenha a mente aberta, entenda o espírito do texto e não tome as coisas ao pé da letra. No Brasil, o espiritismo atingiu uma conotação de religião. Com as obras de Chico Xavier, ele se popularizou. Mas se deve ter cuidado para não confundir as igrejas, instituições humanas, sujeitas a todas as vicissitudes do homem, com as religiões que têm algo que nos liga à Deus e ao sagrado e que cada um de nós precisa cultivar dentro de si para ser um indivíduo saudável e socialmente equilibrado.

Antônio Mateus

Certo! Mas, o senhor há de convir que para quem não acredita que temos uma alma imortal, a ideia de se estudar qualquer assunto que fale ou lembre de longe alguma religião parece absurda e uma tremenda perda de tempo.

André Barboni

Como era absurda a ideia de se estudar o céu, como se estuda hoje em dia, antes da revolução copernicana.

Antônio Mateus

Como assim?

André Barboni

Antes do que se convencionou chamar revolução copernicana, a física que predominava e se estudava era baseada nos trabalhos de Aristóteles que simplificadamente dizia que existia um

mundo sublunar onde cada corpo tendia a ocupar o seu lugar natural. Como o lugar natural da terra era abaixo da água, do ar e do fogo, os objetos físicos tendiam a cair, pois o seu lugar natural estava abaixo da sua posição inicial, já a fumaça, associada ao fogo, subia, buscando também o seu lugar natural. Além deste tipo de movimento natural, existiam os movimentos violentos que tentavam explicar o que acontece, por exemplo, com uma pedra quando a atiramos para cima. Acima da lua estava o mundo supralunar, cujo elemento natural era o éter. Neste mundo tudo era perfeito e os movimentos eram circulares, porque o círculo era a forma mais perfeita que poderia existir e, portanto, tudo o que estivesse acima da lua deveria ter um movimento circular.

Antônio Mateus

Que estranho!

André Barboni

Pois é, mas imagine você o que significava para alguém tentar dizer algo que se contrapusesse a isso, ou qualquer outra coisa derivada da física de Aristóteles, como por exemplo, dizer que a Terra gira em torno do Sol.

Antônio Mateus

Espera aí. Mas, a Terra gira em torno do sol. Qualquer criança com dez ou doze anos sabe disso.

André Barboni

Hoje em dia sim. Como também sabemos que a Terra é redonda, que gira em torno do seu próprio eixo. Que a órbita que a Terra descreve em torno do Sol é elíptica. Que não só o sistema solar, mas toda a Via Láctea se move a grande velocidade. Mas, na época de Copérnico, Galileu, Newton e tantos outros não era bem assim. A grande palavra que ditava as verdades do mundo era dada pela Escolástica.

Antônio Mateus

Escolástica?

André Barboni

Toda uma escola de pensamento que teve seu maior representante em São Tomás de Aquino e que tinha Aristóteles como sendo o seu grande referencial científico-filosófico. Tanto que para ele Aristóteles era “o filósofo”. Questionar, portanto qualquer coisa que esta escola defendia era o mesmo que dizer uma grande heresia. A pessoa poderia ser vítima da inquisição.

Antônio Mateus

Agora percebo porque muitas pessoas tem raiva da Igreja e porque consideram que a religião é coisa de gente ignorante. Não há como negar que estas pessoas estavam erradas. Todas as evidências, hoje em dia, parece confirmar isso.

André Barboni

Sim! Mas porque você vive num tempo em que os recursos tecnológicos, a informação e as comunicações lhe possibilitam acesso a todo este tipo de conhecimento. Naquela época, não era bem assim. As pessoas estavam presas a um referencial, e neste caso eu também posso utilizar a palavra paradigma, onde a física/metafísica aristotélica parecia conseguir explicar tudo o que eles observavam muito bem. Aquilo que aparentemente era inconsistente com este arcabouço de conhecimento, certamente deveria ser gerado por algum equívoco por parte do observador.

Antônio Mateus

Cero, mas a Terra gira em torno do Sol.

André Barboni

Mas nós estamos na Terra. Qualquer um que olhe para o céu verá o Sol se movendo. A gente não percebe o movimento da Terra. Ela parece estar parada. Logo, dizer que ela se move pode parecer coisa dita por gente maluca.

Antônio Mateus

Pode, mas não é.

André Barboni

De fato não é, mas é justamente por isso que eu acho tão importante caracterizar bem estes dois referenciais: o materialista e o espiritualista. Note que do ponto de vista lógico, como eu falei anteriormente, só um deles pode estar correto, mas embora isso seja verdadeiro, bilhões de pessoas se encontram em cada um deles.

Antônio Mateus

Isto significa que bilhões de pessoas estão com a verdade e bilhões de pessoas estão incorrendo em erro.

André Barboni

Necessariamente. Se eu sou um cientista e baseio a minha ciência no referencial errado, todo o meu trabalho fica comprometido. Se sou filósofo e trabalho com o referencial equivocado não passo de sofista, pois não faço jus ao título de filósofo porque a minha filosofia não conduz e

não está comprometida com a verdade. A arte deste referencial é questionável e a religião não consegue estabelecer um laço sagrado com a verdade. Mas eu vou mais além, eu afirmo para você e desafio qualquer um a provar que eu esteja errado ao dizer que o verdadeiro referencial é o espiritualista. Digo isso com muita tranquilidade e sem medo de errar, pois para saber qual referencial está com a verdade basta (com)provar a existência da alma imortal.

Antônio Mateus

É aí que entra o trabalho de Kardec.

André Barboni

Precisamente. Qualquer um que queira defender o referencial materialista terá que mostrar que o trabalho de Kardec está todo equivocado, mais ainda, apresentar uma explicação melhor e mais convincente para todos os fenômenos espíritas e encontrar alguma forma convincente de descartar a possibilidade de termos uma alma imortal. Mas suponhamos que alguém conseguisse realizar tal façanha e que conseguisse ainda mostrar que todos os outros caminhos que nos levam a concluir que temos uma alma imortal estejam equivocados. Então, só assim poderíamos dizer que o referencial materialista é o que está com a verdade.

Antônio Mateus

Esta me parece uma tarefa extraordinariamente grande.

André Barboni

Sem dúvida. Só para você ter ideia. Digamos que esta pessoa conseguisse provar que um trilhão de comunicações entre encarnados e desencarnados não passasse de um embuste, voluntário ou não, mas em síntese um embuste. Bastaria que alguém apresentasse um único evento em que este tipo de comunicação de fato se deu para provar que temos uma alma que sobrevive a morte do corpo físico.

Antônio Mateus

Ao contrário do que muita gente imagina, parece ser muito mais fácil provar a tese espiritualista do que a materialista.

André Barboni

Sim! E esse é o ponto em que podemos e devemos mostrar que não é só pelo trabalho de Kardec, ou por uma discussão filosófico-religiosa que nos convencemos da veracidade do referencial espiritualista, mas existem outras maneiras de se chegar seguramente a esta mesma conclusão.

Antônio Mateus

Outras maneiras?

André Barboni

Por exemplo, existe na literatura científica diferentes relatos de experiência com regressão de memória onde a pessoa que estava sendo observada revelou detalhes de vidas passadas. Estes métodos envolvem de sessões de hipnose, experiências de quase morte e até recordações espontâneas como as relatadas pelo Dr. Ian Stevenson (2011a; 2011b). Mas não acaba aí. Os meios para se chegar a conclusão de que de fato temos uma alma, que ela é imortal, que pode se comunicar conosco e reencarnar são muito diversos e estão descritos ao longo de toda a história da humanidade e nas mais diversas culturas. Um outro relato que nos chamou a atenção é dado pelo psiquiatra Stanilav Grof (2000) no seu livro “Psicologia do Futuro”.

Neste livro ele nos apresenta os frutos de um trabalho de mais de quarenta anos de experiência com pacientes/profissionais que se submeteram a sessões de terapia com altas doses de LSD para indução de “estados holotrópicos”.

Antônio Mateus

Estados holotrópicos?

André Barboni

Um estado de consciência mais profunda onde a pessoa tem acesso a fatos ocorridos no período perinatal e transpessoal.

Antônio Mateus

Transpessoal? Perinatal eu até entendo como sendo algo que tenha ocorrido durante ou próximo ao período do parto, mas transpessoal eu não faço ideia do que ele quer dizer com este termo.

André Barboni

Para ele, transpessoal se refere à vidas passadas. Ou seja, ao longo de muitos anos de intenso trabalho, Grof chegou a conclusão que vamos experienciando traumas e bloqueios que envolvem situações ocorridas em vidas passadas, no período perinatal, tal como você bem deduziu e ao longo da nossa vida presente. Estas memórias vão sendo registradas por um sistema de Experiência Condensada (Sistema COEX) definido como: um sistema de “memórias com carga emocional, de diferentes períodos de nossas vidas, que se assemelham pela qualidade da emoção ou sensação física que compartilham” (Grof, 2000, p. 37).

Antônio Mateus

Sistema COEX! Eu achei que a gente já estava fechando um assunto e o senhor agora me abre um mundo de novas perspectivas de discussão!

André Barboni

Você está certo. O trabalho de Grof é muito interessante, mas seria demais tratá-lo aqui no pouco tempo que ainda temos, pois a discussão iria ser muito longa. Vamos, porém, nos ater as seguintes informações: 1- um psiquiatra ao tratar e participar de uma pesquisa envolvendo o uso de substâncias psicoativas se depara com situações onde as pessoas relatam fatos que teriam ocorrido com elas em outras vidas, cujas memórias estavam retidas nos seus sistemas COEX e que elas só puderam acessar por meio desta experiência holotrópica; 2- se isso é verdade e pode ser comprovado, então, não só o referencial espiritualista está comprovado como também o princípio da reencarnação; 3- Grof defende que a psicologia tradicional, baseada apenas nos eventos pós-natais, é superficial e não dá conta de explicar/resolver os problemas humanos; 4- o trabalho de Grof valoriza o conhecimento milenar de diversos povos e culturas e mostra que seus referenciais sagrados merecem uma investigação mais séria e aprofundada.

Antônio Mateus

Certo! Eu já suspeitava que o senhor fosse dizer algo nesse sentido.

André Barboni

Note que quando me refiro à religião quero dizer que estou falando de algo que nos liga ao sagrado, aquilo que é importante ao nosso espírito. Portanto, devemos ao analisar qualquer assunto que diga respeito às religiões verificar se o nosso posicionamento é preconceituoso e se dá contrário aos princípios desta religião ou, se ele se coloca em acordo com as posições e atitudes da igreja, posição que inclusive pode ser incoerente com os princípios da própria religião que esta igreja representa. Este é um ponto fundamental que precisamos ter em mente quando discutimos assuntos que envolvem questões polêmicas como a legalização do aborto, por exemplo e cuja posição de alguns é menosprezada em função da sua religião.

2.5 A questão da legalização do Aborto...***Antônio Mateus***

Este não é aquele assunto que você e minha avó estavam discutindo outro dia e ela estava chateada porque numa palestra, na UEFS, um professor, que era médico, defendia a legalização do aborto alegando que este era um problema de saúde pública e que um Estado laico deveria permitir a sua legalização?

André Barboni

Precisamente. O Aborto é um problema de grande importância e transcendência, cujas implicações sanitárias, sociais e políticas merecem uma discussão ampliada¹⁴. Em 1994, a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, ocorrida na cidade do Cairo, reconheceu pela primeira vez em um documento intergovernamental que o aborto induzido é um problema de saúde pública¹⁵. Em 1995, a Conferência Mundial sobre a Mulher, ocorrida em Pequim, reafirmou o que foi dito no documento anterior e recomendou que os países revisassem suas leis que contivessem medidas punitivas contra mulheres que abortassem. Em 1999, Cairo +5, e em 2000, Pequim +5, o conteúdo dos documentos anteriores foram reforçados¹⁶.

Antônio Mateus

Sim, mas o que significa isso?

André Barboni

Que o aborto é relevante problema de saúde pública no Brasil e no mundo, na medida em que é praticado amplamente pelas mulheres em contexto clandestino, com meios inseguros e profissionais despreparados¹⁷. Que tal procedimento, como toda intervenção de caráter cirúrgico e/ou medicamentoso implica em certo risco e, principalmente, quando executado por pessoas indevidamente capacitadas este risco pode levar à morte. Assunto que, de certo modo, vínhamos discutindo até agora e diante do qual, inevitavelmente, as questões religiosas aparecem.

Antônio Mateus

Sim, mas o que é o aborto?

André Barboni

É você tem razão. Devemos começar pela questão mais elementar. Se você procurar no dicionário ou na internet, que é mais a cara dos jovens de hoje em dia, você vai encontrar que a palavra aborto vem do latim *abortus* e que, por sua vez, deriva da palavra *aborior*. Este último conceito se opõe à *orior* (nascer). Portanto, *aborior* é o contrário de nascer. Se pensarmos bem, isto faz sentido, pois, o aborto interrompe o desenvolvimento do feto (morte fetal) e impede o nascimento do bebê. Na visão espírita o contrário de morte é nascimento. O aborto acontece naturalmente em diversas situações que podem envolver alguma malformação do feto, algum trauma ou situação adversa pela qual a gestante passou, por alguma incompatibilidade qualquer que impeça o corpo da gestante de reconhecer e aceitar o novo organismo que está procurando se desenvolver dentro dela. Mas, também, o aborto pode ser intencionalmente provocado de

¹⁴ Gonzales de Leon Aguirre e Salinas Urbina (1997).

¹⁵ Fusco, Andreoni e Silva (2008).

¹⁶ RedeSaúde (2001).

¹⁷ Peres e Heilborn (2006).

diversas formas. É justamente, este último tipo de aborto, a que sua avó estava se referindo, o **aborto induzido** e cujo tema eu proponho que nós façamos algumas reflexões sem a pretensão de esgotar o assunto, mas como forma de fundamentarmos melhor uma posição própria diante de um assunto tão polêmico e complexo.

Antônio Mateus

Tudo bem. Eu estou gostando da nossa conversa. Ela me está sendo proveitosa e instrutiva.

André Barboni

Este é o espírito da coisa. Quando a gente discute um assunto de forma aberta e com seriedade a gente sempre aprende algo de real valor que podemos utilizar para pautar as nossas condutas perante a vida. E, como a questão do aborto, envolve, entre outras coisas, o direito de nascer ele a todos interessa, pois nenhum de nós existiria, como conseguimos nos perceber hoje, se tivesse sido abortado. Será que antes de praticar tal ato isso é levado em consideração? Você poderia me dizer que não e que talvez, se as pessoas se fizessem esta pergunta ninguém mais provocaria o aborto e o problema estaria resolvido, mas como veremos, a questão é bem mais complexa e delicada. Se não aprofundarmos a nossa discussão com dados reais e que a literatura científica nos pode oferecer, vamos cair em uma simples questão de opinião que sempre pode ser relativizada e não é isso o que queremos. Portanto, me perdoe se a minha linguagem te parecer um pouco chata daqui para frente, mas eu vou precisar me reportar a diversos trabalhos, a alguns dados e tabelas, mas te prometo que vou tentar fazer isto de forma mais atraente e divertida. Espero ser bem sucedido no meu intento. Tudo bem? Estamos de acordo?

Antônio Mateus

Tudo bem, vô. Estamos de acordo.

André Barboni

Bom, e já que vamos falar deste assunto, creio que um bom começo é falar do espermatozoide vencedor.

Antônio Mateus

Espermatozoide vencedor?

André Barboni

Isso mesmo, você já vai entender. Se você procurar no YouTube, você vai facilmente encontrar um vídeo do Discovery Channel intitulado “A Grande Corrida da Vida”¹⁸. Neste vídeo, os autores deste interessante material apresentam, de forma muito didática, o que um

¹⁸ <http://www.youtube.com/watch?v=dp2OdgYwAKg>.

espermatozoide tem que vencer para conseguir fecundar o óvulo. De fato, os desafios enfrentados são imensos e, literalmente, atingir este objetivo é um trabalho de um verdadeiro supercampeão de uma corrida contra milhões de adversários. Vamos então, nos utilizar desta imagem para tratar a questão do aborto induzido/provocado. Uma ação que, literalmente, elimina um supercampeão. Isto pode parecer um golpe baixo contra aqueles que defendem o aborto, mas eu prefiro olhar por outra perspectiva. Cada um de nós somos supercampeões. Espermatozoides vencedores, que enfrentaram obstáculos quase intransponíveis para chegar até aqui e, respeitar isto, respeitar a vida, qualquer que seja ela, seja de uma pessoa rica ou pobre, muito inteligente ou não, instruída ou analfabeta, com corpo/mente perfeitamente saudável ou com problemas diversos é um dever de cada um de nós. Esquecer este dever, não se iluda, é fazer algo que, mais cedo ou mais tarde, iremos nos arrepender.

Antônio Mateus

Certo. Vendo o filme eu até entendo melhor o porquê da expressão “espermatozoide vencedor” e como é importante esta figura para as pessoas valorizarem a própria vida e a dos demais indivíduos. Compreendo até que muitas pessoas, talvez por que não tiverem acesso a este material e, nem terem alguma vez encarado a vida sob este aspecto, não tenham a mesma opinião e que até mesmo menosprezem a vida, mas o que leva uma gestante querer abortar? Ser mãe não é uma das coisas mais importantes na vida de uma mulher? Será que ela não entende a gravidade deste ato? O direito de escolha da mulher pode sobrepujar o direito de nascer do seu filho? Como ela vai encarar outra gravidez sem pensar no que teria sido a sua vida se ela não tivesse abortado anteriormente? Será que estes “fantasmas” não vão ficar lhe assombrando?

André Barboni

Bons questionamentos! Vejamos, então, o que acontece quando uma mulher se percebe grávida. Evidentemente, que esta percepção varia de mulher para mulher. Umas se dão conta da gravidez, logo no seu início, mas há também, casos não tão raros assim, de mulheres que só se dão conta da gravidez no momento do parto. Mas, para o nosso objetivo, é importante imaginar o que se passa na cabeça de uma mulher quando ela se descobre grávida. É evidente que se a gravidez é desejada e a mulher está querendo engravidar este fato é para ela motivo de grande felicidade, pois, como vimos, contra todos aqueles obstáculos praticamente intransponíveis, o espermatozoide vencedor conseguiu fecundar o óvulo e um novo supercampeão está sendo aguardado com todo o amor e carinho que a maternidade inspira.

Antônio Mateus

Mas há também os casos em que a gravidez não é planejada.

André Barboni

Exatamente, e se não foi planejada, não é esperada e os sintomas tendem a ser menosprezados, a ponto de algumas mulheres só perceberem a gravidez durante o processo de parto. Mas estas situações são mais raras, a grande maioria dos casos em que a gravidez não foi planejada a desconfiança começa a se dar com as transformações hormonais do início da gravidez. Os sintomas variam quanto à ocorrência, severidade e persistência e a percepção deste estado também depende da experiência da gestante e das pessoas do seu círculo de relações.

Antônio Mateus

Creio que nem todas as gravidezes não planejadas terminam em aborto e que tudo vai depender de fatores como: idade da mãe, condição sócio-econômica e apoio do companheiro, da família e dos amigos.

André Barboni

Isto é correto. Vieira et al. (2010), realizaram um interessante estudo qualitativo sobre o aborto na perspectiva do adolescente onde eles observaram a existência de três fenômenos: descobrindo-se grávida; vivenciando o abortamento e reelaborando o plano de vida. Neste trabalho, os autores afirmam que: vários estudos referem que a primeira experiência sexual vem acontecendo cada vez mais precocemente, ocorrendo entre 14,5 anos e 16 anos; entre as complicações da gestação na adolescência, encontra-se o abortamento. Essa intercorrência obstétrica destaca-se como um evento que pode ter consequências físicas e psicológicas diversas; estima-se que na América Latina e Caribe ocorram anualmente 18 milhões de gestações, sendo 52% não planejada e 23% resultam em abortamento. No Brasil, 31% terminam em abortamento; a descoberta da gravidez, na maioria das vezes, confirmou-se concomitantemente ao diagnóstico de abortamento. No grupo estudado, a gestação foi relatada como um evento não planejado; as experiências revelam tanto a falta de prevenção contra a gravidez como também o uso incorreto dos métodos contraceptivos, conforme relato das adolescentes; na iminência da gravidez, as adolescentes negaram os fatos, comparando-os às possibilidades de tal processo não se concretizar. Quando a gestação foi constatada, surgiu a necessidade de a adolescente compartilhar com as pessoas de seu convívio a confirmação. Tal momento veio acompanhado de receio/medo das reações; os relatos, na maioria das vezes, refletiram o desapontamento pelo acontecimento não esperado e as possíveis consequências; verificou-se, nessas experiências, que o conhecimento da fisiologia da reprodução era constituído de informações incompletas, não só pelas adolescentes, mas também pelas pessoas mais próximas. Daqui podemos inferir que por não reconhecerem os sinais da gravidez, muitas mulheres podem manter hábitos que levem aos abortos que não são percebidos como tal.

Antônio Mateus

Nossa, eu não tinha ideia de que eram tantos abortos assim.

André Barboni

Pois é, embora os dados sobre o aborto induzido no mundo não sejam confiáveis, pois boa parte deste problema de sub-registro se deve em função da polêmica causada por este assunto e pela clandestinidade devido à ilegalidade do ato, que é realizado fora das condições que a lei o permite. Segundo Barbosa et al. (2009), as taxas de sub-relato de aborto induzido, mesmo entre países onde a prática é legal, variam entre 40% - EUA¹⁹ e 65% - França²⁰.

No México, estima-se a ocorrência de 500 mil abortos induzidos por ano e uma taxa de 23 abortos induzidos/1000 mulheres em idade fértil. Do total de gravidezes, cerca de 17% terminam em aborto e 23% resultam em nascimentos indesejados. As **complicações** decorrentes de aborto representam a quarta cauda de óbito materno e uma das principais causas de morbidade hospitalar²¹. Já no Brasil, os números também não são confiáveis, as estimativas variam entre 750 mil e 1,5 milhões de abortos induzidos anualmente. Segundo Monteiro e Adesse (2006), a estimativa de abortos ilegais para o ano de 2005 estava em torno de 1.054.242.

Antônio Mateus

Mas que complicações são estas?

André Barboni

Entre as complicações imediatas decorrentes do aborto inseguro destacam-se: perfuração do útero, hemorragia, aborto incompleto com retenção de restos de placenta, infecção, peritonite, tétano e septicemia. Estas complicações acabam gerando uma necessidade de internação que geralmente varia de um a três dias. As sequelas ginecológicas incluem: anemia, dificuldade para engravidar novamente, esterilidade, inflamações das trompas e sinéquias (aderência) uterinas – o risco e a gravidade crescem com o avanço da gestação. As complicações do aborto podem levar à morte tanto quanto podem afetar as subseqüentes gestações, aumentando o risco de gravidez ectópica, abortamento espontâneo e criança com baixo peso ao nascer. Se você ainda considerar todo o dano psicológico envolvido nesta situação vai ver que de fato estamos diante de uma questão um tanto quanto complexa e cuja solução requer muito cuidado e discussão.

Antônio Mateus

De fato, mas, se são tantos abortos, então devem ser muitas as complicações.

¹⁹ Jagannathan (2001).

²⁰ Rossier, Michelot e Bajos (2007)

²¹ Gonzales de Leon Aguirre e Salinas Urbina (1997).

André Barboni

Entre 1999 e 2002 ocorreram 989.156 registros de internações no SUS, entre mulheres de 10 e 49 anos, com diagnóstico de aborto. O gasto anual do SUS com internações decorrentes de aborto foi estimado em US\$ 10 milhões (2004), excetuando-se os casos de abortamento infectado que evoluem para septicemia e que acabam requerendo mais atenção²².

Antônio Mateus

Quanto dinheiro! É por isso que o aborto é uma questão de saúde pública?

André Barboni

Em parte sim, mas não somente por isso. O aborto induzido, principalmente quando feito de forma clandestina, não elimina apenas o feto indesejado, que para muitos, nem sequer pode ser considerado como uma futura pessoa, mas põe em risco a vida da própria gestante. As complicações deste aborto requererem uma atenção especial e podem até, mesmo quando ele é feito com todas as condições consideradas ideais, levar à morte da gestante.

Antônio Mateus

Como se dá esta forma clandestina de aborto? São as tais clínicas que a gente ouve falar?

André Barboni

Em parte sim, existem clínicas bem montadas e sofisticadas que oferecem todas as condições e o aparato tecnológico necessário à realização de um aborto seguro. No entanto, este tipo de serviço, só está disponível a quem tem condições de pagá-lo e por ser ilegal, não têm plano de saúde que cubra tais despesas e nem pode ser declarado no imposto de renda para se obter dedução. Sendo assim, como nem todo mundo goza de uma boa condição financeira, a maioria dos abortos ocorre em casa ou em residências/clínicas improvisadas sob meios e condições sanitárias que deixam muito a desejar.

Antônio Mateus

Mas que meios e condições sanitárias são estas?

André Barboni

Entre os principais meios utilizados para abortar estão: o uso de Cytotec (nome comercial do Misoprostol), um medicamento para prevenção de úlceras gástricas e que também é abortivo²³, e que é auto-ingerido por via oral e/ou intra-vaginal acompanhado de chás diversos; o uso de substâncias cáusticas inseridas na vagina (cloro, cal, sais de potássio); trauma voluntário

²² Fusco, Andreoni e Silva (2008).

²³ Lacy et al. (2009).

(quedas, socos, atividades físicas excessivas, etc.); objetos físicos inseridos no útero (cateter e objetos pontiagudos, tais como arame, agulhas de tecer e cabides); entre outras práticas que ocorrem com ou sem acompanhamento de uma terceira pessoa e com ou sem condições higiênicas adequadas.

Antônio Mateus

Nossa que horror, não é de se admirar que sejam tantas as complicações.

André Barboni

Geralmente, é no objetivo de salvar a vida desta gestante, que se submeteu a um aborto para se livrar de uma gravidez indesejada, e de outras mulheres que tiveram abortos espontâneos, mas que são confundidas com as mulheres que induziram o aborto que estão os principais argumentos em defesa da sua legalização.

Antônio Mateus

Nossa! Que assunto complicado, cada vez que o senhor aborda um aspecto logo vem outro para aumentar ainda mais a confusão. O senhor começou falando de uma gravidez indesejada, logo a gente viu que isso é mais comum do que a gente imaginava. Muitas delas resultam em abortos, que ocorrem naturalmente, mesmo naqueles casos em que a gravidez é desejada, presumo eu, mas também há muitos casos de aborto induzidos em mulheres que não desejam aquele filho, pelo menos não naquele momento e naquela circunstância. Em todo caso, parte destes abortos gera complicações que põe em risco a saúde e a própria vida da mulher. Isso também é um problema de saúde pública e ainda existe a tal questão da ilegalidade/ clandestinidade que tornam a prática do aborto insegura e arriscada.

André Barboni

É, de fato, o assunto é complicado mesmo. Mas, aos poucos a gente consegue entendê-lo melhor. Tenha um pouco de paciência. É consenso entre os obstetras e nos compêndios tradicionais de obstetrícia que uma em cada dez gestações evolui para a interrupção espontânea e precoce por complicações variadas. Um estudo realizado com base nas 53.861 internações registradas em 1995, em São Paulo, encontrou uma internação por aborto para cada 10 internações para parto²⁴. A distribuição de usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) por município é bastante variável. Algumas populações chegam a ter 50% como certos municípios de SP, outras têm 100% de usuários do SUS e há municípios sem recursos, portanto, a obtenção de um número mais exato sobre a quantidade de abortos induzidos/ano no Brasil, ainda é algo que deixa a desejar.

²⁴ Sorrentino e Lebrão (1998).

Antônio Mateus

Não falei, agora vem o senhor com este tal de SUS. Aquele sistema de saúde que todo mundo fica falando mal, inclusive na televisão.

André Barboni

Pois é, mas as pessoas deveriam conhecê-lo melhor antes de criticá-lo. Ele é fruto de uma luta de muitos anos que culminou com a inclusão na constituição de 1988 do princípio de que a saúde é um direito de todos e dever do Estado garantir que todos tenham acesso aos serviços de saúde²⁵. Eu tenho que falar do SUS, porque a grande maioria das mulheres que apresentam complicações pós-aborto procura o SUS para se tratar. E, o SUS é mantido com os nossos impostos, portanto, queiramos ou não, este assunto nos interessa, pois em última instância, somos nós que pagamos esta conta e na hora de pagá-la não há como saber se o dinheiro que está sendo utilizado para este fim veio de alguém que era a favor ou contra a legalização do aborto²⁶.

Antônio Mateus

Certo, mas o senhor também disse que os números não são confiáveis. Eu até entendo que quando se trata de dinheiro, a conta tem que fechar, mas como saber qual o número de abortos induzidos e o tamanho deste problema se a maioria deles é feita na clandestinidade? Os hospitais particulares também não tratam as complicações do aborto? O que isso tem haver com o atendimento das complicações de aborto tratadas pelo SUS?

André Barboni

Muita coisa. A partir de algumas pesquisas com amostras podem-se estimar os dados de uma população. Isso já é bem conhecido da ciência. Para estimar o número de abortos induzidos, alguns pesquisadores entre os quais Monteiro e Adesse (2006), multiplicam o número de internações por abortamento no SUS por cinco (20% das mulheres que abortam têm complicações). O resultado, por sua vez, é multiplicado por 1,125 (12,5% sub-registro) e novamente por 0,75 (25% aborto espontâneo). A razão de abortos induzidos/100 nascidos vivos se dá pela estimativa do número de abortos induzidos vezes 100 e dividido pelo produto da taxa anual de natalidade estimada e da população residente estimada. Por fim, a estimativa da taxa anual de abortos induzidos/100 mulheres de 15 a 49 anos é dada multiplicando a estimativa do número de abortos induzidos por 100 e dividindo pelo número de mulheres entre 15 e 49 anos.

²⁵ Brasil (1988).

²⁶ O Estado tem obrigação de informar ao contribuinte a destinação dos seus recursos. Ter estes recursos empregados em ações que contrariam princípios éticos e morais de uma parcela da população dá a esta parcela da população o direito de questionar esta destinação e exigir garantias de que a contribuição que ela deu não tenha esta destinação, pois ela se recusa a contribuir com algo que contraria os seus princípios. Os representantes eleitos por esta população não estão autorizados a discutir a questão como se dessa população tivessem recebido um “cheque em branco”, neste tipo de questão é preciso ouvir cada um. Esta é uma tese que defendemos e que não está em desacordo com nenhum princípio do SUS.

Com base nestas estimativas Monteiro e Adesse (2006, p. 1) observaram que, houve uma redução de 38% no número de abortamentos induzidos no Brasil:

de 1.455.283 abortamentos induzidos em 1992 (estimativa muito próxima à do Alan Guttmacher Institute em 1991) para 1.066.993 em 1996, mantendo-se neste patamar até 2005 (1.054.242 abortamentos induzidos). A grande maioria (3 em cada 4 em 2005) destes abortamentos induzidos ocorreu nas regiões Nordeste e Sudeste. A taxa anual de abortamentos induzidos por 100 mulheres de 15 a 49 anos no Brasil se reduz de 3,69 em 1992 para 2,07 em 2005, e o maior risco ocorre na Região Nordeste com uma taxa de 2,73 em 2005, correspondendo, no entanto, a uma redução de 50% em relação a 1992. A taxa mais baixa em 2005 (1,28/100) ocorre na Região Sul.

Antônio Mateus

É isso mesmo? Quase 1,5 milhões de abortos no Brasil em 1992, quase três vezes mais que o México! O número é assustador, mesmo com a redução que as pesquisas indicam será que estes valores estão mesmo próximos da realidade?

André Barboni

Não se pode ter certeza absoluta, mas segundo Costa (1992), o Ministério da Saúde estima em cerca de 1.200.000 abortos por ano no Brasil enquanto que o Instituto Alan Guttmacher (AGI, 1994) este número é de 1.443.350. O aborto estimado pelo o Instituto Alan Guttmacher se dá pela multiplicação no número de internações devidas ao aborto por 0,84 e pelo fator de 3 ou 5 dependendo da realidade analisada. Como você pode verificar a forma de estimação varia e a ausência de dados abrangentes e confiáveis sobre o assunto deve-se também ao fato de que, dadas as restrições legais ao aborto provocado no Brasil, a pesquisa acerca dele é dificultada. Os dados a que se tem acesso são, em sua maioria, resultados de pesquisas ou levantamentos feitos em hospitais, especialmente nos que atendem à população de menor renda.

Antônio Mateus

Mas fazendo as pesquisas com as populações de menor renda isso não vai prejudicar os resultados? Será que a condição sócio-econômica não interfere no comportamento, nas condições em que o aborto é feito e nas consequências deste ato? Se sim, porque estimar o número de abortos a partir dos dados fornecidos pelo SUS e não buscar outros dados fora do SUS? Será que não estaríamos superestimando os dados do aborto ou, então, falseando o perfil que caracteriza esta situação?

André Barboni

A resposta as suas perguntas esbarra e perpassa à questão legal. No Brasil, o aborto só é permitido em duas situações: 1- para salvar a vida da gestante; 2- no caso de gravidez resultante de violência sexual. Nos demais casos é considerado ilegal.

Antônio Mateus

Somente nestes casos? E o caso das crianças que nascem sem cérebro.

André Barboni

O termo correto é anencefalia. Mesmo nestes casos o aborto é ilegal, mas a legislação não é tão inflexível assim. São poucos os casos em que mulheres, médicos ou aborteira(o) que têm chegado a julgamento por ter feito aborto. Não só os casos de anencefalia, mas também de outras malformações graves têm dado entrada junto ao Poder Judiciário a pedidos de autorização para a interrupção da gravidez. O desenvolvimento de gêmeos unidos ou conjugados, por exemplo, tem uma incidência estimada entre 1:50.000 a 1:200.000 gestações. Muitos gêmeos unidos sem perspectiva de separação morrem nas primeiras horas. A impossibilidade de separação de gêmeos unidos é determinada pela gravidade e complexidade da fusão cardíaca, e em casos que possam resultar em deformidades graves inaceitáveis. Nos casos de malformação fetal letal, tal como anencefalia, é necessário que o casal solicite ao Poder Judiciário a autorização para a interrupção da gestação.

Nomura et al. (2011), estudaram 30 casos, entre 1998 e 2010, de gêmeos unidos nestas condições e autorização legal para o aborto. Dos 30 casos, 19 solicitaram autorização para a interrupção da gestação, 12 (63,2%) foram autorizados, 5 (26,3%) negados e 2 (10,5%) não se teve conhecimento da resolução. Dos 5 casos cuja autorização foi negada (todos unidos pelo tórax, compartilhavam o coração e o fígado) a idade do óbito foi: 1 hora, 2 horas, 3 horas, 1 dia e 28 dias. Nestes casos, o aborto até o segundo trimestre permite que o parto seja realizado pela via vaginal, reduzindo o risco de complicações maternas e sem comprometer o útero/saúde reprodutiva. Uma vez submetida a uma cesárea corporal, procedimento indicado para quando o parto não pode ser via vaginal, nas gestações subsequentes o parto deve ser cesariano para evitar ruptura uterina. O Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo se posiciona no sentido de, na impossibilidade de sobrevivência do feto, permitir o aborto, com o propósito de abreviar o sofrimento materno, em respeito ao seu luto, sua saúde e dignidade (Mandato de segurança n. 990.09 100287-9 - Santos - 6ª Câmara Criminal - Rel. Marco Antonio – 21.05.09).

Antônio Mateus

Certo, mas eu vejo que mesmo nestes casos, o juiz nem sempre autorizou o aborto. Se existia indicação médica por que ele não autorizou?

André Barboni

Não podemos saber com certeza. Existem questões culturais e religiosas que fazem com que este assunto seja considerado um verdadeiro tabu para boa parte da população e os juízes

não estão livres deles, pelo menos este é um dos argumentos de quem se posiciona a favor do aborto. Para estas pessoas, o resultado prático, a alternativa que resta para quem queira se livrar de uma gravidez indesejada é a clandestinidade. As mulheres que contam com certa condição financeira podem sempre recorrer às sofisticadas clínicas de aborto, enquanto que as demais recorrem a uma série de métodos inseguros. Quanto maior a insegurança do método, maior a possibilidade desta mulher vir a procurar o SUS para tratar alguma complicação deste aborto. Além disso, assume-se que o aborto induzido é mais prevalente nas populações de baixa renda. Isso nos ajuda a entender como se dá o cálculo das estimativas do aborto no Brasil e no mundo.

Como, basicamente só temos os dados do SUS, é com eles que temos que trabalhar. De todo o modo, a estimativa não é um método exato, mas é suficiente para nos dar uma noção de quão grande é o problema que estamos trabalhando. Sendo assim, eu também fiz meus cálculos (Tabela 1), onde foi possível comparar os dados obtidos pelos métodos de estimativas do Instituto Alan Guttmacher (1994) – fator 3 (melhor caso) e 5 (pior caso), Monteiro e Adesse (2006) e por um refinamento deste último modo de calcular onde ao invés de se utilizar o número total de internações no SUS por abortos $\times 5 \times 1,125 \times 0,75$, nós excluímos do número total de internações no SUS por abortos o número de internações registradas no SUS como “aborto espontâneo” e o número de internações registradas no SUS como “aborto por razões médicas” e multiplicamos este valor por 5 e por 1,125.

Tabela 1 – Internações por aborto e estimativas de aborto induzido, Brasil, 1998-2012.

| Ano | AE | ARM | OGRA | TIA | EAGI-3 | EAGI-5 | EMA | EMAM |
|--------------|------------------|---------------|------------------|------------------|------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| 1998 | 87.970 | 2.508 | 139.194 | 229.672 | 578.773 | 964.622 | 968.929 | 782.966 |
| 1999 | 95.776 | 1.517 | 147.198 | 244.491 | 616.117 | 1.026.862 | 1.031.446 | 827.989 |
| 2000 | 98.282 | 946 | 148.656 | 247.884 | 624.668 | 1.041.113 | 1.045.761 | 836.190 |
| 2001 | 97.158 | 878 | 151.589 | 249.625 | 629.055 | 1.048.425 | 1.053.105 | 852.688 |
| 2002 | 111.828 | 946 | 134.382 | 247.156 | 622.833 | 1.038.055 | 1.042.689 | 755.899 |
| 2003 | 118.404 | 1.920 | 122.495 | 242.819 | 611.904 | 1.019.840 | 1.024.393 | 689.034 |
| 2004 | 127.065 | 1.600 | 124.160 | 252.825 | 637.119 | 1.061.865 | 1.066.605 | 698.400 |
| 2005 | 127.821 | 1.772 | 120.854 | 250.447 | 631.126 | 1.051.877 | 1.056.573 | 679.804 |
| 2006 | 119.597 | 2.072 | 112.211 | 233.880 | 589.378 | 982.296 | 986.681 | 631.187 |
| 2007 | 116.360 | 2.130 | 109.283 | 227.773 | 573.988 | 956.647 | 960.917 | 614.717 |
| 2008 | 115.370 | 3.285 | 99.859 | 218.514 | 550.655 | 917.759 | 921.856 | 561.707 |
| 2009 | 121.807 | 1.850 | 99.847 | 223.504 | 563.230 | 938.717 | 942.908 | 561.639 |
| 2010 | 120.194 | 1.686 | 98.691 | 220.571 | 555.839 | 926.398 | 930.534 | 555.137 |
| 2011 | 112.300 | 1.504 | 97.672 | 211.476 | 532.920 | 888.199 | 892.164 | 549.405 |
| 2012 | 106.608 | 1.626 | 99.454 | 207.688 | 523.374 | 872.290 | 876.184 | 559.429 |
| Total | 1.676.540 | 26.240 | 1.805.545 | 3.508.325 | 8.840.979 | 14.734.965 | 14.800.746 | 10.156.191 |

AE – Aborto espontâneo; ARM – Aborto por razões médicas; OGRA – Outras gravidezes que terminam em aborto; TIA – Total de internações no SUS por aborto; EAGI-3 – Alan Guttmacher Institute (TIA $\times 0,84 \times 3$); EAGI-5 – Alan Guttmacher Institute (TIA $\times 0,84 \times 5$); EMA – Estimativa Monteiro e Adesse (TIA $\times 5 \times 1,125 \times 0,75$); EMAM – EMA modificado por Barboni (OGRA $\times 5 \times 1,125$).

FONTE: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS).

Antônio Mateus

Que coisa! Em quinze anos, aconteceram no Brasil entre 8.840.979 e 14.800.746 abortos

induzidos! E a sua estimativa ficou mais próxima da estimativa do Alan Guttmacher Institute com fator de correção 3, ao passo que a de Monteiro e Adesse, daquela que utilizou o fator 5. Mesmo que o senhor esteja correto, ainda assim os números são muito grandes.

André Barboni

Sim, este de fato é um dado espantoso, pois mostra que definitivamente, para o brasileiro, a vida parece não começar na concepção. Pois se esse fosse o entendimento, a pessoa estaria associando o fato de abortar com o de tirar uma vida. De alguma forma isso não se dá²⁷.

Antônio Mateus

Alguns até, poderiam dizer que o Brasil não é tão católico quanto se pensa. Uma vez que a Igreja condena o aborto justamente por considerá-lo uma ação contra a vida da criança que está sendo gerada e com sérias implicações para a sua alma e de todos envolvidos.

André Barboni

Com relação à esta afirmação, vale a pena ver o que Kissling (1998), em um artigo de opinião em nome da *Catholics for a Free Choice* (CFFC), afirmou sobre os católicos: eles não seguem a doutrina Católica Romana oficial (onde a contracepção é uma coisa má, mesmo para os casados e o aborto é imoral, mesmo para salvar a vida da gestante) em assuntos de sexualidade e reprodução; também discordam da posição da Igreja no que diz respeito ao papel da mulher que não pode ser sacerdote nem fazer parte da tomada de decisões da igreja e na sociedade onde o seu papel é ser mãe. A Igreja tem: causado, direta ou indiretamente, o fechamento de serviços de fertilização *in vitro* desde a Polônia até o Uruguai; mantido a distribuição de preservativos e a educação sexual fora de programas de prevenção de Aids; influenciado a política de ajuda financeira internacional dos EUA para planejamento familiar e eliminado referências específicas a métodos contraceptivos fora de ações da ONU. Para esta autora a CFFC tem por objetivo ensinar o público que se pode ser católico e também apoiar a assistência legal à saúde reprodutiva. A grande distância entre as posições da Igreja e os pontos de vista dos fiéis tem levado os católicos a desenvolver sua própria ética sexual e reprodutiva.

Antônio Mateus

É, parece que isto se aplica também para o Brasil. Mas para os católicos, abortar deveria significar condenar a alma da criança que está por nascer a uma infelicidade incompleta.

²⁷ A questão de quando começa a vida é fundamental para discutir a legalização do aborto, pois se ela começa antes do nascimento, então, aborto induzido pode ser considerado uma espécie de infanticídio. Qualquer pessoa que pense assim, necessariamente deveria ser contra o aborto e a sua legalização, por uma simples questão de coerência. Ser contra o aborto e a favor da sua legalização significaria, portanto, ser contra um crime, mas não se importar em apoiá-lo financeiramente. Neste trabalho, consideramos tal posição ilógica, pois a legalização do aborto, tal como ela é defendida, implica em que este aborto seja financiado com o dinheiro público.

André Barboni

Certo, mas no seu artigo, Kissling (1998), afirma ainda que a consciência individual, de acordo com os documentos do Concílio Vaticano II (1965), é inviolável e deve ser seguida até mesmo quando discorda de ensinamentos da Igreja. A primazia da consciência é tão central nos ensinamentos da Igreja Católica, que deve ser seguida, ainda que o católico seja ameaçado com a excomunhão. Embora exista grande pressão dos líderes conservadores da Igreja para definir como infalíveis os ensinamentos sobre o controle da natalidade e aborto, isto ainda não foi feito. E a questão de que quando a alma se infunde no corpo e o feto passa a ser uma pessoa ainda está em aberto para a Igreja, a ciência não pode decidir, pois **este é um problema filosófico**.

Antônio Mateus

Não definir como infalíveis os ensinamentos da Igreja com relação ao controle da natalidade e aborto quer dizer que o Papa ainda não se pronunciou oficialmente?

André Barboni

Exato, e, portanto, é um assunto cuja discussão ainda permanece em aberto. Mas, Kissling (1998), ainda defende que a Teoria da Guerra Justa que é dirigida aos homens, admite matar em caso de: autodefesa; defesa contra um agressor injusto; proteção da integridade da nação e; proteção de valores vistos como iguais à própria vida. Já a Teoria do Aborto Justo, que seria dirigida às mulheres, deveria também ser aceita e permitir o aborto para: salvar a vida da gestante; em caso de estupro; manter a integridade do corpo – saúde física e psicológica da mulher e; capacidade de cuidar dos filhos que já tem.

Antônio Mateus

Mas, será que a Igreja pode se posicionar a favor do aborto? Qualquer que seja a circunstância?

André Barboni

Boa pergunta, pois ela me faz lembrar o início da nossa conversa onde falamos de filosofia e religião, mas você já conhece a resposta. É evidente que não. Se para a Igreja a salvação da alma é muito mais importante do que a salvação do corpo e para todos aqueles que acreditam que a alma é gerada e se liga ao corpo no momento da concepção ou próximo a ele, então o aborto induzido é um ato que contraria as leis de Deus, desrespeita a vida e tira desta alma a possibilidade de uma experiência no corpo que é fundamental para a sua felicidade. Portanto, a Igreja Católica e as demais religiões concordam que o aborto é algo que não deve ser feito e que a gravidez é algo sagrado que deve ser tratado como tal. E, isso vale também para o Espiritismo e todos aqueles que são reencarnacionistas, pois, mesmo a alma tendo a possibilidade de assumir

uma nova encarnação, o aborto vai representar para este espírito reencarnante um problema de rejeição que pode ser muito difícil de superar. Portanto, sexo é feito para adultos, pessoas que têm responsabilidade. Se você não a tem condições de assumir estas responsabilidades, não deveria transar. É como dirigir nesse trânsito caótico de hoje em dia. Não basta ter 18 anos, se você não tiver responsabilidade vai se deparar, mais cedo ou mais tarde, com um desastre.

Antônio Mateus

E qual o tamanho deste desastre? Quais são as pessoas mais afetadas? O que podemos fazer para impedi-lo? Que ações devem ser priorizadas e direcionadas para qual público alvo?

André Barboni

Para entender tudo isto precisamos traçar razoavelmente o perfil epidemiológico do aborto induzido analisando alguns trabalhos.

Antônio Mateus

Perfil epidemiológico?

André Barboni

Caracterizar a população no que se refere ao histórico de aborto induzido. Assim, como você já suspeitava, o aborto induzido varia com a condição sócio-econômica da população e a sua prevalência é maior entre mulheres muito jovens que ainda não atingiram suas expectativas profissionais e conjugais. As mulheres muito jovens que decidem levar sua gravidez a termo, geralmente têm menos ambições do que aquelas que optam pelo aborto²⁸. Fusco, Andreoni e Silva (2008), também encontraram associação do aborto inseguro com renda/escolaridade baixas, cor/etnia, migração interna e não apoio do parceiro que pode ser traduzido numa condição de alta vulnerabilidade individual, social e programática da mulher que aborta.

Mais de 50% dos abortos induzidos nos Estados Unidos ocorrem em mulheres sem filhos, cerca de 25% em adolescentes e mais de 80% entre as solteiras²⁹. Em um estudo realizado em 1979, no Havaí, se concluiu que o perfil das mulheres que praticaram o seu primeiro aborto era ter menos do que 25 anos, ser solteiras e contar com um alto nível de preparação³⁰.

Antônio Mateus

Parece que ele acontece mais em mulheres jovens, ambiciosas, que ainda não conseguiram uma estabilidade econômica/profissional, que não tem o apoio de um companheiro, que estão sós ou sem apoio da família.

²⁸ Cabezas-Garcia et al. (1998).

²⁹ Henshaw (1990).

³⁰ Sreinhoff (1979) apud Cabezas-Garcia et al. (1998).

André Barboni

Exatamente, note que os diversos estudos que se apresentam, vão basicamente reforçando isto e acrescentando outros detalhes que, pouco a pouco, vão melhorando a nossa compreensão sobre o assunto que estamos tratando. O método científico de investigação nos obriga a percorrer o máximo de trabalhos para construir uma ideia melhor do nosso objeto de estudo.

Antônio Mateus

É mesmo, eu já começo a ter uma ideia das razões que fazem com que uma mulher que se reconheça grávida queira abortar.

André Barboni

Sim, mas continuando, Silva et al. (2012), avaliaram a prevalência e as características de mulheres residentes em Vila Mariana, São Paulo, com história de aborto a partir de uma amostra de 555 mulheres entre 15 e 49 anos que engravidaram de um total de 1.121 entrevistadas, classificadas em *sem aborto* (68,5%), *aborto espontâneo* (22,7%) ou *aborto induzido* (8,8%). A chance de ter realizado aborto induzido, em relação às mulheres classificadas na categoria sem aborto, foi 28,3 vezes maior ($p < 0,001$) para as que não tiveram filhos; 6,4 vezes maior ($p < 0,001$) entre as que aceitam o aborto; e 4,9 vezes maior ($p = 0,002$) nas com menos de 4 anos de estudo; aumentando 5% a cada ano de incremento ($p < 0,001$). Com base nos resultados, os autores concluíram que o fator preponderante para ocorrência de aborto foi não ter filhos nascidos vivos, indicando tendência dos abortos ocorrerem no início da vida reprodutiva. Menor escolaridade e aceitação da prática foram outras variáveis associadas ao aborto induzido e observou-se indício de omissão da declaração do aborto induzido nas respostas das entrevistadas.

Antônio Mateus

Este trabalho mostra que, novamente, mulheres sem filhos tiveram mais chances de abortar. Se eu fosse tentar convencer um grupo de mulheres grávidas a não abortar, eu começaria pelas solteiras e mulheres sem filhos anteriores, com pouca escolaridade, baixa renda e que não tem qualquer impedimento contra o aborto. Creio que agindo assim, a gente consegue aplicar melhor os recursos públicos, e colher informações que serão fundamentais para continuar melhorando e reduzindo o quadro de problemas em relação ao aborto.

André Barboni

Você começa a pegar o espírito de como fazer uma política pública. Vejamos, então, um outro caso: Fusco, Andreoni e Silva (2008), compararam os dados de uma pesquisa realizada em São Paulo, Brasil, onde o aborto é ilegal em quase todas as circunstâncias, com os referentes a Cuba, país onde o aborto é legal, considerado seguro e que dispõe de dados confiáveis. Na

pesquisa, da capital paulista, foram entrevistadas 375 mulheres, entre 15 e 54 anos, da Favela Inajar de Souza, das quais 93 (25,8%) sofreram ou provocaram, no total, 144 abortos. Uma média de 1,55 aborto/mulher. Do total de abortos, 82 foram declarados provocados e referentes a 51 mulheres. Segundo os autores, provavelmente este dado está subestimado. Apenas seis abortos, dos 82 provocados, foram realizados em clínica por quatro das entrevistadas, os demais foram feitos na casa da própria mulher ou na casa de quem a ajudou. A média das idades das mulheres entrevistadas que tiveram algum episódio de aborto foi de 23,1 anos ao passo que, nas mulheres com aborto provocado, esta média foi de 21,6 anos. Nestas, a idade média relatada para a ocasião da primeira gestação foi de apenas 17,2 anos. Apenas 33,3% das mulheres que provocaram o aborto, o fizeram na primeira gestação. Os dois terços restantes, o fizeram em gestações posteriores. Além disso, as mulheres com mais de 25 anos apresentaram, proporcionalmente, mais abortos provocados do que filhos nascidos vivos, confirmando neste caso a utilização do aborto para controle da fecundidade.

Antônio Mateus

Controle da fecundidade? Mas as mulheres não dispõem hoje em dia de diversos métodos contraceptivos. Se elas não querem filhos não era melhor utilizar estes métodos do que induzir um aborto? Não é menos arriscado?

André Barboni

Sim, de fato o é, mas os métodos contraceptivos, por mais seguros que sejam também falham. Muitas pessoas não têm como adquiri-los, ou mesmo não sabem como utilizá-los. Além do mais, o aborto, também acaba por cumprir este papel de reduzir as taxas de fecundidade, tanto que para Cabezas-Garcia et al. (1998), preocupados com as taxas crescentes de abortos induzidos/1000 mulheres em idade fértil em Cuba: 36,1 (1970) e 46,8 (1989) as compararam com alguns outros países: 33,7 na Colômbia (1989), 36,5 no Brasil (1991); 38,2 na Hungria (1987); 45,4 no Chile (1990); 51,9 no Peru (1989); 90,9 na Romênia (1982); 111,9 na União Soviética (1987). Ao analisar mais de perto a situação eles concluíram que os fatores que mais contribuíram para a redução da taxa de fecundidade em Cuba foram os métodos contraceptivos e o aborto induzido.

Antônio Mateus

Legal, eu estou gostando deste resumo dos trabalhos sobre o aborto, a medida em que a gente discute este trabalhos vai tendo outros elementos para analisar a questão e pensar melhor o assunto. A nossa opinião fica mais consistente, pois temos dados mais confiáveis e conseguimos analisar a situação de forma mais equilibrada. Continue.

André Barboni

A pesquisa de Fusco, Andreoni e Silva (2008), mostra ainda que no primeiro aborto provocado, 47,1% das mulheres eram solteiras, 31,4% tinham união consensual e apenas 17,6% casadas, o que indica que a falta do apoio de um companheiro, pode ser um fator preponderante na decisão de se fazer um aborto. Isto é corroborado pelo fato de que do total de abortos provocados, 51% da população estudada era solteira ou separada e 86,4% não contavam com o apoio do parceiro. Em 70,7% dos casos de aborto provocado as mulheres não faziam uso de contraceptivos e quando comparamos as mulheres que tiveram algum episódio de aborto encontramos uma média de 4,15 gestações/mulher, com 2,5 nascidos vivos, ao passo que nas que não passaram por esta experiência, a média foi de 2,38 gestações/mulher o que mais uma vez nos diz que o aborto pode estar sendo utilizado pelas populações de baixa renda como uma maneira de redução das taxas de fecundidade. Que em Cuba, caiu de 4,7/mulher (1963) para 1,5 (1992) e 1,55 (2000), em São Paulo, os valores eram: 2,3 (1991), 2,16 (2000) e 1,88 (2002).

Antônio Mateus

Em Cuba parece que reduziu mais do que em São Paulo.

André Barboni

Observe que os anos não são os mesmos. A taxa era de 4,7/mulher em 1963, mas não temos este dado para São Paulo. Se compararmos os dados de 1992 e 2000 de Cuba com os de 1991 e 2000 em São Paulo, você vai ver que os números estão mais próximos. Em São Paulo, eles são maiores, mas o de 2002 é preocupante porque ele é menor do que a taxa de reposição populacional que era de 2,1. Isso significa que a população de São Paulo deve começar a reduzir e envelhecer num ritmo mais acelerado.

Antônio Mateus

Ou seja, se não tivesse tanto aborto, pode ser que a população permanecesse do mesmo tamanho ou até aumentasse um pouco.

André Barboni

Isso mesmo, mas tem mais, Peres e Heilborn (2006), analisaram os dados de um estudo multicêntrico entre 123 jovens de 18 a 24 anos, de ambos os sexos, residentes em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, pertencentes a distintos estratos sociais, que experienciaram (ou não) uma gravidez antes dos vinte anos. As jovens sujeitas à maior exclusão social são justamente as que recorrem mais frequentemente aos hospitais públicos em busca de procedimentos, pós-aborto, e relataram gravidez não planejada. Somente uma minoria de jovens nunca cogitou a ideia de interrupção da gravidez. A posição e participação do parceiro ou da família foram

decisivas na decisão entre abortar e desistir dessa ideia. Um grande número de tentativas fracassadas por abortamento é apontado na literatura sobre o tema como um problema enfrentado pelas mulheres, em face de uma gravidez não prevista (CRESPIM, 1998; COSTA, 1999). Dos homens entrevistados, 43% declararam aborto realizado pela parceira contra 17% das mulheres isto é corroborado com os dados do trabalho de Aquino et al (2003). Entre os jovens entrevistados, 73% pensaram ou tentaram realizar um aborto. A declaração pelos homens de um percentual maior de abortos pode se dever ao maior número de parceiras sexuais. O Misoprostol, outros “remédios” e a clínica são os métodos preferidos pelos jovens de ambos os sexos, no entanto, a menção de um método não exclui o recurso a qualquer outro.

Antônio Mateus

Olha, este trabalho confirma que as mulheres com maior exclusão social têm mais complicações e são as maiores usuárias do SUS e que a posição do parceiro/família é decisiva. Então é possível reverter a decisão de fazer um aborto a partir daí.

André Barboni

Exatamente, Peres e Heilborn (2006), mostraram que os interlocutores são parte importante do contexto decisório: a decisão é raramente tomada pelos jovens de forma solitária, as famílias se posicionam, são importantes fontes de consulta e apoio financeiro para o aborto. A mãe é decisiva na tomada de decisão. Em Salvador, uma jovem induzida pela mãe fez um primeiro aborto, mas quando engravidou novamente resistiu à ideia de um novo aborto. Aceitar a paternidade dos filhos é, em parte, expressão de constrangimentos, sobretudo em famílias de segmentos populares, pelo fato destas mulheres terem também sido mães adolescentes. A não declaração dos abortos pelas moças não é devida somente à ilegalidade, mas também aos valores que definem a identidade em termos de reprodução e maternidade e das representações negativas associadas ao aborto. Os jovens e suas famílias sabem que a gravidez pode ocorrer e que o aborto é uma alternativa a ser cogitada, ainda que em contexto de ilegalidade. No universo masculino, a possibilidade de realizar um aborto integra o quadro gerado por uma gravidez não prevista. Enquanto algumas jovens com recursos são atendidas para realizar o aborto de modo seguro, adolescentes em condição de vulnerabilidade social são obrigadas a se conformar com os riscos físicos/constrangimento da clandestinidade.

Antônio Mateus

Sim, mas parece que os autores querem dizer que legalizando o aborto, estas mulheres poderão fazê-lo de forma ideal e segura e que isso vai resolver todo o problema, mas será que vai ser mesmo assim como eles pensam?

André Barboni

Vamos ver mais um caso antes de tentarmos formular alguma opinião a respeito. Em uma pesquisa realizada por Hardy e Alves (1992), com 937 alunas e 1987 funcionárias de uma universidade, identificou que mulheres menores de 20 anos tiveram o dobro de complicações do que as mulheres com 30 anos e mais. O percentual de complicações dobra quando a gestação passa dos três meses. Houve significativamente menos complicações quando o aborto foi feito em uma clínica/hospital do que quando feito em casa própria ou de outra pessoa (4,5x mais). Foi significativamente maior o percentual de complicações quando o aborto foi feito com sonda ou agulha comparado a outros métodos: curetagem, aspiração ou medicamentos. As complicações foram cinco vezes menos frequentes quando comparado o aborto feito por médico x não profissionais e três vezes menos frequentes quando feito por médico em comparação com enfermeiras/parteiras. Note, que agora a argumentação pró-legalização do aborto ficou mais forte, pois quando o aborto é feito na clandestinidade, os riscos de uma complicação são bem maiores, se ele pudesse ser feito em condições adequadas, evitar-se-ia muitas complicações.

Antônio Mateus

Certo, mas continuariam os abortos, pois não se atuou nas causas que levam as mulheres a abortar e diante da queda da ilegalidade, muito provavelmente, aumentaria o número de abortos. Como o SUS vai dar conta desta demanda se, hoje em dia, uma mulher mal consegue um leito para parir ou ser tratada de algum outro agravo qualquer?

André Barboni

Quem se posiciona contra a liberação do aborto, de fato, pondera que isto acarretaria um aumento desmesurado da demanda e que criaria sérios problemas para os serviços de saúde. Mesmo quando este é feito nas melhores condições clínicas, pode produzir complicações a curto e longo prazo³¹. O aborto poderia ser evitado com educação sexual e promoção dos programas de planejamento familiar³². Quem se posiciona a favor da legalização do aborto alega que tal medida promoveria uma ampla discussão na sociedade e o planejamento familiar seria levado mais a sério. Será que isso não poderia ser feito mesmo sem a legalização do aborto? Para atuar nas causas é necessário ir muito mais a fundo na questão. Estudar os casos levantados pelas pesquisas científicas, pelas discussões filosófico/religiosas e até mesmo pelas manifestações artísticas/culturais é só o primeiro passo.

Antônio Mateus

Como assim?

³¹ Cabezas-Garcia et al. (1998).

³² Gonzáles de Leon Aguirre e Salinas Urbina (1997), Cabezas-Garcia et al. (1998).

André Barboni

Gonzáles de Leon Aguirre e Salinas Urbina (1997) apontam para a necessidade de introduzir mudanças curriculares que reforcem a formação dos estudantes sobre as diversas facetas do aborto. Pois os profissionais de saúde não estão preparados para lidar com a situação.

Nos países em que é legal a interrupção voluntária da gestação, as escolas médicas têm investido na capacitação de seus alunos para que se sintam seguros para lidar com a situação. No Brasil, mesmo nas situações previstas em lei, o que se observa é uma inadequação generalizada dos currículos na capacitação dos profissionais com relação à atenção/cuidado para os casos de abortamento. Ao estudar a opinião de 52 alunos de medicina (MED) e 73 alunos de direito (DIR), Medeiros et al. (2011), constataram que: 71,2% (MED)/67,1% (DIR) são favoráveis ao aborto nos casos de estupro e 75,0% (MED)/69,9% (DIR) em caso de risco de vida da gestante; 73,1% (MED)/63,0% (DIR) são favoráveis ao aborto nos casos de anencefalia do feto e 40,4% (MED)/43,8% (DIR) quando a gravidez traz prejuízos graves à saúde da mulher; 34,6% (MED)/32,9% (DIR) são favoráveis ao aborto nos casos do feto apresentar malformação congênita grave e 9,6% (MED)/15,1% (DIR) para grávidas abaixo de 14 anos; 17,3% (MED)/21,9% (DIR) são favoráveis ao aborto em qualquer circunstância; 5,8% (MED)/2,7% (DIR) em nenhuma circunstância e 0,0% (MED)/1,4% (DIR) por opção da mulher/até o segundo mês de gestação. O trabalho conclui pela necessidade de inclusão desta temática nas discussões e no currículo dos cursos de graduação.

Antônio Mateus

Dá para perceber também que a opinião das pessoas varia muito, mas que em certas condições o aborto é mais aceito do que em outras.

André Barboni

Exato, na pesquisa desenvolvida por Gonzáles de Leon Aguirre e Salinas Urbina (1997), quando questionados a respeito da sua posição em relação ao aborto, estudantes de medicina da Cidade do México se colocaram a favor nos casos: em que representa risco de vida para a mulher (96%); de malformação fetal (94%); AIDS (90%); gravidez fruto de violência sexual (87%); representa risco de desequilíbrio mental causado pela gravidez indesejada (70%); que apresentam razões econômicas (57%); mãe adolescente (50%); de abandono ou morte do cônjuge (47%); falta de métodos contraceptivos (44%) e; decisão pessoal da mulher (37%).

Antônio Mateus

Eu noto que o percentual de aceitação do aborto é grande quando se trata de salvar a vida da mulher, malformação fetal e Aids, começa a diminuir nos casos da gravidez ser fruto de

violência sexual e ser indesejada, mas quando se trata de razões econômicas, da gestante ser adolescente, de abandono ou morte do cônjuge, da falta de métodos contraceptivos e por decisão pessoal da mulher, os percentuais de aceitação são muito menores. Creio que para estes últimos, a rejeição é maior do que a aceitação do aborto.

André Barboni

Pode-se dizer que sim, em outra pesquisa envolvendo 11.286 juízes e 13.592 promotores convidados, Duarte et al. (2010), em que 1.493 juízes e 2.614 promotores responderam às questões sobre o aborto. Entre os resultados obtidos, é interessante notar que: 12% dos respondentes referiram que diante de uma gravidez “absolutamente indesejada” haviam optado por fazer um aborto; 86,5% dos respondentes declararam-se não religiosos ou de religiosidade intermediária; 21,5% apenas, alegaram influência da religião em suas respostas; 78% consideram que as circunstâncias em que o aborto não é punido deveriam ser ampliadas ou que o aborto deveria ser descriminalizado; para 9% dos respondentes, o aborto deveria ser sempre proibido; 13% opinaram que a lei deveria permanecer como está; 84% aceitam o aborto no caso de risco de morte da gestante; 83,1% quando do diagnóstico comprovando anencefalia do feto; 81,8% no caso de malformação congênita incompatível com a vida; 80,6% quando a gravidez é decorrente de estupro; 59% quando a continuação da gestação traz prejuízos graves à saúde da mulher; 41,9% quando a não interrupção da gestação traz prejuízos graves à saúde psíquica da mulher; 12,1% aceitariam o aborto em qualquer circunstância e 4,7% nunca o aceitariam. É importante ainda notar que a experiência prévia de um aborto provocado e o número de filhos (até dois), por ocasião da pesquisa, mostraram associação favorável à legalização do aborto.

Antônio Mateus

Espera aí, até juiz e promotor fazem aborto! Eles não deveriam ser os primeiros a dar o exemplo seguindo as leis?

André Barboni

Em princípio sim, como padre não deveria ter filho, pais não deveriam abusar sexualmente de filhos, as pessoas não deveriam matar, etc., mas a gente está falando do gênero humano e as pessoas nem sempre são coerentes com as suas convicções, ou pelo menos se escondem atrás de máscaras de hipocrisia no sentido de tentar evitar que as pessoas saibam quem de fato elas são. Pois, a imagem que as pessoas têm da gente às vezes vale mais do que realmente somos.

Antônio Mateus

É, creio que para algumas pessoas sim, mas isto é muito sério, devia ter lei contra isto. Como é que a gente vai poder confiar em um juiz que não respeita a lei?

André Barboni

Lei é o que não falta neste país, mas entre a lei e a sua aplicação existe muita coisa no meio do caminho e como tudo na vida, isto tem o seu lado bom e o seu lado ruim. O bom é que sempre há margem para discussão e reflexão do que fazer. Como a visão humana é limitada, a gente sempre tem certa liberdade para garantir que a lei não seja tão severa com quem já está sendo demasiadamente castigado pela vida. O lado ruim é que esta flexibilidade acaba por privilegiar aqueles que estão em condições de manipular a lei e desta forma cria-se dois pesos e duas medidas para a aplicação da lei.

Antônio Mateus

É, para o rico a lei é sempre mais suave.

André Barboni

Você não deixa de ter razão, mas isto também pode mudar. Os grupos sociais desfavorecidos sempre podem se organizar e utilizar os mecanismos democráticos para fazer valer os seus direitos. Mas vamos verificar mais alguns trabalhos antes de emitir uma opinião.

Antônio Mateus

Vamos.

André Barboni

Segundo Nora, Monteiro e Vieira (2001), entre 1997 e 1998 houve, nos hospitais de Ribeirão Preto, 1.326 e 1.443 casos de internação por aborto, dos quais 1,5% e 1,9% foram classificados como espontâneos. Loureiro e Vieira (2004), ao pesquisar a opinião de 57 médicos dos serviços de emergência de Ribeirão Preto – São Paulo dos quais 54,4% católicos, 21% espíritas e 11% se declararam sem religião, constataram que: 96,5% dos pesquisados afirmou ter tido aula sobre o aborto na graduação; 21% estavam desinformados sobre o fato de ser o aborto responsável por grande parte da mortalidade materna; 37% responderam incorretamente que o aborto não é causa de mortalidade materna; 23% responderam incorretamente que as mulheres que mais recorrem ao aborto já excederam o número desejado de filhos; 18% dos médicos conseguiram identificar os três principais métodos contraceptivos entre os listados; o nível de conhecimento sobre o aborto foi considerado alto em 35%, médio em 49% e baixo em 16% dos pesquisados. De acordo com o Código Penal, os entrevistados acertaram que o aborto não se pune: quando a gestante apresenta risco de vida (96,5%); em caso de estupro (93%) e que deve ser punido quando: malformação comprovada (82,5%); gestante menor de idade (93%); gravidez indesejada (93%); risco de saúde da gestante (66,7%).

Antônio Mateus

Pelo jeito nem os médicos estão tão bem informado assim sobre o aborto!

André Barboni

Com efeito, para realização do aborto legal: 74% erraram ao afirmar a necessidade do Boletim de Ocorrência; 65% do laudo do Instituto Médico Legal e 74% acertaram ao afirmar que não é necessário o consentimento do marido. Com relação às leis do aborto no Brasil, o nível de acerto considerado foi: 22% - alto; 46% - médio e 31,5% - baixo; 66% médicos entrevistados é favorável à mudança da lei e ampliariam o acesso ao aborto legal; 82,4% admite o aborto provocado nos casos de malformação incompatível com a vida; 70% discorda que o aborto deva ser totalmente descriminalizado e não aceita o aborto: pelo desejo da mulher (77%); dificuldades sócio-econômicas (82,5%), mãe adolescente (58%). Quase 60% concordam que o médico que pratica o aborto deva ser punido, mas 51% discordam em realizar a denúncia. Se fosse legalizado, apenas 17,5% concordariam em realizá-lo. Com relação às opiniões sobre o aborto: 49% tiveram uma média aceitação do aborto; 30% - baixa e; 21% - alta; 98% pensam que o médico deve tentar reverter o desejo de aborto³³.

Antônio Mateus

Parece, com relação às questões do aborto, que o conhecimento, mesmo dos especialistas, deixam a desejar, principalmente com relação aos aspectos legais e a epidemiologia associada ao aborto. Os médicos temem denunciar a mulher quando anotam no prontuário e/ou não conhecem ou não parecem estar seguros sobre a lei do segredo profissional.

André Barboni

Essa é a conclusão do trabalho. Mas note que 98% pensam que o médico deve tentar reverter o desejo de aborto. Parece-me, que deveria se tentar investir mais nisto, pois segundo Osis et al. (1996), o contraste de sentimentos, oscilando entre pensar em abortar e culpar-se por isto, deixar de fazê-lo, mas sentir-se frustrada, ou então aliviada/feliz por não ter feito implica no fato de que o aborto sensibiliza as mulheres profundamente e tem implicações múltiplas.

Se há a possibilidade da mulher vir a se arrepender de ter feito o aborto, independentemente das complicações que este ato pode gerar, é importante tentar trabalhar os motivos pelos quais a mulher rejeita aquela gravidez e tentar reverter o desejo de aborto. Mesmo que a mulher não queira ou não se sinta em condições assumir a criança, pode-se trabalhar alternativas de adoção. Creio que isto é muito mais compatível com o discurso em defesa da vida, pois não havendo aborto não haverá as complicações decorrentes dele.

³³ Loureiro e Vieira (2004).

Antônio Mateus

Também acho que é um bom caminho.

André Barboni

Mas entre os resultados da pesquisa feita de Osis et al. (1996), com 1955 mulheres entre 15 e 49 anos de idade, visitadas nos seus domicílios no interior de São Paulo, estão que: 54,7% nunca abortaram ou pensaram em abortar; 6,4% pensaram, mas não o fizeram; 18,2% só tiveram aborto espontâneo; 16,7% só fizeram uso de chá/remédio para menstruar e; 4% alegaram ter provocado aborto. Apenas quatro das mulheres que disseram ter tomado chá/remédio para menstruar, e que pensaram estar grávidas naquela ocasião, declararam ter provocado algum aborto. O percentual de mulheres segundo o tempo de atraso quando tomaram chá/remédio: 22,1% (<1semana); 39,3% (1-4semanas); 23,1% (1-2meses); 15,5% (2-3meses). Após isso elas menstruaram. Por outro lado, os percentuais de mulheres segundo o tempo de atraso quando tomaram chá/remédio, mas não menstruaram após tal medida foram: 17,0% (<1semana); 54,0% (1-4semanas); 10,0% (1-2meses); 15,0% (2-3meses). As mulheres que induzem o aborto através da ingestão de chás/remédios, frequentemente, não reconhecem este ato como o equivalente a fazer um aborto. Induzir o aborto por via oral parece ser inclusive, um dos elementos que facilitam a decisão de algumas mulheres abortarem.

Antônio Mateus

Espera aí, como pode uma mulher com dois meses ou mais de atraso da menstruação, que tenha vida sexual ativa, achar que pode não estar grávida, ficar tomando chá e medicamentos reconhecidamente abortivos para a menstruação descer e, em sã consciência, dizer que nunca tentou fazer um aborto?

André Barboni

Note que o processo não é tão simples assim. A mulher está passando por um período de grande tensão e confusão mental. O próprio relacionamento homem-mulher é complicado, no início da gestação, a mudança hormonal mexe como o corpo e a mente da mulher, os sentimentos são conflitantes e se a mulher não tem uma união estável e o apoio do companheiro, o sentimento de insegurança cresce e pode chegar a proporções assustadoras. Se a condição financeira não é boa, isto é mais um agravante, se a mulher é adolescente e depende da família para sustentá-la, isto é ainda pior. Dependendo do tipo de educação que ela recebeu e do círculo social que ela está inserida, a situação pode ser ainda mais complicada. O dado interessante, que esta pesquisa mostra é que a indução do aborto por via oral, parece mascarar um ato que o psicológico da mulher está resistente em aceitar. Naquele momento, a gravidez parece um grande problema, no entanto, a mulher não está preparada para assumir um aborto.

Antônio Mateus

E será que a legalização do aborto mudaria isto?

André Barboni

Em parte sim, mas somente naqueles casos onde a ilegalidade e o medo das complicações e possíveis punições estão pesando nesta equação. Esta é só uma parcela do problema. A legalização do aborto não resolveria as questões de ordem cultural, religiosa, ética ou moral. E de forma alguma há garantias contra as sequelas e complicações do aborto a curto e longo prazo para a vida da mulher.

Antônio Mateus

E, portanto, o conflito interno da mulher persistiria. O aborto, provavelmente, se fosse feito na melhor das condições, ainda assim o seria negado pela mulher em seu círculo social.

André Barboni

Exato, mas o movimento feminista e outros grupos sociais que combatem a pobreza e a subordinação social da mulher, são os principais defensores da legalização do aborto. Tanto que a Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos – RedeSaúde (2001) em um trabalho apoiado pela Fundação Ford, afirma que o Direito de decidir sobre o aborto é uma questão de cidadania e democracia.

Antônio Mateus

É, mas existem outros setores da sociedade que são contra e que dizem que ao defender o direito da mulher decidir se quer fazer um aborto exclui o direito de nascer da criança que ela está gerando. Eliminar o feto não é a mesma coisa que retirar um tumor ou extrair uma verruga.

André Barboni

Exato, mas países desenvolvidos como França, Suíça, Itália e Holanda mostram índices de prevalência entre 7,5 e 12 abortos induzidos por 1.000 mulheres em idade reprodutiva em contraposição com as cifras dos países da África Subsaariana, América Latina e Ásia Sul Oriental e Central que oscilam entre 30 e 40 abortos provocados para cada 1.000 mulheres em idade reprodutiva.

Antônio Mateus

O problema é que nestes países ricos as pessoas têm muito mais recursos e educação. Eles têm melhor acesso aos métodos contraceptivos. Se isto for dado também à população dos países pobres os índices de prevalência de aborto induzido vão naturalmente cair. Mas será que isto interessa aos 15% da população que detém 80% da riqueza mundial? Ou é só mais uma estratégia para continuar mantendo as coisas com estão?

André Barboni

Bom argumento. Quem defende o aborto deveria refletir melhor sobre isto, pode ser que a pessoa se dê conta de que, pelo menos em parte, está de fato contribuindo para manter os privilégios dos ricos e que a legalização do aborto serve, tal como as guerras e o tráfico de drogas para manter o tamanho das populações pobres em níveis controlados. Mas, para desespero destes países, apesar de tudo, a parcela da população que mais cresce no mundo é a dos países pobres. Em 1968, Paul Ehrlich, publicou um livro onde defendia um controle populacional rígido por parte dos países do mundo de forma a evitar a escassez de alimentos e outros recursos naturais. No seu livro, ele defendia a ideia de que a humanidade estava causando um grande impacto sobre o meio ambiente e que uma verdadeira “bomba populacional” acabaria por esgotar os recursos do mundo.

Antônio Mateus

Mas se isto é verdade, então o controle da natalidade não é só uma questão de escolha, mas uma necessidade.

André Barboni

Pelo menos em parte sim, Mas quem vai ditar os critérios e a forma de se fazer isto?

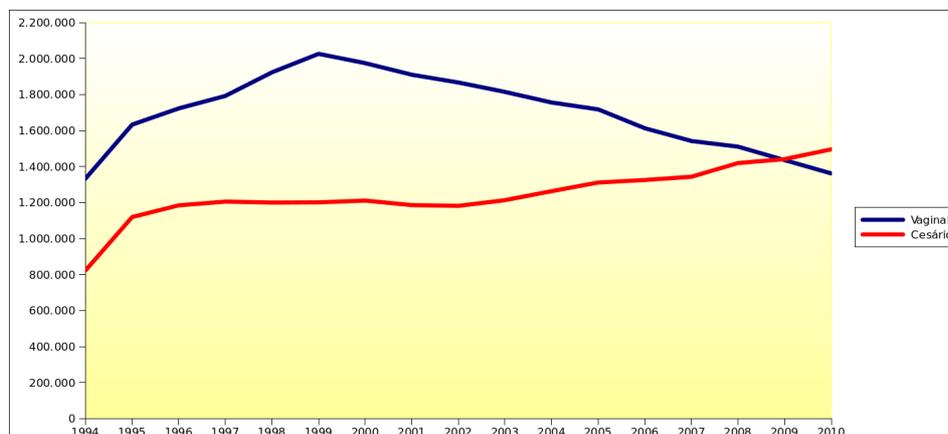
Antônio Mateus

É algo para se pensar.

André Barboni

No Brasil, percebe-se claramente um declínio nas taxas de natalidade e inclusive uma mudança no padrão de vida da população com uma significativa redução no número de nascimentos com tipo de parto vaginal em detrimento do parto cesáreo. Note que na Figura 3, a partir de 2009 o número de partos cesários ultrapassou o de partos vaginal.

Figura 3 – Número de nascidos vivos em função do tipo de parto, Brasil – 1994-2010.



FONTE: MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos - SINASC.

Antônio Mateus

Isso quer dizer o que?

André Barboni

Entre outras coisas, que o poder aquisitivo da população brasileira aumentou e que uma parcela maior da população está tendo acesso aos planos de saúde, onde a decisão por um parto cesáreo, mais do que uma opção da mãe, está sendo feita pela equipe médica que controla o tempo do parto e lucra mais com este tipo de procedimento.

Antônio Mateus

Sendo assim, esse é outro bom exemplo de como a decisão sobre a vida humana, muitas vezes foge das mãos de quem é mais afetado por ela.

André Barboni

Mas note que, mesmo com todas essas mudanças econômicas e sociais que conseguem ser percebidas nos dados que analisamos, o foco da discussão sobre a saúde da mulher acaba recaindo sobre questões como a legalização do aborto, por exemplo. É evidente que se ele não fosse praticado em condições clandestinas, então, a mortalidade feminina por estas causas seria reduzida, mas se você pensar no número de crianças que deixam de nascer, certamente que o impacto em termos de redução da natalidade é muito maior.

Antônio Mateus

Concordo. Mas como a legalização do aborto poderia ser considerada uma coisa desejável já que a prevenção da gravidez é algo que a população, pelo menos teoricamente, poderia ter mais acesso e teria menos consequências desastrosas para a saúde da mulher?

André Barboni

Para quem defende a legalização do aborto, a sua proibição se constitui no elemento de maior peso na alta incidência das complicações. Não se trata apenas da oferta ou da qualidade da assistência, mas da criminalização que pesa sobre a decisão das mulheres, diante da interrupção de uma gravidez. Além dos problemas clínicos decorrentes das complicações do aborto induzido, estas mulheres convivem com sentimentos de culpa e humilhação. Os médicos, frequentemente, imprimem os critérios de sua própria moral e adotam atitudes punitivas às mulheres que provocam aborto. No Brasil, não raras vezes, sobretudo entre mulheres de baixo poder aquisitivo, os casos de aborto espontâneo também são tratados com negligência-preconceito³⁴. O aborto induzido é tratado nas escolas médicas como “aborto criminal”, equiparando-o com o infanticídio.

³⁴ Fusco; Andreoni e Silva, (2008).

Antônio Mateus

Mas a legalização não garante que os médicos e os demais profissionais de saúde irão modificar suas atitudes. É sempre possível trabalhar estes preconceitos e modificar estas atitudes, garantindo a mulher um atendimento adequado para as complicações do aborto, mas, evidentemente, a melhor solução é a sua prevenção. Pois, sem aborto não existiria mais este tipo de complicação e não existiria também, qualquer sentimento de culpa por ter feito um ato ilegal e/ou que contraria os princípios éticos, morais e/ou religiosos/culturais da sociedade/mulher.

André Barboni

Certo, mas ainda temos um longo caminho a percorrer, pois os próprios médicos ainda desconhecem a legislação. No Brasil, a lei não exige boletim de ocorrência nem laudo de perícia para a realização do aborto legal, no entanto, ele é exigido pelos serviços médicos como uma garantia legal. Dos trabalhos analisados, conclui-se que por ser um direito previsto em lei, a aplicação prática do aborto legal deveria ser bem conhecida dos médicos especialistas da área.

Antônio Mateus

Concordo, conforme eu pude deduzir dos textos que nós analisamos, não cabe ao médico denunciar o “crime” cometido pela mulher, como creem alguns, mas assisti-la e orientá-la convenientemente para que se previna a repetição do fato. O médico não pode fornecer endereço de clínica de aborto ou orientar a compra de medicamentos abortivos, mesmo sem prescrevê-los. Se o médico tiver conhecimento de clínica de aborto ou de colegas que forneçam endereços ou que orientam suas clientes para práticas abortivas e não os denunciar está violando o Código de Ética Médica. Mas isto, de forma alguma lhe impede de prestar o socorro que a mulher necessita quando procura os seus cuidados para se tratar das complicações do aborto, seja ele provocado ou não. Não é mesmo?

André Barboni

Claro, mas por ser um problema de saúde pública, o atendimento ao aborto deveria ser enfatizado nas escolas médicas. Faz-se necessária uma melhora do ensino médico sobre Direito Reprodutivo/humano. A formação universitária atual, tampouco propicia aos médicos uma compreensão cabal dos aspectos jurídicos do aborto. Talvez, em função disto, os médicos têm medo de denunciar o aborto e se envolverem em questões legais registrando-o como aborto séptico ou em evolução, o que dificulta ainda mais a sua identificação e análise estatística³⁵.

Antônio Mateus

Sem fazer isto, como é que se pode falar em legalização do aborto?

³⁵ Gonzáles de Leon Aguirre e Salinas Urbina (1997).

André Barboni

Sim, mas a RedeSaúde (2001), argumenta que cerca de 25% da população mundial vive em países onde o aborto é ilegal. Os países da América Latina e do Caribe estão entre os que possuem as legislações mais restritivas. Somente Cuba, Barbados, Porto Rico e Guiana permitem o aborto a pedido da mulher. Nestes países, o acesso a recursos de contracepção, como serviços e insumos educativos e de saúde, é limitado e as situações de violência sexual intra e extra domiciliar são frequentes. Essa falta de acesso acaba por constituir um cenário com elevado número de abortos provocados em toda América Latina, pois interromper a gestação acaba sendo o último recurso das mulheres diante de uma gravidez que, para elas, “não pode” ou “não deve” seguir a diante. Grande parte dos sistemas de saúde nos países em desenvolvimento não planeja sistematicamente ou fornece atenção médica de emergência eficaz para as complicações do aborto. Não existem nos hospitais condições para criação de serviços pós-aborto. O tratamento, frequentemente, é postergado e ineficaz com graves riscos para a saúde da mulher. Durante muito tempo, somente os abortos para salvar a vida da gestante eram realizados nos hospitais, enquanto que nas vítimas de estupro, situação em que o aborto é permitido por lei, as gestantes tinham que recorrer à insegurança do aborto clandestino.

Antônio Mateus

Mas será que a legalização vai resolver o problema ou vai sobrecarregar ainda mais um sistema que não está dando conta de defender a vida daqueles que estão totalmente dentro da lei, pois para a sociedade brasileira, o direito à vida deve ser protegido desde a concepção, como especificado no artigo 4. Do Código Civil de 1916. A Constituição de 1988 não mudou isso.

André Barboni

Certo, mas em Cuba, o aborto é permitido desde que não vise lucro, se faça nas instituições oficiais por equipe médica qualificada e com o consentimento da paciente. A legalização nestas condições permitiu reduzir em 60% os óbitos maternos relacionados à este tipo de intervenção entre os anos de 1970 e 1990. Estima-se que entre os 36 e 60 milhões de abortos induzidos que ocorrem por ano no mundo, cerca de 25% se dão na América Latina³⁶. Fusco, Andreoni e Silva (2008) alegam que a legalização do aborto nestas condições, beneficiaria, sobretudo, as mulheres pobres do Brasil. Pois, não são as mulheres que frequentam clínicas sofisticadas que engrossam as estatísticas de mortalidade por aborto, e sim aquelas cuja qualidade de vida é comprometida.

Antônio Mateus

Sim, mas acho que não é nestas condições que as pessoas pensam em legalizar o aborto no Brasil, pois há muito interesse em explorar este comércio. O Brasil não é como Cuba, muitas

³⁶ Cabezas-Garcia et al, (1998).

coisas que funcionam bem lá não funcionariam aqui. Não há como garantir que estes serviços especializados funcionariam tão bem assim, pois outros serviços que são legais e relativamente menos complexos, simplesmente não funcionam tão bem como deveriam, a exemplo dos serviços de planejamento familiar e controle de doenças sexualmente transmissíveis, a prova disto é que se eles funcionassem como deveriam, não haveria tantas gravidezes indesejadas e nem tanto abortos clandestinos.

André Barboni

Bom argumento! A RedeSaúde (2001), no entanto, alega que é impossível atingir a redução da mortalidade materna, pretendida nas metas do milênio, sem intervir diretamente nos cuidados médicos destinados ao aborto ilegal. No Brasil, o aborto só é permitido para salvar a vida da gestante ou quando a gravidez é resultante de estupro. Todos os demais casos são passíveis de punição para a mulher e para quem faz e/ou induz o aborto. A pena varia de um a dez anos e pode ser dobrada em caso de morte da gestante. O nosso Código Penal é de 1940 e precisa ser atualizado. De acordo com a OMS, cerca de 21% das mortes maternas na América Latina e Caribe devem-se às complicações do aborto inseguro. No Brasil, a ilegalidade não impede que os abortos continuem a ser realizados e esta ilegalidade é a causa provável de muitos óbitos e sequelas, pois a clandestinidade leva à insegurança do ato.

Antônio Mateus

Muita coisa nas nossas leis precisam ser atualizadas e evidentemente que reduzir a mortalidade materna é algo fundamental para atingirmos uma patamar de saúde/qualidade de vida mais desejável, no entanto, mesmo com todo este número absurdo de abortos sendo feito nas piores condições minha avó me disse outro dia que, no Brasil, morrem muito mais mulheres por diabetes do que em decorrência de todas as causas relacionadas à gravidez parto e puerpério.

André Barboni

Sim, concordo plenamente contigo, mesmo porque este é um assunto que eu trato em minhas aulas com os meus alunos, mas segundo Fusco, Andreoni e Silva (2008) e Osis et al. (1996), diferentemente do restante da América Latina, a mulher cubana tem o direito de solicitar um aborto, por decisão pessoal, até a 12ª semana de gestação. Em Cuba, a partir da legalização permissiva do aborto, a mortalidade materna declinou de 120 por 100 mil nascidos vivos para 7/100mil nascidos vivos. No Brasil, a taxa de Mortalidade Materna é estimada entre 91,02 e 182,04/100mil nascidos vivos embora o cálculo pelo SIM/SINASC ==> 76,09/100mil nascidos vivos para 2004. A meta da OMS é de 30/100mil nascidos vivos. Portanto, a alegação de quem defende a legalização do aborto nos moldes cubanos parece procedente.

Antônio Mateus

É, mas compare os dados por gravidez, parto e puerpério com os da Diabetes Mellitus.

André Barboni

Pois bem, construindo então, as tabelas 2 e 3, é fácil observar que você está certo. De fato, os indicadores de mortalidade por Diabetes Mellitus são muito mais assustadores do que os por gravidez, parto e puerpério que incluem os óbitos decorrentes das complicações do aborto. Se o objetivo for prevenir a mortalidade em mulheres em idade reprodutiva, qualquer que seja a sua raça/cor, os resultados são muito mais contundentes se o programa de prevenção se der com relação à Diabetes Mellitus do que a todas as causas envolvendo o capítulo XV da CID-10 (gravidez, parto e puerpério).

Tabela 2 – Óbitos por gravidez, parto e puerpério, para cada 100.000 nascidos vivos, segundo raça/cor da mulher em idade fértil, Brasil, 1996-2010.

| Ano | Branca | Preta | Amarela | Parda | Indígena | Ignorada | Total |
|------------|---------------|--------------|----------------|--------------|-----------------|-----------------|--------------|
| 1996 | 105,83 | 0,00 | 995,36 | 24,37 | 339,56 | 48,96 | 49,74 |
| 1997 | 66,49 | 268,34 | 126,61 | 73,17 | 84,51 | 50,69 | 59,27 |
| 1998 | 73,02 | 365,90 | 117,59 | 94,69 | 100,65 | 40,49 | 63,44 |
| 1999 | 47,56 | 220,72 | 38,61 | 63,88 | 13,82 | 52,05 | 56,04 |
| 2000 | 40,38 | 179,82 | 64,21 | 49,74 | 86,38 | 67,22 | 51,33 |
| 2001 | 39,38 | 215,02 | 20,75 | 50,91 | 135,92 | 58,54 | 50,94 |
| 2002 | 42,00 | 241,97 | 52,71 | 56,99 | 76,21 | 52,44 | 53,93 |
| 2003 | 40,85 | 243,95 | 61,99 | 54,76 | 66,85 | 54,36 | 52,56 |
| 2004 | 44,66 | 295,45 | 35,26 | 56,92 | 81,39 | 47,07 | 55,24 |
| 2005 | 41,30 | 249,42 | 72,70 | 59,53 | 150,62 | 49,01 | 54,73 |
| 2006 | 44,98 | 310,06 | 108,75 | 55,27 | 117,85 | 54,93 | 55,59 |
| 2007 | 41,37 | 362,01 | 94,14 | 57,40 | 155,08 | 54,82 | 55,86 |
| 2008 | 44,81 | 360,00 | 89,05 | 58,15 | 92,64 | 62,01 | 57,62 |
| 2009 | 50,44 | 433,97 | 34,45 | 63,35 | 151,03 | 92,19 | 65,38 |
| 2010 | 46,72 | 416,49 | 92,40 | 59,83 | 113,30 | 73,35 | 60,38 |

FONTE: Ministério da Saúde – Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) e Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM).

Tabela 3 – Óbitos por Diabetes Mellitus, para cada 100.000 nascidos vivos, segundo raça/cor da mulher em idade fértil, Brasil, 1996-2010.

| Ano | Branca | Preta | Amarela | Parda | Indígena | Ignorada | Total |
|------------|---------------|--------------|----------------|--------------|-----------------|-----------------|--------------|
| 1996 | 897,00 | 921,05 | 19.840,74 | 134,03 | 2.376,91 | 517,01 | 527,80 |
| 1997 | 750,71 | 2.248,06 | 1.455,96 | 437,86 | 380,31 | 443,52 | 529,66 |
| 1998 | 795,63 | 2.652,81 | 1.230,79 | 435,31 | 445,72 | 347,83 | 522,87 |
| 1999 | 704,10 | 1.930,11 | 491,06 | 350,49 | 138,21 | 487,15 | 563,04 |
| 2000 | 722,03 | 1.858,84 | 1.086,69 | 372,84 | 134,97 | 759,72 | 636,44 |
| 2001 | 765,45 | 1.980,43 | 736,74 | 379,66 | 147,24 | 743,81 | 649,56 |
| 2002 | 834,46 | 2.348,09 | 942,22 | 414,99 | 139,72 | 704,18 | 694,84 |
| 2003 | 870,20 | 2.723,82 | 1.030,53 | 435,57 | 133,70 | 627,98 | 708,63 |
| 2004 | 889,16 | 3.095,91 | 1.313,47 | 462,03 | 131,48 | 677,61 | 738,00 |
| 2005 | 921,95 | 3.087,33 | 1.682,59 | 463,12 | 196,46 | 725,79 | 751,48 |
| 2006 | 1.018,79 | 3.981,62 | 2.439,02 | 542,97 | 346,62 | 1.091,73 | 863,79 |
| 2007 | 1.110,39 | 4.533,11 | 3.125,59 | 584,29 | 235,99 | 1.433,68 | 943,23 |
| 2008 | 1.112,75 | 5.286,24 | 2.511,13 | 635,41 | 203,80 | 1.425,72 | 970,52 |
| 2009 | 1.173,74 | 5.311,81 | 2.773,47 | 675,22 | 327,23 | 1.615,51 | 1.020,65 |
| 2010 | 1.247,73 | 6.144,88 | 2.975,42 | 713,15 | 321,02 | 1.639,20 | 1.078,74 |

FONTE: Ministério da Saúde – Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) e Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM).

Antônio Mateus

Note que mesmo diante das alegações de que aborto provocado expõe a mulher a riscos e complicações severas. Que isto depende muito das condições em que é feito e que em condições adequadas ele se torna pequeno³⁷, há quem possa alegar que muito mais risco corre uma mulher de morrer por Diabetes Mellitus do que por uma complicação do aborto³⁸.

André Barboni

E você vai me dizer que se a mulher não induzir o aborto os riscos caem ainda mais do que se ela o fizer dentro das melhores condições.

Antônio Mateus

Precisamente.

André Barboni

Infelizmente, nem todos tem este nível de consciência que você está demonstrando, a administração de misoprostol vem crescendo rapidamente no país com algumas consequências bastante desastrosas: malformação fetal e morte materna por rupção uterina. Entretanto, a impressão clínica é de que houve redução de complicações graves pós-aborto, desde que seu uso passou a ser mais amplamente difundido. Para Loureiro e Vieira (2004), as políticas públicas com relação à saúde reprodutiva deixam a desejar, a oferta de contraceptivos é inadequada. Para muitas mulheres faltam as condições para arbítrio da própria fertilidade. A mesma atividade que põe a mulher em risco de uma gravidez não planejada também aumenta o risco de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a AIDS.

Antônio Mateus

Mas a gente viu que ser contra a legalização do aborto e o ato em si, não se restringe à meros argumentos de ordem: moral – por atentar contra a vida; cultural – por ir contra os valores que sustentam o papel de mãe e; religiosa – por colocar a vontade dos homens acima da vontade de Deus. Não é mesmo?

André Barboni

De fato, o problema é bem mais complexo. Basicamente quem defende o aborto e/ou a legalização dele, geralmente o faz pensando apenas na gestante e tentando respeitar o seu direito de não ter a criança, mas será que este direito está acima do direito desta criança nascer? São várias as justificativas para privilegiar os direitos da gestante em detrimento dos direitos deste espermatozoide vencedor, que contrariando todas as possibilidades conseguiu fecundar o óvulo.

³⁷ Hardy e Alves (1992).

³⁸ Tal comparação nos mostra que a legalização do aborto não vai resolver a precariedade do atendimento de saúde.

Muitas mulheres, conseguem por diversos meios, legais ou clandestinos, interromper a gravidez, nos mais diversos estágios da gestação, de forma intencional, com ou sem o apoio do parceiro, este número é verdadeiramente preocupante e, no mínimo, sinaliza que estamos diante de um grave problema de saúde pública e que requer a nossa atenção com urgência.

Antônio Mateus

De acordo.

André Barboni

Cruzar os braços e nada fazer é o mesmo que fazer o mal, pois conforme nós vimos, para fazer o bem, é preciso agir. O bem é ordem, consome energia para se concretizar. O mal é desordem, basta nada fazer para que rapidamente ele se estabeleça. Portanto, para muitos pode ser que a legalização do aborto seja justamente o que se deve fazer para resolver o problema, mas é justamente aí que entra a argumentação filosófico-religiosa. Afinal quem somos nós? Quando começa a vida? Será que este feto, esta criança que está sendo gerada já possui uma alma? Os europeus já se faziam esta pergunta com relação aos povos que eles colonizavam. Uma resposta negativa foi a justificativa para se perpetrar as maiores atrocidades. Se este espermatozoide vencedor que conseguiu fecundar o óvulo e se tornar feto tem uma alma, que está lutando para vivenciar a experiência do nascimento e da vida extra-uterina, crescer, se desenvolver e vivenciar novas e enriquecedoras experiências neste mundo, que está longe de ser perfeito, mas que pode estar justamente perdendo o gênio que irá descobrir a maneira de torná-lo sustentável, será que mesmo diante desta pequenina possibilidade, não vale a pena pensar em uma alternativa que, de fato, seja coerente com uma proposta em defesa da vida?

Antônio Mateus

Certo, o que seria do mundo hoje em dia se pessoas especiais como Jesus, Ludwig van Beethoven, Steve Jobs e tantos outros, cujas mães passaram por grandes dificuldades durante a gravidez, tivessem sido abortados? O que seria do mundo hoje, se você que está lendo este texto tivesse sido abortado. Ele provavelmente continuaria girando em volta de si mesmo e do sol, mas certamente não teríamos o privilégio de conviver contigo e com as contribuições que você e estas pessoas extraordinárias conseguiram nos legar.

André Barboni

Você agora utilizou três exemplos interessantes. O que seria de nós se José não assumisse a criança e Maria resolvesse abortar Jesus para não ser apedrejada? Certamente ela corria risco de vida para ter essa criança, pois as leis do seu povo, naquele tempo, eram muito rígidas. E Beethoven? Na internet a falácia de Beethoven é usada pelo movimento pró-vida para

argumentar contra a legalização do aborto. Nesta falácia um professor teria perguntado aos seus alunos se eles seriam a favor do aborto no caso do pai ser sífilítico, a mãe tuberculosa e das quatro crianças que tiveram: a primeira era cega; a segunda morreu; a terceira era surda-muda e; a quarta também tuberculosa. Os alunos da faculdade de medicina da Universidade da Califórnia – Los Angeles, teriam respondido que interromperiam a gravidez ao que o professor teria dito que eles acabaram de assassinar Ludwig van Beethoven. Richard Dawkins, segundo fontes da internet teria citado a falácia em seu livro “The God Delusion” dizendo que na verdade, Beethoven era o segundo filho de seus pais e não o quinto ou o nono conforme relatam certas versões e que não haveria provas do seu pai ser portador de sífilis. Independentemente disso, mesmo que a história seja falaciosa, o que aconteceria se os nossos gênios fossem abortados?

O que aconteceria se a mãe biológica de Steve Jobs ao invés de entregá-lo para adoção tivesse resolvido fazer um aborto? Certamente que o mundo não seria o mesmo e que muito provavelmente a gente não estaria se comunicando como agora o fazemos. Estes argumentos são muito fortes e certamente apelam para os nossos sentimentos, mas eu diria que são daqueles golpes dados no boxe abaixo da linha da cintura. A gente não precisa deles. Dá para ganhar esta luta sem recorrer a tais artifícios.

Antônio Mateus

Eu quero ver, pois parece que estamos perdendo de goleada haja visto o número de abortos que estão sendo cometidos todos os dias. Não vejo como a legalização do aborto pode resolver isso, pois ela não dá conta das causas que levam a mulher querer interromper a gravidez.

André Barboni

Certo! Para isso vamos ter em mente que estamos lidando aqui com duas visões de mundo, dois referenciais, conforme já discutido anteriormente. Para tratar este assunto, temos que ter isso muito claro na nossa mente, pois, como veremos, para as pessoas que estão no referencial materialista, o aborto talvez não seja um ato tão condenável assim, e sob certas condições, pode até ser encarado como uma solução desejável, mas para quem se encontra no referencial espiritualista a história é bem diferente. Mas note que isso não quer dizer que só faz aborto quem esteja no referencial materialista. Portanto, esta questão parece não ter sido suficientemente debatida de forma que as pessoas se posicionem diante dela de forma coerente com as suas crenças e princípios de vida.

Antônio Mateus

Concordo. O que o senhor sugere que façamos agora.

André Barboni

Que analisemos mais detalhadamente um entrevista feita pela jornalista Emanuella Sombra do Grupo A Tarde com a antropóloga Débora Diniz³⁹. Creio que a análise desta entrevista vai nos dar condições de entender como a lógica materialista atua a favor da legalização do aborto e como podemos desconstruir esta ideia e nos posicionarmos realmente a favor da vida.

Antônio Mateus

Tudo bem, mas já está ficando tarde e eu não posso ficar muito mais tempo.

André Barboni

A entrevista é pequena. Eu vou até reproduzir trechos dela para que a gente possa ir discutindo cada parágrafo de forma sistemática e correlacionando com aquilo que já discutimos.

Antônio Mateus

Certo. Eu vejo que a jornalista começa o seu artigo dizendo que 20% das mulheres entre 35 e 39 anos já abortou. Provavelmente este dado vem da Pesquisa Nacional de Aborto, cuja autora está sendo entrevistada. Débora Diniz em 20/06/2010, era então, professora da Universidade de Brasília e membro fundador do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero (Anis). Segundo o artigo de Emanuella Sombra, em 2004, Débora dirigiu um documentário (Uma história Severina) que narra a trajetória de uma mulher grávida de um bebê anencéfalo.

André Barboni

Se você reparar bem, vai ver que o artigo segue apresentando Débora Diniz como uma grande defensora dos direitos humanos cuja luta, de certa forma, contribuiu para que o Supremo Tribunal Federal permitisse, por meio de liminar, o aborto nesses casos e que a demissão da antropóloga, da Universidade Católica, por defender essa causa não impediu que hoje houvesse uma reaproximação dela com a Igreja em função da sua militância nos direitos humanos.

Antônio Mateus

E pelo jeito a sua relação com o cinema parece ser muito promissora, pois ela participou também do 6º Panorama Internacional Coisa de Cinema com o filme “A Casa dos Mortos”, que narra a rotina dos presos do Hospital de Custódia e Tratamento de Salvador. Uma instituição que atende portadores de doença mental que cometeram crimes e onde um rapaz ficou preso 30 anos por ter, aos 18 anos, roubado uma bicicleta para dar uma volta.

André Barboni

Note que nós já temos alguns elementos importantes para analisar: 1- Débora Diniz se apresenta como uma antropóloga defensora dos direitos humanos – isso cria uma certa empatia

³⁹ Disponível em: http://www.anis.org.br/Arquivos/Textos/a_tarde_20JUN.pdf

com as pessoas que tendem a se vitimizar e a se solidarizar com as vítimas e com os seus defensores; 2- a gravidez de uma criança anencéfala, com certeza traz grandes sofrimentos para a mãe e para a família da criança – permitir o aborto nestes casos seria um ato de compaixão e solidariedade, mesmo quem é contra o aborto há de convir que nestes casos as razões pró-aborto são muito difíceis de combater; 3- ao narrar a história de Almerindo, o rapaz que o mundo esqueceu no Hospital de Custódia de Salvador – mais uma vez, Débora Diniz se apresenta como uma verdadeira missionária em luta pelos direitos humanos das pessoas que a “injusta sociedade brasileira” não quer ver. Note que neste momento, o campo está preparado para que possamos ouvir atentamente tudo o que Débora Diniz tem a nos dizer.

Antônio Mateus

Se esquecermos de analisar friamente o que ela diz levaremos gato por lebre?

André Barboni

Exatamente. E note que, ela faz questão de dizer que não quer acusar ninguém de nada, que não quer apontar culpado algum, mas que existe uma realidade bastante perversa e que é impossível alguém ter consciência disso e não se indignar.

Antônio Mateus

Ou seja, isso desperta em nós o desejo de resolver este problema e ouvir com atenção o que ela tem a dizer sobre esse assunto.

André Barboni

Sim, por isso que ela diz que a “primeira coisa que falta, não a essas instituições mas em nós, é um olhar. Um dos direitos mais básicos é o direito de estar no mundo, e esses indivíduos em geral, sem nenhum romantismo meu, matam em surto, em ausência de tratamento”. Note que a fase que eu grifei me dá argumentos para criticar, mais tarde, a posição que ela irá tomar a favor da legalização do aborto. Mas eu tenho que concordar com tudo o que ela diz neste pequeno trecho do seu discurso que eu selecionei. A primeira coisa a fazer é trabalhar o olhar, a forma como vemos o mundo, o nosso referencial. É claro que eu tenho que concordar que um dos direitos mais básicos do ser humano é o de estar no mundo e que se um indivíduo está doente e certamente precisa de tratamento, para não surtar e prejudicar a si mesmo e ao seu próximo, ele deve receber este tratamento e não ser abandonado e esquecido em um um lugar que ninguém quer lembrar que existe.

Antônio Mateus

Mas...

André Barboni

Isso mesmo, sempre tem um mas. Antes de chegar ao tema do aborto, a entrevista irá mostrar que muitas pessoas não conseguiram assistir ao filme até o fim e saíram do cinema porque se sentiram desconfortáveis. Nas próprias palavras de Débora Diniz, esta sensação de desconforto ao invés da de solidariedade que deveríamos sentir diante desta realidade tem a ver com o fato de que as cenas do filme, da forma como elas foram feitas, mexe com todas as nossas fantasias e medos, a gente é surpreendido por uma situação chocante e desagradável num momento em que buscávamos nos divertir e nos alienarmos dos problemas do mundo. E a antropóloga conta agora, também, com a simpatia da entrevistadora.

Antônio Mateus

Ou seja, a entrevista está muito bem encadeada e nos preparou para um assunto, uma realidade cruel e desagradável que a todo momento tentamos evitar. Quando ele vem à tona, sempre nos causa um certo desconforto e, de certa forma, já fomos induzidos a pensar que não legalizar o aborto é o mesmo que abandonar essas mulheres a um destino infeliz e que devemos vencer essa repulsa e nos solidarizarmos a elas.

André Barboni

Mais uma vez, Débora cria uma certa empatia com os leitores da entrevista dizendo que o seu interesse em causas como o aborto começou com um tema muito forte, o direito das mulheres, de portadores de deficiência, e agora da saúde mental. Para ela, esses temas tem em comum experiências de opressão e discriminação. É aqui que devemos parar e refletir se de fato esses temas devem ser tratados da mesma forma ou se cada um deles têm suas particularidades. Certamente que todos eles envolvem seres humanos, com seus dramas, sentimentos e formas de ver o mundo, mas temos que ter muito cuidado para não nos deixarmos conduzir por um discurso falacioso que nos leva a agravar uma situação achando que estamos resolvendo-a.

Antônio Mateus

Creio que o senhor vai explicar melhor o que o senhor quer dizer com isso mais adiante.

André Barboni

Perfeitamente. Note que uma vez que foi introduzido o tema do aborto a entrevistadora pergunta para a entrevistada em que situações o aborto é permitido. Isso lhe dá a oportunidade de dizer que o desafio desse debate no Brasil está no fato de que ele é um debate religioso e moral. A questão não deve ser apenas se somos favoráveis ou contrários à legalização do aborto, pois este é um tema onde as pessoas evitam falar abertamente, onde as mulheres quando são perguntadas se já fizeram algum aborto tendem a esconder o fato, mas quando esta pergunta se

dá de forma a garantir o anonimato da resposta o problema se mostra muito maior do que parecia. De fato ele é tão relevante que se define como uma questão de saúde pública e de direitos humanos, pois estamos falando de números realmente grandiosos como os que foram apresentados anteriormente. E neste ponto, eu tenho que concordar com ela, pois de fato, os números são assustadores.

Antônio Mateus

É, mas agora a entrevistadora chega ao xis da questão. A Anis defende o aborto em quais circunstâncias?

André Barboni

A resposta de Débora Diniz é que eles não tem uma resposta sobre o que as políticas públicas vão regular, limites gestacionais, acesso. Mas eles tem a convicção constitucional de que o aborto tem que ser entendido como uma questão de expressão de direito à saúde, à privacidade, à dignidade da pessoa humana, inclusive do direito à vida das mulheres. Ou seja, o aborto é matéria de ética privada e as mulheres tem que ser protegidas pelo Estado para não abortar e para abortar. Como isso será feito ela não sabe, mas defende que é preciso pensar nisso.

Antônio Mateus

Em outras palavras, a Anis defende que o Estado garanta o direito da mulher fazer o aborto caso ela queira, independentemente do motivo.

André Barboni

Note que nesta fala parece que ela se esqueceu de que um dos direitos mais básicos é o direito de estar no mundo. Ela só está pensando nos “direitos” da mulher. Respeitando sua opinião/decisão sem considerar tudo o mais. Será que é isso o que devemos fazer? Um Estado laico pode só considerar a posição desta mulher e esquecer o direito de um futuro cidadão estar no mundo?

Antônio Mateus

A entrevistadora pondera, se legalizar o aborto não banalizaria a prática no Brasil? Eu pessoalmente, acho que sim, mas Débora argumenta que, do ponto de vista antropológico, a maternidade é central para a constituição do feminino e isso colocaria uma espécie de freio, pois as mulheres se definem como mulheres a partir do feminino, que passa pela maternidade. Em seguida ela também argumenta que onde o aborto foi legalizado junto veio um amplo serviço de planejamento familiar e de se falar disso abertamente, de vantagens, riscos, possibilidades e limites e estas políticas públicas certamente contribuiriam para evitar a banalização da prática.

André Barboni

O problema é que a prática já está bastante banalizada. O aborto não precisa ser legalizado para que as políticas públicas de planejamento familiar sejam implementadas. Pode-se fazer isso supondo que caso este debate aberto e as políticas de planejamento familiar sejam ineficazes o aborto clandestino certamente já é uma alternativa que milhões de mulheres estão utilizando e que a vontade de ser mãe e a constituição do feminino não estão sendo fortes o suficiente para impedir que se faça o aborto, mesmo nestas condições tão arriscadas. Se as condições forem ideais será que o número de abortos vai diminuir? Muito provavelmente não, e com certeza isso não é garantia de que as políticas de planejamento familiar vão funcionar. Daí você pode facilmente constatar, como esse argumento é frágil.

Antônio Mateus

Concordo. A argumentação pró-aborto neste caso é fraca e só convence quem não estudou o assunto com mais cuidado, mas a entrevistadora toca numa questão mais central: *do ponto de vista bioético, qual o ponto de partida da vida?*

André Barboni

Você tem razão. Este é um ponto mais central onde percebemos claramente o conflito entre o referencial materialista e o referencial espiritualista. Débora Diniz começa a responder a questão dizendo que ela é essencialmente religiosa, não é científica e nem de um Estado laico. É justamente aí que está a grande falácia. Esta não é uma questão religiosa, mas antes de tudo uma questão filosófica. Observe que existe aqui o velho ranço materialista desvalorizando tudo aquilo que diz respeito à religião e supervalorizando uma ciência materialista e impondo a nós a ideia de que um Estado laico é o mesmo que um Estado ateu. Isso é um grande equívoco.

Um Estado laico é um Estado que não tem uma religião específica, mas é também, um Estado que respeita profundamente todas as posições e convicções religiosas, um Estado que respeita a crença de cada um e o direito de professar esta crença, mesmo que seja a da inexistência de um Deus e de uma alma imortal. Um Estado laico também não privilegia o conhecimento científico em detrimento dos demais.

Na sequência das respostas de Débora Diniz fica claro a sua posição dentro de um referencial materialista. A sua defesa de direitos humanos se dá dentro deste referencial onde ela considera que a vida é uma progressão infinita e que a fecundação sendo adotada como um marco inicial para esta progressão é uma perversidade que se faz contra a mulher, pois este marco é essencialmente religioso e que a criação da vida artificial invalidaria a tese do divino. Uma concepção que não me parece muito correta.

Antônio Mateus

Concordo, o problema é que a criação da vida artificial não pode ser feita sem seguir as leis que, para a maioria das pessoas tem origem divina, esse é um primeiro ponto a ser considerado. Em segundo lugar, independentemente do momento em que se convence que a vida começa, aquela célula ovo, fruto da fecundação, caso se permita que a natureza siga o seu curso, vai se fixar no útero da mãe, se desenvolver e alguns meses depois nascerá uma bela criança que certamente tem todo o direito de ser protegida por um Estado laico independentemente da posição religiosa que ela terá.

André Barboni

Note que quando a entrevistadora pergunta à representante da Anis qual é a posição dela, como mulher, com relação a este marco inicial, ela diz que isso tem que ser fruto de um debate coletivo e que uma resposta dela seria leviana. Mais ainda, que ela só tem certeza de uma coisa: *nasceu? Tem todos os direitos*. Ela não acha que isso tenha algum tipo de relativismo. Mas note a contradição: Se esse marco inicial tem que ser fruto de um debate coletivo e uma opinião dela a esse respeito seria leviana sem esse debate, então, não há como defender a legalização do aborto sem definir quando a vida começa. Ela já sabe que quando a criança nasce já tem vida e, portanto, ela deve gozar de todos os direitos, mas se acontecer alguma coisa que interrompa a história natural do desenvolvimento do feto entre a concepção e o evento do nascimento, isso certamente irá fazer com que esse último evento não se dê e isso também é algo que não pode ser relativizado. A questão que se coloca é: um Estado laico deve defender o direito de um feto se desenvolver normalmente e nascer? Essa é uma questão puramente religiosa?

Antônio Mateus

Acho que este ponto ficou bem esclarecido, mas a entrevistadora chama a atenção para o fato de que a justiça permite que o aborto seja realizado em casos de estupro e risco de vida para a mãe o que seria uma contradição sobre a origem da vida.

André Barboni

A resposta de Débora mostra que esta é uma questão moral, um jogo contínuo de forças, que muda com o tempo e com as sociedades. Para ela não existe coerência nem racionalidade nisso, o que está em jogo é o afeto e a sensibilidade. Eu diria mais, a própria natureza humana nos faz ver o quanto somos incoerentes com os nossos princípios. Dependendo da situação agimos de maneira totalmente contrária às nossas convicções. O problema é que um Estado laico ou religioso não pode agir de forma incoerente e contraditória. Ele deve sempre buscar um caminho que conduza à uma sociedade saudável ainda que suas leis tenham exceções que funcionem como válvulas de escape para aliviar as tensões sociais.

Antônio Mateus

Sim, mas isso significa que devemos rever a lei e talvez incluir outras exceções como, por exemplo, permitir o aborto dos anencéfalos?

André Barboni

As leis, numa sociedade, são feitas pelos homens e sendo assim tudo é possível, mas isso não quer dizer que tudo, então, deve ser permitido. De fato, não há dúvidas de que a sociedade precisa debater seriamente este problema, a nossa conversa só dá alguns elementos para essa reflexão. O assunto não se esgota aqui. Ninguém tem uma bola de cristal mágica capaz de dizer exatamente o que vai acontecer se o aborto for legalizado no Brasil, mas com certeza, nesta discussão não se pode simplesmente dizer que a posição da Igreja Católica, ou de qualquer outra religião, deve ser desconsiderada, ou não é importante, ou é baseada em argumentos não científicos como se ser científico fosse o mesmo que dizer que para a Ciência, Deus não existe. Quem fala isso, não tem a menor ideia do que a Ciência é. Ela nunca se posicionou como dona da verdade e, certamente, nunca se pronunciou oficialmente sobre a existência ou inexistência de Deus. Boa parte dos cientistas, filósofos, artistas e teólogos que construíram os maiores pilares do conhecimento humano, notadamente o científico, tinham profundas convicções religiosas e foi graças a estas convicções que eles fizeram o que fizeram. Portanto, não tem porque desvalorizar e retirar deste debate estas convicções.

Antônio Mateus

Concordo.

André Barboni

Continuando, note que neste ponto da entrevista a entrevistadora faz notar que na pesquisa realizada e conduzida na UnB pelo Instituto Anis com 2002 brasileiras entre 18 e 39 anos, a maioria das mulheres que abortaram se declararam de religião católica. Débora afirma que a mulher que aborta é uma mulher comum e que 70% da população brasileira se declara católica. Isso não quer dizer que a igreja católica não tem força, mas que o aborto tem um significado que é partilhado entre as mulheres sem diferença de renda, educação ou religião.

Antônio Mateus

Eu diria que as pessoas não são tão religiosas assim. Me parece que a posição da igreja católica e das demais religiões não estão pesando tanto assim nesta equação porque os demais fatores sociais estão tendo maior influência. Talvez isso tenha haver com o fato de que as pessoas se dizem desta ou daquela religião mais por uma questão de conveniência do que por convicção.

André Barboni

Você não deixa de ter razão. As pessoas geralmente seguem um líder, uma moda ou uma tendência sem refletir muito porque estão fazendo isso. Uma das conclusões que podemos tirar desta nossa conversa é que é preciso refletir melhor sobre tudo, principalmente, sobre questões sérias como a legalização ou não do aborto e a nossa visão de mundo. Caso não façamos isso, podemos trilhar alguns caminhos que podem se mostrar bastante espinhosos e desagradáveis. Quando estes caminhos dizem respeito apenas a nós mesmos, isso tem uma certa implicação, mas os efeitos são restritos, quando estes caminhos envolvem a vida de outras pessoas as implicações são mais sérias e as consequências são muito mais graves. Portanto, pelo menos nestes casos, não podemos e não devemos agir sem reflexão.

Antônio Mateus

Como é o caso do aborto provocado.

André Barboni

Precisamente. Não se trata de se eliminar apenas um amontoado de células, por uma questão qualquer, mas este conjunto de células contém também todo um potencial de vida que precisa ser respeitado e cujos direitos não podem ser excluídos desta equação. Não podemos e não devemos ignorar a condição humana deste embrião que está lutando para estar no mundo e gozar dos seus plenos direitos.

Antônio Mateus

Eu noto que no final da entrevista, Débora Diniz alega ter sido covardemente perseguida por conta das suas posições pró-aborto que em seu próximo filme ela pretende mostrar pessoas com câncer em estágio terminal e quando perguntada sobre a sua crença religiosa ela disse que sua *convicção pessoal é a de que acabou, acabou*. Que nós devemos fazer tudo o que há de melhor aqui. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

André Barboni

Eu acho lamentável a perseguição de que ela foi vítima. Acho que ninguém tem o direito de fazer isso contra quem quer que seja. Acho ainda que, se ela conseguisse sair desse referencial materialista, os seus filmes seriam muito mais ricos e interessantes. Algumas pessoas resolvem “morrer do seu jeito”? Ela não tem ideia do quão grave isso é do ponto de vista de um referencial espiritualista do tipo que o Espiritismo traz. Tratar esse assunto desconhecendo esse referencial é o mesmo que entregar uma arma carregada e destravada para um bebê de dois anos. Ou seja, uma tragédia anunciada.

Antônio Mateus

Parece que quem está no referencial materialista acaba tendo uma visão simplificada do mundo que faz com que eles se posicionem de uma maneira muito comprometedoras perante a Lei de Deus. Na visão espírita, e de outras crenças reencarnacionistas, esse comprometimento tem solução, mas a solução é sempre acompanhada da irmã dor. Numa visão católica ou de qualquer outra crença semelhante, que não aceita o princípio da reencarnação, o problema criado gera um prejuízo eterno para a alma.

André Barboni

Exatamente, esta é a questão chave que direciona todo o debate, não há como vencer esse problema de saúde pública gerado pelo aborto provocado sem convencer as pessoas que o referencial materialista pode ser considerado um grande equívoco pois, para quem está nesta visão, o problema de saúde pública não está no aborto provocado, mas sim no aborto clandestino. Se você observar bem verá que toda a argumentação deles está neste sentido. Mas acontece que não se trata apenas de um problema de saúde pública, ele é antes de mais nada um problema filosófico, ético e moral que mexe profundamente com os novos valores culturais e a Saúde Pública não pode ser invocada para desconsiderar tais posições.

Antônio Mateus

E por que, então, tantos católicos, evangélicos e pessoas das demais religiões provocam o aborto?

André Barboni

É só lembrar, mais uma vez, que grande parte do império romano se converteu ao cristianismo, inclusive ocupando cargos importantes na hierarquia da Igreja, não por verdadeira fé, mas por conveniência. Aposto, que se você falar com estas pessoas verá que de fato elas dizem ter uma religião, mas não acreditam nela. No fundo elas também estão no referencial materialista. Por isso foi tão importante caracterizar este referencial para entendermos contra o que estamos lutando e quem é o nosso verdadeiro inimigo. Qualquer um que estude os fenômenos espirituais seriamente, com os métodos da ciência, da filosofia, da arte ou da religião, que sonde o fundo da sua consciência verá que o referencial materialista não é apenas perigoso, mas que é um erro.

Antônio Mateus

Eu estou certo disso, mas eu não vejo ninguém que esteja nele querendo, de fato, fazer este tipo de sondagem.

André Barboni

Mais cedo ou mais tarde, todos irão fazê-lo, pois até que se prove o contrário, todo homem é mortal. Esta é a única proposição que eu não tenho motivos para colocar em cheque. Tudo o mais é passível de questionamento de quisermos, de fato, conhecer a verdade. A medida em que a morte se aproxima, não há como evitar se questionar se temos uma alma imortal. A gente percebe facilmente isso quando vê pessoas que a vida toda trabalharam dentro de uma visão materialista e na sua maturidade reviram as suas posições da juventude.

Antônio Mateus

Certo, mas para uma mente racionalista creio que é muito difícil aceitar os dogmas das igrejas e acreditar em muitas passagens da bíblia.

André Barboni

Se você observar bem vai ver que a nossa conversa já tratou disso também. Primeiro que todo escrito se dá num tempo e num espaço, ou seja, em certas circunstâncias e realidade. Interpretar as escrituras sagradas ou qualquer outro texto ao pé da letra pode gerar mais confusão do que solução. Há de se considerar também, e isso é fundamental, que a astúcia do homem que está por trás das instituições sempre age de forma egoísta distorcendo os fatos, criando regras e tradições que nada tem de sagrado, mas que servem unicamente para atender aos seus interesses egoístas. Ignorar isso é uma falha grave pois a nossa alma sempre consegue sentir a verdade e é por isso que vemos essa crise de fé e esvaziamento das igrejas.

Toda alma humana tem sede do sagrado. É natural que o busquemos nas igrejas, mas quando não encontramos e/ou nos deparamos com situações incoerentes com o que deveria ser e que fere a nossa razão, nos vemos obrigados a nos afastar daquilo que pode ser nocivo a nossa alma. Para mim, o princípio da reencarnação é a única coisa que consegue manter a coerência entre a lei de causa e efeito, suas consequências ético/morais e um Deus todo poderoso, soberanamente justo e bom. Se este princípio é uma lei natural, criada por Deus, como defendia Kardec, negá-lo é como negar que a Terra gira em torno do Sol. Mais cedo ou mais tarde todos terão que aceitá-lo.

Antônio Mateus

É por isso que o senhor acha que todos deveriam estudar as obras de Kardec.

André Barboni

Precisamente. Não se trata aqui de uma tentativa de se converter alguém ao Espiritismo, mas de mostrar que as obras de Kardec foram escritas para todos. Ele achava que uma pessoa

pode ser espírita e católica ao mesmo tempo, que ela pode ser espírita e evangélica, espírita e muçulmana, espírita e judia, espírita e professar qualquer outra religião, pois o espiritismo é todo baseado em leis naturais que qualquer um que se dê ao trabalho de investigar verá que elas existem, tal como Kardec as descreveu. A única coisa que a pessoa não pode ser é espírita e materialista. O Espiritismo não veio para ser um religião ou combater as religiões, mas para combater o materialismo. Esse referencial equivocado que tenta justificar o aborto, a eutanásia, o suicídio, a liberação da maconha e outras drogas e toda a sorte de crime contra as leis de Deus e dos homens desde que o criminoso haja com astúcia e fique impune⁴⁰.

Antônio Mateus

É pelo visto a gente tem assunto para muitas outras conversas.

André Barboni

Mas dado o adiantado da hora, acho que, por hoje, é melhor encerramos a nossa discussão.

Antônio Mateus

De acordo.

⁴⁰ É importante deixar bem claro aqui, que nem todas as pessoas que se enquadram no referencial materialista acreditam que tudo podem fazer, que qualquer crime é justificável, desde que o criminoso não seja apanhado, mas a falta de um freio que as religiões acabam impondo, para aqueles que assim pensam, faz com que se diga que se Deus não existe, deve, então, ser inventado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a história da humanidade com as chaves-entendimento fornecidas pelo quadro matriz de fragmentação do conhecimento de Weil, D'Ambrosio e Crema (1993) e pelos tipos: forte, astuto e justo de Pietro Ubaldi podemos constatar que se criou uma linha demarcatória, tracejada em vermelho na Figura 2, numa tentativa de separar Ciência de Religião.

Muitos defendem que: isso não só foi necessário, mas que é fundamental que continue sendo assim para que possamos continuar progredindo; não tem sentido um cientista se envolver com assuntos de religião, pois isso só irá confundir as suas ideias e torná-lo um profissional medíocre e desfocado.

No entanto, eu pondero que: razão e intuição são as asas da Filosofia; razão e sensação as da Ciência; intuição e sentimento as da Religião e; sensação e sentimento as da Arte. Cada um de nós possui estas asas desenvolvidas em maior ou menor grau. A **razão** nos ajuda a compreender e desenvolver os assuntos filosófico-científicos e isso é muito importante, pois no dia-a-dia lidamos com situações em que precisamos contar com essa asa. Costuma-se chamar de **racionalista** quem tem esta asa hipertrofiada. A **sensação** está relacionada aos nossos sentidos. A inventividade humana sempre nos ajudou a ampliá-los. Quem defende que é com essa asa que se produz o verdadeiro conhecimento é logo tachado de **empirista**. A **intuição** nos permite alçar voos que estão muito além dos nossos sentidos e ninguém pode negar as grandes contribuições dos “insights” para o conhecimento humano, mas quem tem essa asa hipertrofiada pode fazer com que esse alguém seja chamado de **místico**. **Sentimento**, quem poderia dizer que não os têm? Muitos irão dizer que eles só atrapalham e embaçam a nossa razão. Não é por acaso que ele está em oposição à ela na figura 2, mas esta é também uma asa importante para se alcançar o verdadeiro conhecimento. Conhecer a si mesmo requer uma profunda análise dos nossos próprios sentimentos e do uso correto da razão, intuição e sentidos. Sem que nos conheçamos o suficiente não há como conhecer verdadeiramente tudo o mais. Não há como ser **sábio**.

A conclusão que eu cheguei, após mais de trinta anos de leituras e reflexões, é que a linha divisória tracejada em vermelho na figura 2 pode ser comparada ao muro da vergonha. Como toda linha demarcatória ela teve a sua origem justificada pelo fato de que era preciso separar Ciência de Religião, pois era necessário que houvesse progresso e a Igreja Católica, instituição humana que fora criada, através do maior sincretismo religioso da história da humanidade, para salvar o império romano da sua completa destruição, fazendo uso das armas do **astuto** e se valendo da **força** levou a lógica de conquista e dominação do império romano a níveis nunca antes imagináveis. Isto jogou o mundo ocidental em um estado tal de ignorância que muitos chamam este período de “idade das trevas”.

Era preciso uma reação contra isto e a linha demarcatória tracejada em vermelho na figura 2 parecia ser a solução ideal para possibilitar que a Ciência se desenvolvesse, muito embora não tenha sido com este objetivo que ela foi criada, mas o que eu afirmo é que existem dois e somente dois referenciais: 1- **espiritualista** – que considera que cada um de nós possui uma alma imortal, nossa essência que sobrevive à morte do corpo físico; 2- **materialista** – o princípio inteligente que cada um de nós possui acaba com a morte do corpo.

Cada um de nós, se encaixa em um destes dois referenciais e possui em si as asas e as áreas de conhecimento representadas na figura 2. É importante deixar bem claro aqui, que **referencial**, para mim é uma palavra que estende o conceito de paradigma de Thomas Kuhn. Ou seja, é toda uma visão de mundo, uma forma de pensar e agir, mas que não se limita à ciência, mas também se refere a todos os demais campos do conhecimento. Aos da figura 2, que estamos utilizando neste momento, mas que também poderia ser aplicado a qualquer outro quadro de fragmentação do conhecimento que venha a ser construído.

Assim, conforme foi visto na primeira parte do nosso diálogo, a primeira vista parece que tal como acontece com os paradigmas, o mundo está dividido em dois times, com duas grandes torcidas: os materialistas e os espiritualistas. Para muitos, durante um grande período da nossa história, os espiritualistas estavam com tudo e mandavam, mas agora a torcida materialista é que está com tudo. Galileo fez um golaço, deu um golpe fatal na física aristotélica, Descartes, Newton e Kepler ajudaram a abalar as estruturas da Igreja. Darwin, com a teoria da evolução associada as contribuições da engenharia genética, da datação por carbono 14 e outras, ajudaram a derrubar outros pilares. Se Deus algum dia existiu, então, hoje ele está morto. É o que diz os membros mais empolgados desta torcida.

Mas será que é mesmo isso? A revolução copernicana e os avanços da ciência e do conhecimento humano são realmente obras do **referencial materialista**? Como pode alguém, em sã consciência, dizer que “se Deus algum dia existiu, então, hoje ele está morto”, ou que ele não existe, que não temos uma alma imortal e que esse negócio de religião é bobagem sem ter feito qualquer estudo sério e aprofundado a respeito?

É neste ponto que a obra de Kardec tem um papel fundamental, pois ajuda a nos livrar de credices e superstições e mostra para qualquer um que a estude a sério que **o referencial materialista** é um grande equívoco, pois não temos só uma alma imortal, ela também pode reencarnar e se comunicar conosco quando desencarnada. Isto não é uma invenção, uma inspiração, uma revelação ou uma alucinação, mas é um fato positivo, uma lei natural, observada ao longo de toda a história da humanidade e que pode ser comprovado por qualquer um que se disponha a isto. O que Kardec fez foi revelar ao mundo aquilo que era conhecido de poucos e

que só tinha acesso quem era iniciado, pois os tempos tinham mudado e a hora de todos conhecerem a verdade chegara. Essa é uma provocação que faço.

Assim, de posse desta nova chave de entendimento é fácil compreender que Ciência e Religião não são inconciliáveis. Galileo, Descartes, Leibniz, Newton, Darwin, Kant, Spinoza, Franklin e tantos outros jogadores do time espiritualista nos deram grandes contribuições em ciência e filosofia e em seus escritos não existe a menor dúvida de que sua crença em Deus e na imortalidade da alma foi fundamental para eles fazerem o que fizeram.

Mas como foi dito, na minha provocação, o referencial materialista não é somente equivocado, ele também é **dogmático** e **nocivo**. Para os mais incautos ele dá a impressão de que tudo é possível, de que tudo é permitido e justificável se você puder permanecer impune. Esta falsa impressão de liberdade em desafiar o que as pessoas chamam de “lei de Deus”, de pecar (errar o alvo), é justificada com a afirmação de que Deus não existe, não há como sermos punidos após a nossa morte, pois após ela, nada existe. Se não formos punidos em vida, então, não seremos após a nossa morte. A vida é assim mesmo, injusta, se você não quiser ser um perdedor, tome logo as rédeas da sua vida, quem não é presa é predador, escolha logo o seu lado, mas haja em silêncio se não a concorrência aumenta. É bom que exista religião no mundo, afinal “todo lobo precisa de cordeiros para se alimentar”.

Do ponto de vista ético, moral e social este tipo de raciocínio produz homens fortes e astutos que trabalham na lógica egoísta, mas que representam um grande risco para a sociedade por seu caráter sociopata. Incapazes de ver no próximo alguém semelhante a ele e com os mesmos direitos, agem de forma imatura, pois não conseguem perceber as ações da providência divina que acaba usando o mal para regular as ações do próprio mal. A convivência em sociedade, nos obriga a fazer leis e regulamentos para coibir os abusos e garantir uma certa ordem. Não há como dar liberdade ilimitada a um indivíduo sem graves consequências para os demais. Liberdade sem responsabilidade é como uma arma carregada e destravada nas mãos de uma criança de dois anos. Alguém vai se ferir seriamente.

Quando se leva este tipo de raciocínio para discussões polêmicas como a legalização do aborto o que se destaca é que para quem vive na lógica materialista, legalizar o aborto é importante pois evita que ele aconteça na clandestinidade em condições inadequadas, que põe em risco a vida e a saúde da mulher. O feto ainda não nasceu, não pode ser considerado uma pessoa, portanto, pode ser descartado se a mulher assim o quiser. Nesta visão, um Estado laico é um Estado sem religião e, portanto, ateu. Se para o Estado, Deus não existe e não temos uma alma imortal, não há dano algum em se desfazer deste material biológico que, tal como se ele fosse um “parasita”, estaria prejudicando a vida da “hospedeira”.

Por outro lado, se temos uma alma imortal que sobrevive à morte do corpo físico, então tem sentido em se falar que a vida começa antes do nascimento e o aborto, seja ele feito em quaisquer circunstâncias, tem implicações muito mais sérias e que merece uma discussão mais aprofundada. Os materialistas tentam evitar esta discussão dizendo que a ciência não provou que Deus existe e que temos uma alma imortal. Portanto, esta seria uma discussão inútil, pois não há como provar estas duas coisas. Somado a este tipo de argumentação sempre vem algum tipo de referência infeliz que associa a imagem de quem é religioso à atos de fanatismo, ignorância, ilusão ou até mesmo loucura e se apoiam numa visão de ciência parcial e dogmática onde o conceito de paradigma de Kuhn é utilizado para criar uma justificativa de porque eles não podem se dar ao trabalho de tentar investigar os fenômenos espirituais. Como este tipo de investigação não se dá sem que o cientista seja considerado louco e expulso da “academia”, os materialistas se sentem confortáveis atrás do “muro da vergonha”, não se atrevendo a por os pés do outro lado.

Quando eu invoco a memória de Kardec, eu o faço não por questões religiosas, mas para mostrar que qualquer um que se utilize dos métodos dele e/ou estude seriamente a sua obra terá as provas que a sua razão precisa para se libertar do referencial materialista. Mas Kardec não é o único caminho. Existem muitas outras maneiras de se chegar à mesma conclusão. Independentemente disso, ao contrário do que é defendido pelos materialistas, **um Estado laico não é um Estado ateu**. Sendo assim, um Estado laico deve também respeitar as diferentes posições religiosas e culturais e deve agir de forma a evitar que as diferenças e os conflitos que advenham destas diferenças ponham em risco a paz social e a vida humana.

Com relação à questão do aborto, é evidente que como qualquer intervenção médica, cirúrgica e/ou farmacêutica esse procedimento que tem risco e possíveis sequelas para a mulher, podendo até provocar o seu óbito. É certo que este risco pode ser bastante reduzido se o procedimento for executado nas condições adequadas, mas também é certo que para o feto a chance de sobrevivência é nula. No Brasil, ocorre cerca de um aborto induzido para cada quatro gravidezes. Este é um número extremamente alto. É evidente que o fator religioso não está pesando tanto assim na decisão das mulheres que provocam este aborto e este é um forte indício de que a igreja católica, principal acusada, pelo grupo materialista de “impedir o progresso da nação” com sua “posição retrógrada” em relação às questões de contracepção e aborto, está falhando em convencer os seus fiéis de porque o aborto é algo tão contrário às leis de Deus. Ou isso, ou o grupo materialista é muito maior do que se pensa e ele pode ser subdividido em dois subgrupos: 1- os materialistas autênticos - que assumem que não tem uma religião; 2 - os materialistas dissimulados - que adotam por conveniência uma religião mas não se preocupam em seguir os seus princípios, duvidam da existência de Deus e se pelam de medo da morte.

A chave de entendimento legada por Pietro Ubaldi nos faz ver que, em sua grande maioria, o mundo é constituído por pessoas com perfil egoísta (fortes e astutos), os justos (altruístas) são minoria, mas são também, os grandes responsáveis pelo progresso da humanidade nos mais diversos campos. Se formos analisar os escritos de Platão, veremos que o perfil que ele traça do filósofo corresponde ao perfil do justo. E dos três perfis de personalidade possíveis, somente o justo tem um compromisso ético com a verdade. Se pretendemos nos adequar a este perfil e se é este o perfil dos habitantes de uma sociedade ideal que visamos alcançar, então, precisamos nos posicionar corretamente perante à vida e aos problemas que ela nos apresenta. Sendo assim, qual é a melhor política pública em relação ao problema do aborto provocado, tendo em mente a proposta em defesa da vida? Legalizá-lo ou não?

Se legalizamos, estamos negando **o direito de estar no mundo** dessas crianças em *potencia* que estão sendo abortadas. Mais ainda, isso não garante que as mulheres que decidirem por fazer o aborto o consigam fazê-lo nas melhores condições e nem que elas possam não se sentir constrangidas em falar abertamente sobre esse assunto. Ou seja, a legalização não elimina o tabu, não impede os traumas psicológicos advindos desta decisão e não garante o preparo adequado da equipe médica e a perfeita disponibilidade dos serviços de saúde para atender a essa nova demanda. A razão para isso não é meramente uma questão de preconceito, mas de organização e logística do SUS que, reconhecidamente, são falhas com relação a outros atendimentos não tão polêmicos, haja vista os serviços de planejamento familiar/prevenção de doenças sexualmente transmissíveis que deixam muito a desejar.

Se estes serviços vão ter que ser melhorados após a legalização do aborto, por que não melhorá-los agora e assim reduzir drasticamente o número de abortos provocados? Se não houvesse mais gravidez indesejada, não teria mais necessidade de se pensar na possibilidade de se fazer um aborto, sem aborto não haveria as complicações que são dele decorrentes e o problema estaria resolvido na sua origem. Esta sim é uma proposta em defesa da vida e até mesmo a ala mais conservadora da Igreja Católica há de convir que evitar uma gravidez, quando não se está preparado para assumi-la, é melhor do que fazer um aborto. Por que os grupos de militância em defesa dos direitos humanos e das mulheres não abraçam esta causa? Será porque, no fundo, eles estão defendendo a preservação dos recursos naturais para a parcela mais rica da população mundial e, a legalização do aborto é uma forma eficiente de redução das taxas de natalidade das populações pobres deste planeta?

6 REFERÊNCIAS⁴¹

1. Alan Guttmacher Institute. *Clandestine Abortion: A Latin American Reality*, New York, 1994.
2. Aquino EML, Heilborn ML, Knauth D, Bozon M, Almeida MC, Araújo J, Menezes G. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Cad. Saúde Pública* 2003; 19(Sup. 2):5377-5388.
3. Barbosa RM, Pinho AA, Santos NS, Filipe E, Villela W, Aidar T. Aborto induzido entre mulheres em idade reprodutiva vivendo e não vivendo com HIV/aids no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* 2009; 14(4):1085-1099.
4. Brasil. Constituição 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal; 1988.
5. Cabezas-Garcia E, Langer-Glass A, Alvarez-Vazquez L, Bustamante P. Perfil sociodemográfico del aborto inducido 1998; 40(3):264-271.
6. Costa AM. *O PAISM: uma política de assistência integral à saúde da mulher a ser resgatada*. São Paulo, Comissão de Cidadania e Reprodução, 1992.
7. Costa SH. Aborto provocado: a dimensão do problema e a transformação da prática. In: Giffin K, Costa SH, organizadores. *Questões de saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1999.
8. Crespim J. Gravidez e abortamento na adolescência: novos dados, velhos desafios. *Rev. Paul. Pediatr*, 1998; 16:197-200.
9. Descartes R. 1596-1650. *Descartes: obras escolhidas*. J. Guinsburg, Roberto Romano e Newton Cunha, organização; J. Guinsburg, Bento Prado Jr., Newton Cunha e Gita K. Guinsburg, tradução; Newton Cunha, prefácio e notas. São Paulo: Perspectiva, 2010.
10. Duarte GA, Osis MJD, Faúndes A, Sousa MH. Aborto e legislação: opinião de magistrados e promotores de justiça brasileiros. *Rev. Saúde Pública* 2010; 44(3):1-15.
11. Ehrlich PR. *The Population Bomb*. New York: Ballantine Books, 1968.
12. Fusco CLB, Andreoni S, Silva RS. Epidemiologia do aborto inseguro em uma população em situação de pobreza – Favela Inajar de Souza, São Paulo. *Rev. Bras. Epidemiol.* 2008; 11(1):78-88.

⁴¹ Este trabalho foi realizado seguindo às “Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso” (USP, 2004) e, mais especificamente, as recomendações do “Grupo de Vancouver”, criado em 1978 por iniciativa de editores de importantes revistas médicas internacionais e que hoje é um padrão para mais de 500 revistas em todo o mundo, inclusive as principais revistas brasileiras de Saúde Pública.

13. Gonzales de Leon Aguirre D, Salinas Urbina AA. Los médicos en formación y el aborto: opinión de estudiantes de medicina em la Ciudad de México. *Cad. Saúde Pública* 1997; 13(2): 227-236.
14. Grof S. *Psicologia do futuro: lições das pesquisas modernas da consciência*. Tradução de Jussara de Avellar Serpa. Revisão técnica de Kiu Eckstein. Niterói – RJ: Heresis, 2000.
15. Hardy E, Alves G. Complicações Pós-Aborto Provocado: Fatores Associados. *Cad. Saúde Pública* 1992; 8(4):454-458.
16. Henshaw SK. Induced Abortion. A world reiew. *Fam Plann Perspect* 1990; 22(2):76-89.
17. Jagannathan R. Relying on surveys to understand abortion behavior: some cautionary evidence. *Am J Public Health* 2001; 91(11):1825-1831.
18. Kardec A. *O que é o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 27ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1983.
19. Kardec A. *O Céu e o Inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 31ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1984a.
20. Kardec A. *A Gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro da 5ª edição francesa. 27ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1984b.
21. Kardec A. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro da 1ª edição francesa. 20ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1984c.
22. Kardec A. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 62ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1985a.
23. Kardec A. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro da 49ª edição francesa. 51ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1985b.
24. Kardec A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 120ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 2002.
25. Kissling F. Perspectivas católicas progressistas em saúde e direitos reprodutivos: o desafio político da ortodoxia. *Cad. Saúde Pública* 1998; 14(Supl. 1):135-137.
26. Lacy CF, Armstrong LL, Goldman MP, Lance LL. *Medicamentos Lexi-comp Manole: uma fonte abrangente para médicos e profissionais de saúde*. Barueri, SP: Manole, 2009.

27. Loureiro DC, Vieira EM. Aborto: conhecimento e opinião de médicos dos serviços de emergência de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, sobre aspectos éticos e legais. *Cad. Saúde Pública* 2004; 20(3):679-688.
28. Medeiros RD, Azevedo GD, Oliveira EAA, Araújo FA, Cavalcanti FJB, Araújo GL, Castro IR. Opinião de estudantes dos cursos de Direito e Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte sobre o aborto no Brasil. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.* 2012; 34(1):16-21.
29. Monteiro MFG, Adesse L. Estimativas de aborto induzido no Brasil e Grandes Regiões (1992-2005). In: *Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Belo Horizonte: ABEP, 2006.
30. Nomura RMY, Brizot ML, Liao AW, Hernandez WR, Zugaib M. Gêmeos unidos e autorização judicial para o aborto. *Rev. Assoc. Med. Bras.* 2011; 57(2):205-210.
31. Nora JEP, Monteiro RA, Vieira EM. Algumas características das internações por aborto no município de Ribeirão Preto nos anos de 1997 e 1998. In: *IV Congresso Médico-Acadêmico*. Medicina 2001; 34 Suppl 2:24.
32. Nova Bíblia Viva. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
33. Osis MJD, Hardy E, Faúndes A, Rodrigues T. Dificuldades para obter informações da população de mulheres sobre aborto ilegal. *Rev. Saúde Pública* 1996; 30(5):444-451.
34. Peres SO, Heilborn ML. Cogitação e prática do aborto entre jovens em contexto de interdição legal: o avesso da gravidez na adolescência. *Cad. Saúde Pública* 2006; 22(7):1411-1420.
35. Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos. Dossiê aborto inseguro: direito de decidir sobre o aborto: uma questão de cidadania e democracia. Belo Horizonte: Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos; 2001.
36. Rossier C, Michelot F, Bajos N. Modeling the process leading to abortion: an application to French survey data. *Stud Fam Plann* 2007; 38(3):163-172.
37. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano primeiro – 1958*. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004a.
38. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano segundo – 1959*. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004b.

39. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano terceiro – 1960. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004c.
40. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano quarto – 1961. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. 2ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004d.
41. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano quinto – 1962. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004e.
42. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano sexto – 1963. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004f.
43. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano sétimo – 1964. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004g.
44. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano oitavo – 1965. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004h.
45. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano nono – 1966. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. 2ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005a.
46. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano décimo – 1967. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. 2ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.
47. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano décimo primeiro – 1968. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. 2ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.
48. Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Ano décimo segundo – 1969. Publicado sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. 2ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005b.

49. Silva RS, Carneiro MCMO, Drezett J, Andreoni S. Prevalência e características de mulheres com aborto entre mulheres com histórico de gestação. *Journal of Human Growth and Development* 2012; 22(1):1-7.
50. Sorrentino SR, Lebrão ML. Os abortos no atendimento hospitalar de estado de São Paulo, 1995. *Rev. Bras. Epidemiol.* 1998; 3(1):256-267.
51. Steinhoff P. Women who obtain repeat abortions: A study based on Record Linkage. *Fam Plann Perspect* 1979;11(1).
52. Stevenson I. Reencarnação: vinte casos. Tradução de Carolina Coelho Lima. 2ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora, 2011a.
53. Stevenson I. Crianças que lembram de vidas passadas. Tradução de Carolina Coelho Lima. 1ª edição. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora, 2011b.
54. Ubaldi P. Queda e Salvação. Tradução de Manuel Emygdio da Silva. 1ª ed. São Vicente, SP: Monismo, 1965.
55. Universidade de São Paulo. Sistema Integrado de Bibliotecas. Grupo DiTeses. Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso. Vânia M. B. de Oliveira Funaro, coord, ... [et al.]. São Paulo: SIBi-USP, 2004.
56. Vieira LM, Goldberg TBL, Saes SO, Dória AAB. Abortamento na adolescência: da vida à experiência do colo vazio – um estudo qualitativo. *Ciência & Saúde Coletiva* 2010; 15(Supl. 2):3149-3156.
57. Weil P, D'Ambrosio U, Crema R. Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.